

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS - PPGICH

A LUZ DAS CANDEIAS DO DIVINO: A ESPETACULARIZAÇÃO DA FÉ E AS
MEMÓRIAS AFETIVAS EM ALVARÃES/AM

ESTEFANY PEREIRA DA SILVA

**A LUZ DAS CANDEIAS DO DIVINO: A ESPETACULARIZAÇÃO DA FÉ E AS
MEMÓRIAS AFETIVAS EM ALVARÃES/AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas, na linha de pesquisa Teoria, História e Crítica Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda.

Tefé-AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586llu Silva, Estefany Pereira da
z A luz das candeias do Divino : a espetacularização da fé
e as memórias afetivas em Alvarães-AM / Estefany Pereira
da Silva. Manaus : [s.n], 2024.
123 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar
em Ciências Humanas - PPGICH - Universidade do
Estado do Amazonas, Manaus, 2024.
Inclui bibliografia
Orientador: Holanda, Yomarley Lopes

1. Festa do Divino. 2. Alvarães. 3. Espetacularização.
4. Memórias afetivas da festa. I. Holanda, Yomarley
Lopes (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas.
III. A luz das candeias do Divino

**A LUZ DAS CANDEIAS DO DIVINO: A ESPETACULARIZAÇÃO DA FÉ E AS
MEMÓRIAS AFETIVAS EM ALVARÃES/AM**

ESTEFANY PEREIRA DA SILVA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – PPGICH/UEA, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda.

Aprovada em: 30/04/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Yomarley Lopes Holanda - **Orientador**
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do
Estado do Amazonas – UEA.

Prof. Dra. Monica Dias de Araújo
Centro de Estudos Superiores de Tefé– CEST /Universidade do Estado do Amazonas –
UEA.
Examinadora Interna

Dr. Eduardo Kazuo Tamanaha
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá – IDS.M.
Examinador Externo

Profa. Dra. Cristiane da Silveira
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade do
Estado do Amazonas – UEA.
Suplente Interna

Prof. Dr. José Lino do Nascimento Marinho
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – Universidade Federal
do Amazonas – UFAM.
Suplente Externo

DEDICATÓRIA

Como as candeias do Divino que iluminam os fiéis, dedico este artesanato dissertativo à minha mãe Maria Lenice e o meu pai Joziel Santana (in memoriam) que transcenderam em centelhas memoriais que marcaram e iluminaram a minha caminhada pessoal, afetiva e acadêmica.

AGRADECIMENTOS

O lugar de epifania que transcende o devaneio poético fora concedido através dos embalares da rede que auxiliaram na gestação das ideias epistemológicas desta dissertação. E no cada embalar relembrei de rostos, vozes e sentimentos das pessoas que me auxiliaram e encorajaram no teçume desse estudo. Neste sentido, iremos agradecer primeiramente a Deus e ao Espírito Santo, pois concederam a vida e entendimento que guiaram na construção deste ateliê interdisciplinar.

*A nós descei, Divina Luz
A nós descei, Divina Luz
Em nossas almas acendei
O amor, o amor de Jesus
Em nossas almas acendei
O amor, o amor de Jesus*

*Vinde, Santo Espírito, e do céu mandai
Luminoso raio, luminoso raio
Vinde, Pai dos pobres, doador dos dons
Luz dos corações, luz dos corações
Grande defensor, em nós habitai
E nos confortai, e nos confortai
Na fadiga, pouso, no ardor, brandura
E na dor, ternura, e na dor, ternura.
(Compositor Reginaldo Veloso).*

A partir dessa canção tivera o ensejo de acalmar os banzeiros que se aludem as incertezas, angústias e fraquezas, assim entoava essa melodia que abrandava os rios revoltos do coração da mestrandia em que concebera inspiração, iluminação e orientação. Desse modo, compreendemos que nesta trajetória, a construtora deste trabalho não estava sozinha e nos momentos de lágrimas e infelicidades, as suas irmãs **Ester** e **Estela** estavam amparando-a em todas as situações, bem como incentivando a nunca desistir dos seus sonhos e metas. Portanto, agradeço muito as minhas irmãs neste percalço que o destino nos uniu.

Obrigada professor Dr. Yomarley Lopes Holanda, que com suas preciosas orientações fizeram-me mergulhar nesses devaneios epistêmicos que contribuiu para o pleno desenvolvimento desta pesquisa. Ressaltamos que com suas contribuições possibilitaram a tecer os fios condutores deste referido trabalho.

A todos os professores (as) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em

Ciências Humanas que foram relevantes para o meu caminhar acadêmico; onde levarei os ensinamentos e reflexões realizadas em sala de aula para minha trajetória acadêmica e social.

E principalmente aos colaboradores que contribuíram para a construção desta pesquisa entrelaçada pelas memórias afetivas, assim, profundamente agradeço pela colaboração e disponibilidade. Portanto, todo o conhecimento deve ser compartilhado e muito obrigada por partilhar as memórias, o qual, possibilitaram-me adentrar proficuamente no mundo das ideias.

Concluído, sou grata a todos que participaram desta trajetória carregadas de recordações e experiências enriquecedoras e felizes!

EPÍGRAFE

O devaneio que queremos estudar é o devaneio poético, um devaneio que a poesia coloca na boa inclinação, aquela que uma consciência em crescimento pode seguir. Esse devaneio é um devaneio que se escreve ou que, pelo menos, se promete escrever. Eleja está diante desse grande universo que é a página em branco. Então as imagens se compõem e se ordenam. O sonhador escuta já os sons da palavra escrita. (Bachelard, 2009, p. 07).

RESUMO

Este estudo objetivou-se em desvelar os complexos socioculturais que norteiam a festa do Divino Espírito Santo na cidade de Alvarães/AM, com ênfase na espetacularização da fé e nas memórias afetivas. Especificamente, discutir a historicidade do Festejo do Divino em Alvarães, assim como as teias simbólicas e seus significados para constituição de identidade da população alvaraense; examinar o processo de espetacularização da religiosidade na festa do Divino em Alvarães/AM, bem como, em analisar as memórias afetivas dos protagonistas e construtores do evento da festa do Divino em Alvarães/AM. A problemática deste estudo advém em pensarmos nessas teias simbólicas construídas nesta festividade que acontece em uma cidade pequena e periférica em que trazemos ao palco relatos e memórias de pessoas que antes eram vistas à margem do conhecimento científico. Justificamos que o interesse de elaborar esse artesanato escrito fora a partir das recordações afetivas da pesquisadora sobre a fé e devoção da festa, o que tecemos um olhar do estranhamento do familiar. E esta manifestação cultural é realizada anualmente no município de Alvarães/AM, onde ocorre a tecedura entre os elementos socioculturais, simbólicos, ritualísticos e artísticos. A presente pesquisa é de cunho interdisciplinar e rizomática e se amparou no método etnográfico de Geertz (2008) da “descrição densa” e nas entrevistas semiestruturadas, além da análise documental. Essas abordagens metodológicas possibilitaram uma análise interpretativa dos signos e significados que se articulam neste evento que atrai olhares de diversas pessoas dos municípios do Amazonas e comunidades ribeirinhas. Diante disso, as principais referências teóricas desta pesquisa foram: Amaral (1998), Loureiro (1995), Bachelard (2008), Durand (1988), Geertz (2008), Canclini (2006), Holanda (2019) e entre outros que foram de extrema relevância para constituição teórica deste trabalho epistêmico. Assim, entendemos que o festejo do Divino de Alvarães é permeado por uma teia de significações tecidas pelos os sujeitos que tomam parte do evento ou por ele são envolvidos. Portanto, o estudo que desenhamos acerca das mudanças e permanências ocorridas historicamente neste festejo e refletir a sua relevância para a sociedade alvaraense e amazônica.

Palavras-chave: Festa do Divino; Alvarães; Espetacularização; Memórias afetivas da festa.

ABSTRACT

This study aimed to unveil the sociocultural complexes that guide the festival of the Divine Holy Spirit in the city of Alvarães/AM, with an emphasis on the spectacularization of faith and affective memories. Specifically, to discuss the historicity of the Festival of the Divine in Alvarães, as well as the symbolic webs and their meanings for the constitution of the identity of the population of Alvarães; to examine the process of spectacularization of religiosity in the festival of the Divine in Alvarães/AM, as well as to analyze the affective memories of the protagonists and builders of the event of the festival of the Divine in Alvarães/AM. The problem of this study comes from thinking about these symbolic webs constructed in this festival that takes place in a small and peripheral city in which we bring to the stage reports and memories of people who were previously seen as marginalized by scientific knowledge. We justify that the interest in creating this written craft was based on the researcher's affective memories of the festival's faith and devotion, which we weave from a perspective of the strangeness of the familiar. And this cultural manifestation is held annually in the municipality of Alvarães/AM, where the interweaving of sociocultural, symbolic, ritualistic and artistic elements occurs. This research is interdisciplinary and rhizomatic in nature and was supported by Geertz's (2008) ethnographic method of "thick description" and semi-structured interviews, in addition to documentary analysis. These methodological approaches enabled an interpretative analysis of the signs and meanings that are articulated in this event that attracts the attention of several people from the municipalities of Amazonas and riverside communities. Therefore, the main theoretical references of this research were: Amaral (1998), Loureiro (1995), Bachelard (2008), Durand (1988), Geertz (2008), Canclini (2006), Holanda (2019) and others that were extremely relevant to the theoretical constitution of this epistemic work. Thus, we understand that the celebration of the Divine of Alvarães is permeated by a web of meanings woven by the subjects who take part in the event or are involved in it. Therefore, the study we designed about the changes and continuities that have historically occurred in this celebration and reflect its relevance for the society of Alvarães and the Amazon.

Keywords: Festival of the Divine; Alvarães; Spectacularization; Affective memories of the festival.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo desvelar los complejos socioculturales que guían la fiesta del Divino Espíritu Santo en la ciudad de Alvarães/AM, con énfasis en la espectacularización de la fe y las memorias afectivas. Específicamente, discutir la historicidad del Festejo do Divino en Alvarães, así como las redes simbólicas y sus significados para la constitución de la identidad de la población de Alvarães; examinar el proceso de espectacularización de la religiosidad en la Fiesta del Divino en Alvarães/AM, así como analizar las memorias afectivas de los protagonistas y constructores del evento de la Fiesta del Divino en Alvarães/AM. El problema de este estudio surge de pensar en esas redes simbólicas construidas en este festival que se desarrolla en una pequeña ciudad periférica en la que ponemos en escena relatos y memorias de personas que antes eran vistas al margen del conocimiento científico. Justificamos el interés de crear este oficio escrito a partir de las memorias afectivas del investigador sobre la fe y devoción de la festividad, que nos da una mirada sobre el extrañamiento de lo familiar. Y este evento cultural se realiza anualmente en el municipio de Alvarães/AM, donde se entrelazan elementos socioculturales, simbólicos, rituales y artísticos. Esta investigación es de carácter interdisciplinario y rizomático y se basó en el método etnográfico de “descripción densa” y entrevistas semiestructuradas de Geertz (2008), además del análisis documental. Estos planteamientos metodológicos permitieron un análisis interpretativo de los signos y significados que se articulan en este evento que atrae la mirada de diferentes habitantes de municipios amazónicos y comunidades ribereñas. Ante esto, los principales referentes teóricos de esta investigación fueron: Amaral (1998), Loureiro (1995), Bachelard (2008), Durand (1988), Geertz (2008), Canclini (2006), Holanda (2019) y entre otros que fueron de extrema relevancia para la constitución teórica de este trabajo epistémico. Así, entendemos que la celebración del Divino de Alvarães está permeada por una red de significados tejidos por los sujetos que participan del evento o están involucrados en él. Por lo tanto, el estudio que diseñamos sobre los cambios y continuidades que se dieron históricamente en esta celebración refleja su relevancia para Álvara y la sociedad amazónica.

Palabras clave: Fiesta de lo Divino; Permisos; Espectacularización; Cariñosos recuerdos de la fiesta.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Mosaico de imagens da Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM, p. 18.
- Figura 2:** Localização do campo de pesquisa, p. 34.
- Figura 3:** Imagem de drone sobrevoando a cidade de Alvarães/AM, p. 35.
- Figura 4:** Imagem de drone sobrevoando a cidade de Alvarães/AM, p. 35.
- Figura 5:** Imagem sobre a lei regente promulgando a festa do Divino como uma festa cultural na cidade de Alvarães/AM, p. 39.
- Figura 6:** Calendário católico com os tempos litúrgicos, p. 42.
- Figura 7:** Imagem da alvorada que 05h:00 da manhã, p. 43.
- Figura 8:** Imagem da procissão terrestre pelas ruas da cidade de Alvarães/AM, p. 44.
- Figura 9:** Imagem da distribuição do café regional, p. 45.
- Figura 10:** Imagem da valsa tradicional da Festa do Divino, p. 46.
- Figura 11:** Imagem da levantação do Mastro, p. 47.
- Figura 12:** Imagem da procissão para a levantação do Mastrinho, p. 48.
- Figura 13:** Imagem do novenário na capela do Divino Espírito Santo, p. 49
- Figura 14:** Imagem do arraial em frente da capela do Divino Espírito Santo, p. 49.
- Figura 15:** Imagem estrutural da festa: a Micro e a Macro-escala, p. 52.
- Figura 16:** Panfleto do convite da Festa do Divino/2013, p. 53.
- Figura 17:** Panfleto do convite da Festa do Divino/2022, p. 54.
- Figura 18:** Panfleto do convite da Festa do Divino/2023, p. 54.
- Figura 19:** Registros do diário do missionário jesuíta Samuel Fritz, p. 59.
- Figura 20:** Paisagem do lago de Tefé, p. 60.
- Figura 21:** Paisagem do lago de Tefé, p. 60.
- Figura 22:** Saída para procissão da coroa do Divino da capela, p. 64.
- Figura 23:** Saída para procissão da coroa do Divino da capela, p. 64.
- Figura 24:** À esquerda está a Dona Bibita carregando o andor do Divino, p. 64.
- Figura 25:** Procissão pelas ruas do município de Alvarães, p. 64.
- Figura 26:** Os devotos aguardando a procissão fluvial para dar seguimento a procissão terrestre, p. 67.
- Figura 27:** Público aguardando a entrada do cantor principal da Festa do Divino, p. 67.
- Figura 28:** Telespectadores curtindo os shows, p. 67.
- Figuras 29:** Imagens de *drone* da última noite da festa espetacular, p. 81.
- Figuras 30:** Imagens de *drone* da última noite da festa espetacular, p. 82.

Figura 31: Os foliões do Divino Espírito Santo, p. 88.

Figura 32: Trajeto da procissão do Divino Espírito Santo, p. 91.

Figuras 33: Imagens da Procissão, p. 94.

Figura 34: Imagem que retrata pagadores de promessa, onde crianças são vestidas de anjinhos, p. 100.

Figura 35: Imagem da procissão terrestre onde ocorre as peregrinações e pagamentos de promessas, p. 100.

LISTA DE SIGLAS

AM – Amazonas;

CEST – Centro de Estudos Superiores de Tefé;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

PPGICH – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas;

UEA – Universidade do Estado do Amazonas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
 CAPÍTULO I - TECENDO UMA ETNOGRAFIA SENTIMENTAL DE ALVARÃES E SUA FESTA	18
1.1 Uma descrição densa da Festa do Divino em Alvarães/AM	19
1.2 O Divino Espírito Santo, uma festa que não tem fim	30
1.3 Navegando pelas teias do sagrado-dionisíaco do Festejo de Alvarães	50
 CAPÍTULO II - A ESPETACULARIZAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR NO FESTEJO DO DIVINO	57
2.1 – A espetacularização das festas amazônicas	57
2.2 – O embate simbólico entre a tradição e a modernidade no festejo	68
2.3 – Cenas, cenários e protagonistas do festejo-espetáculo.....	76
 CAPÍTULO III- AS CANDEIAS DO DIVINO ILUMINAM AS MEMÓRIAS ...	84
3.1 – O festejo como dispositivo de memórias	84
3.2 – Procissões: passagens sacralizadas que arrastam multidões	90
3.3 – As promessas e graças nas memórias afetivas.....	95
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute aspectos relevantes no contexto da realização do Festejo do Divino Espírito Santo que acontece anualmente no município de Alvarães/AM, localizado na margem direita do Rio Solimões. O evento tornou-se ao longo dos anos um dos festejos mais aguardados pela população da cidade e de municípios vizinhos e comunidades rurais. Esta festa constitui-se em uma manifestação cultural e exprime na sua construção o caráter simbólico, religioso, sociocultural, artístico e subjetivo da coletividade.

A pesquisa objetiva desvelar os complexos processos socioculturais que norteiam a festa do Divino em Alvarães/AM, com ênfase na sua espetacularização e produção de memórias afetivas. Os objetivos específicos se desdobram, a saber: discutir a historicidade do Festejo do Divino em Alvarães, assim como as teias simbólicas e seus significados para constituição de identidade da população alvaraense; examinar o processo de espetacularização da religiosidade na festa do Divino; e também analisar as memórias afetivas dos protagonistas e construtores deste evento.

A problemática desta pesquisa consistiu em pensar nas complexas teias simbólicas que se enredam o Festejo do Divino Espírito Santo de uma cidade pequena, periférica, localizada distante da capital do Estado, Alvarães. Mas nem por isso menos importante na confecção de uma cultura complexa que conecta elementos da religiosidade popular amazônica e dionisiaca. Deste modo, este estudo se norteia em evidenciarmos que as festividades amazônicas ainda são consideradas de pouca relevância enquanto objeto de pesquisa pela ciência positiva, pois o cartesianismo durante muito tempo excluiu a participação e percepções sobre eventos festivos e seus agentes considerados “subalternos”.

Diante disso, foram delineadas hipóteses que guiaram esta investigação que se inicia com a seguinte afirmativa: a festa do Divino Espírito Santo consiste em ser um evento cultural, artístico, lúdico e poético que mobiliza a sociedade local e vizinha, possibilitando essa “hibridação cultural” entre os participantes desta referida festividade, em que parafraseando Canclini (2006) as festas populares são cercadas por um ciclo de hibridação e quem participa destas manifestações vivem momentos eternos que se perdura nas memórias desses sujeitos epistêmicos. E essas memórias afetivas e espetacularização da fé são construídas nesta festa popular, pois contribuem para

construção da identidade cultural da população alvaraense, posto que segundo Holanda (1995, p. 150), essas manifestações religiosas carregam identidade cultural que acende “(...) o nosso sentimento religioso”. Acrescentamos que neste evento ocorre a tecitura simbólica entre elementos sagrados e dionisiacos.

A escolha por esta temática surgiu a partir do interesse e da curiosidade da pesquisadora que teve como ensejo científico de investigar na cidade em que reside esta celebração dedicada à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. As simbologias dessa religiosidade amazônica sempre nos chamaram a atenção, principalmente suas complexas relações entre o sagrado e o dionisiaco, presentes na Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM.

O respectivo estudo alicerçou-se em uma abordagem metodológica interdisciplinar, partindo da proposta metodológica de uma “descrição densa” de Geertz (2008), bem como a tecitura de uma construção a partir do postulado rizomático de Deleuze e Guattari (2012) e da cartografia sentimental, buscando-se analisar microscopicamente as nuances dessa festividade.

Neste Festejo popular não se reúnem somente os devotos e promesseiros em honra ao Divino Espírito Santo, mas também pessoas que vão para prestigiar as festas sociais. Então, há está junção entre o sagrado e o profano nesta mobilização religiosa e cultural. Vale salientar que a festa do Divino Espírito Santo é um dos eventos mais esperados do ano pela população alvaraense, onde ocorre este deslocamento de pessoas das comunidades ribeirinhas pertencentes ao município de Alvarães e sujeitos de outras cidades que viajam para celebrar as dez noites do festejo. O evento agrega geralmente no mês de maio uma grande concentração de pessoas, contribuindo também para dinamizar a economia da cidade de Alvarães, pois ocorre uma grande circulação de recursos financeiros e econômicos neste período.

O capítulo I intitulado “**Tecendo uma etnografia sentimental de Alvarães e sua festa**” trilhara uma tecitura etnográfica sentimental da Festa do Divino Espírito Santo, numa espécie de sobrevoos pelo devaneio poético que se articula com as memórias afetivas que são formadas a partir do momento em que os sujeitos epistêmicos estão envolvidos no evento. Bachelard (2009, p. 20) exprime que “(...) a memória sonha, o devaneio lembra”, navegaremos constituindo uma análise densa e complexa inserindo como principais protagonistas esses sujeitos que sonham e rememoram os acontecimentos que são e foram presentificados nesta festa sociocultural, que deixam testemunhos e

espectadores.

Galvão (1955) expõe que a arte de festejar se incorpora na cultura das populações que moram nesta Amazônia profunda, e os santos ou divindades têm como função proteger os indivíduos de “males e infortúnios”, e essa relação intrínseca entre as pessoas e os santos se baseiam a partir de devoção, fé e promessas. Vale salientar que ser humano depende da cultura e sem ela, ele não seria ninguém.

A Festa do Divino Espírito Santo torna-se um evento produtor de cultura e tradições que são ordenados através de ritos simbólicos. Desse modo, fora realizado o desvelamento a partir das memórias individuais e coletivas, um voejar pelas signos e significados que são efetuados neste festejo. Trilharemos reflexões pelo histórico da Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM, bem como, os rituais produzidos no decorrer desde referido festejo como: a alvorada, a procissão, o mastro e entre outros, que ganham significados simbólicos dos indivíduos que os produzem e reproduzem.

Neste sentido, a festa do Divino cativa dois olhares o do sagrado e dionisíaco, pois esses dois elementos estruturam o evento o tornando único e singular. O sagrado e o dionisíaco tornam-se produtores de normas e comportamentos dos sujeitos que elaboram e participam desde festejo católico que leva em sua essência resquícios das culturas amazônicas.

O capítulo II intitulado “**A espetacularização da religiosidade popular no festejo do Divino**” desnuda análises sobre o processo de espetacularização do evento, tendo em vista a inserção cada vez mais intensa de elementos modernos, dispositivos de entretenimento que atinge o campo da religião das festas amazônicas. Esta espetacularização transita pelas vias do “tradicional e o moderno” (Santos, 2015, p. 39). E as ressignificações culturais produzem novos subsídios que transitam na constituição das cerimônias ritualísticas que serão repassadas para as futuras gerações, e essa incorporação desses novos elementos permite a continuidade destas festas socioculturais (Peirano, 2003).

As espetacularizações culturais produzem constantes mudanças e reinvenção que desencadeiam novos signos culturais, e nesses espetáculos das festas religiosas ocorre a massificação com o comparecimento das mídias e investimentos no turismo (Trigueiro, 2005). Dessa forma, esses eventos são modificados em um produto que facilitam o investimento de dinheiro “(...) a festa que é vendida e comprada” (Santos, 2015, p. 39).

Salientamos que na festa do Divino Espírito Santo ocorre esse embate simbólico

entre a tradição e a modernidade, pois no percurso das décadas o caráter tradicional mesclou-se divergentemente com o moderno, assim, esses dois aspectos andam lado a lado. Demonstramos um caminho que aborda essas cenas, cenários e protagonistas do festejo espetáculo, como mencionar Maffesoli (2005, p. 10) que “a cultura só serve para ser consumida, não é preciso ter medo de partilhar um certo esforço, que permita a cada um o direito e a possibilidade de pensar por si mesmo. ” Os complexos culturais são compartilhados através desses cenários produzidos nessas festividades em que ressurgem emoções e afetividades.

No capítulo III almejamos conhecer de perto “**As candeias do Divino iluminam as memórias**”, tendo em vista as memórias produzidas pelos fiéis e participantes. E essas memórias são como candeias que iluminam a escuridão do esquecimento. Vale ressaltar que as recordações estão conectadas nessa escolha de imagens que representam essa identidade cultural.

E esses dispositivos criados pelas memórias estão articuladas com as promessas e graças concedidas através do festejo do Divino, sendo que, os promesseiros estão atuando devotamente por meio de ações concretas nessa referida celebração como peregrinar com pés descalços, revezar em levar os mastros, ajudar a carregar o andor com a coroa do Divino e entre outros gestos que são feitos para pagar essas dádivas recebidas. Os pagadores de promessas realizam os seus deveres a partir da proteção e cura de uma doença ou malefícios (Zaluar, 1983).

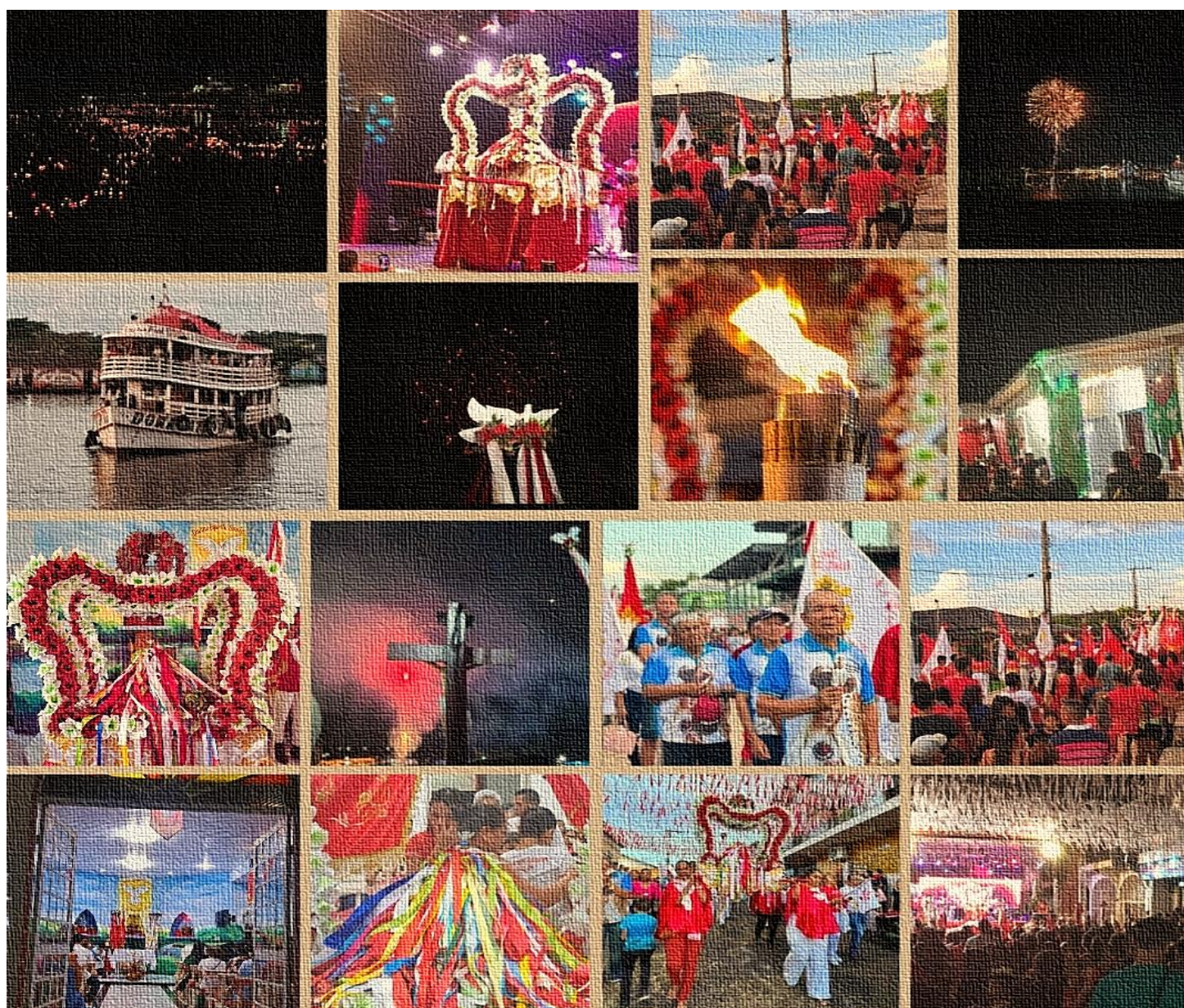
Desta forma, o núcleo da festa do Divino perpassa por mudanças e permanências na proporção de que atravessam o formato da elaboração e organização nos rituais que compõem nesta festividade. Portanto, tornar-se importante que essa festa acompanha o fluxo da sociedade, mas que não deixe sua essência tradicional seja esquecida. Sendo assim, como a cultura é norteadada por constantes transformações, a festa do Divino tem no seu âmago uma interface sociocultural e é fundamental que ela acompanhe a fluidez da sociedade para sua permanência.

CAPÍTULO I

TECENDO UMA ETNOGRAFIA SENTIMENTAL DE ALVARÃES E SUA FESTA

Durante nossa vida somos conduzidos por amores, paixões, divertimentos e crenças, assim essas emoções contagiam os seres humanos levando-os ao mundo das ideias.

Figura 1: Mosaico de imagens da Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM.



Fonte 1: Arquivo pessoal, 2024.

1.1. Uma descrição densa da Festa do Divino em Alvarães/AM

Entendemos que a Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM está entrelaçada com a formação da identidade da própria população do lugar, pois este evento está intrinsecamente interligado com a religião católica que predomina em relação aos valores culturais, religiosos e sociais de Alvarães, eclodindo daí processos importantes para se pensar na cultura popular amazônica.

O artesanato da escrita é tecido pelas memórias afetivas que podem ser constituídas em individuais e coletivas, pois estamos entrando no campo do devaneio poético dessas memórias, como exprime Bachelard (2009, p. 5), “o devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente”, o devanear possibilita acessar os espaços mais remotos das memórias permitindo o sobrevoo pelas recordações vívidas e fluídas de cada sujeito epistêmico.

A memória se torna umas das potentes ferramentas para se pensar no passado e suas nuances. As recordações tornam-se uma importante porta para compreender as histórias, culturas e costumes de cada povo. E ao revisitar essas memórias afetivas levantamos voo sobre a imaginação, isso faz-nos contemplar os valores e fatos de cada sociedade. Neste sentido, compreendemos a importância de escrever essas memórias e devaneios para não deixa-las na obscuridade do esquecimento, o autor Gabriel García Márquez (2003, p. 5) postula que “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.” Diante disso, essas recordações emotivas são fundamentais para construção da narrativa deste estudo, e antes de qualquer coisa irá ser desnudado as minhas memórias sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães.

Ao revisitar as minhas memórias sentimentais que envolvem felicidade, fé e a devoção em honra ao Divino Espírito Santo, recordo-me de momentos que marcaram a minha infância até a vida adulta, e essa imensidão de pensamentos reminiscetes me colocaram a devanear sobre memórias que envolviam certa curiosidade para além do senso comum: desde uma tenra idade, a minha família estava inserida nesta cultura popular das festas religiosas, e recordo-me claramente deste evento, lembranças da minha mãe me acordando as 4 horas da madrugada com as minhas irmãs para participarmos da Alvorada, essas cenas que ressonaram e marcaram profundamente foram através da peregrinação pelas ruas da cidade que envolvia fé, emoções, devoções ao Divino Espírito Santo. Como se expressa na composição musical “A Bandeira do Divino” de Ivan Lins e

Vitor Martins:

<i>Os devotos do Divino</i>	<i>Que o perdão seja sagrado</i>
<i>Vão abrir sua morada</i>	<i>Que a fé seja infinita</i>
<i>Pra bandeira do menino</i>	<i>Que o homem seja livre</i>
<i>Ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai</i>	<i>Que a justiça sobreviva, ai, ai</i>
<i>Deus nos salve esse devoto</i>	<i>Assim como os três reis magos</i>
<i>Pela esmola em vosso nome</i>	<i>Que seguiram a estrela guia</i>
<i>Dando água a quem tem sede</i>	<i>A bandeira segue em frente</i>
<i>Dando pão a quem tem fome, ai, ai</i>	<i>Atrás de melhores dias, ai, ai</i>
<i>A bandeira acredita</i>	<i>No estandarte vai escrito</i>
<i>Que a semente seja tanta</i>	<i>Que ele voltará de novo</i>
<i>Que essa mesa seja farta</i>	<i>Que o rei será bendito</i>
<i>Que essa casa seja santa, ai, ai</i>	<i>Ele nascerá do povo, ai, ai (...).</i>

Este trajeto de peregrinação conduzida pelas canções que tocavam os fiéis com as bandeiras e velas nas mãos que iluminavam os recônditos mais escuros da cidade e a procissão seguia exprimindo alegria e veneração. Neste sentido, surgiu o seu primeiro passo para entender esses complexos simbólicos da Festa do Divino, e essas lembranças envolvendo a procissão, levantação do mastro, a festa cultural e a adoração ao Santo e as bandeiras que fizeram perceber a relevância desta festa para a construção da identidade da população alvaraense.

Diante disso, considero-me uma investigadora que se inclui como agente do objeto da minha pesquisa, pois partilho de memórias e fé acerca desta festividade. Desta forma, se instigou o ato de observância epistêmica acerca do senso familiar, o processo de estranhamento possibilitou a pesquisadora deste estudo identificar e analisar novos olhares acerca da festividade do Divino.

O autor Geertz (2008) enfatiza que o trabalho etnográfico consiste-se no processo de construção do conhecimento que parte da premissa da subjetividade, e consequentemente implica numa índole aproximativa e indefinida. Como ressalta Gilberto Velho (1978) destaca que o familiar é alvo de relativizações, então faz-se necessário que o pesquisador navegue por uma ótica interpretativa e dinâmica de sua pesquisa, desvelando-se o seu conhecimento sobre determinado fenômeno e levando em consideração a percepção dos seus colaboradores.

Esta festividade se entrelaça em uma trama que inclui criação artística, poética, imaginária, como também percepções, históricas, mitológicas, trabalho e comércio. Desse modo, pode-se perceber que a crença religiosa e cultural foram como sementes que germinaram na essência da mestrandia com o intuito de ruminar um estudo que analise de forma científica e contemplativa os signos ritualísticos, simbólicos e culturais que encarnam na festividade do Divino Espírito Santo.

Dessa maneira, a cultura é a essência que busca compreender os sentidos e emoções que advém dos nossos corações e vivências que transformam esteticamente a nossa realidade em centelhas culturais e sociais. Como analisamos o poema XIV inscrito por Georges Rodenbach do livro intitulado “Le miroir du ciel natal” (O espelho do céu natal, 1898) que representa de maneira poética dessa imaginação memorial:

Doçura do passado que se rememora
Através das brumas do tempo
E das brumas da memória.

Doçura de rever-nos criança
Na velha casa de pedras enegrecidas

Doçura de rever o porte adelgado
Da criança pensativa, a fronte na vidraça...

É oportuno refletir acerca deste poema que ecoa na doçura de reviver lembranças do passado, que são imersas através de névoas temporais e que advém desta brandura infantil do vívido nas experiências sencientes que se encarnam no âmago de cada indivíduo. E nesta pesquisa etnográfica observou-se os sorrisos, emoções e fé das pessoas ao se recordarem da Festa do Divino em Alvarães/AM que retornam a serem como uma “criança pensativa” que resgata as memórias de infância que se espelham nas vidraças que voejam sobre o passado de cada colaborador.

Bachelard (2008, p. 196) comenta que “na alma relaxada que medita e sonha, uma imensidão parece esperar as imagens da imensidão. O espírito vê e revê objetos. A alma encontra no objeto o ninho de uma imensidão”, por isso captamos também essa significância dos objetos como: coroa, bandeiras, velas, candeias, mastro, e entre outros, que fazem pontes imagéticas e refletem nas vidraças das recordações de questões já convivas.

Então, é nosso intento ouvir as pessoas expressarem seus sentimentos, lamurias, alegrias e fé que se presentificam neste evento social. De modo, que se construiu essa

análise visando os relatos, as experiências, as subjetividades e as memórias desses colaboradores epistêmicos que são considerados primordiais para a elaboração deste estudo, pois entendemos que a cultura é arte que contorna as características de um povo que automaticamente estabelece memórias históricas, crenças e costumes que se articulam com a religião que apresenta na vida dos cristãos com essa espetacularização de sua fé.

Bossi (1987) discute em seu livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, que a pesquisa deve ter um compromisso sentimental e afetivo, e que devemos trabalhar com ética e respeito com as narrativas contadas oralmente pelos seus agentes epistêmicos. Em conformidade com a autora “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara à consciência na forma de imagens-lembrança. ” (Bossi, 1987, p. 15). E essas memórias são ricas infinitamente de registros fragmentados de imagens e emoções que tocaram esses indivíduos, em que se opera nessas recordações vivas que é emergida no decorrer das entrevistas.

O ponto partida para entender a memória se inicia com a conceituação que de acordo com Le Goff (2003) torna-se uns dos principais objetos das ciências humanas e seu conceito é crucial quando se trabalha com as memórias individuais e coletivas, isto é, a memória armazena informações que são advindas conexões de funções psíquicas, a qual, os indivíduos remodelam essas recordações imagéticas ou informações repassadas, e o estudo da memória atravessa o campo da “psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia” (Le Goff, 2003, p.423).

Ressaltamos, conforme Morin (2005), que devemos produzir “ciência com consciência” que está interconectada com o saber e o pensar complexo, isso significa que necessitamos construir conhecimentos que contribuam para a nossa sociedade. E nessa criação desse conhecimento é relevante ser tecido sem utilizar quaisquer manipulações ou mentiras.

Vale salientar que a construção desta temática se iniciou a partir das minhas idas e vindas entre a cidade de Alvarães e Tefé, onde cursava licenciatura em História, e nestas viagens lembro-me de estar atravessando num barquinho velho com os demais universitários em busca de um sonho de ter ensino superior, e através dessas viagens me questionava qual o ponto de partida para realizar um trabalho que colocassem em evidência a cultura da população alvaraense e também trazer contribuições através desta pesquisa para o município em que resido. Cabe analisar que a viagem se fundamenta

como conceito da antropologia cultural que transporta o indivíduo a uma dimensão pensante e reflexiva sobre o seu meio social que correlaciona neste ato de esculpir concepções que tocam e se presentificam na realidade das populações amazônicas, Holanda (2019, p. 30) menciona que “(...) é a viagem que o lançará na aventura da criação da arte amazônica; arte e viagem, a arte é uma viagem, ambas moram nas contingências do viver.”. A viagem é um *locus* onírico que proporciona ao pesquisador navegar por banzeiros de criações e descobrimentos dos anseios da sociedade.

E foram nas aulas ministradas pelo professor Dr. Yomarley Lopes Holanda que me encontrei como uma pesquisadora que busca realizar pesquisas de cunho interdisciplinar, e ao embarcarmos em uma aventura científica, que se inicia com a construção de um objeto de pesquisa, em nosso caso, de um objeto atravessado por questões subjetivas e relacionais devemos manter essa “vigilância epistêmica”, que permite essa práxis tecida socialmente envolvendo o “pesquisador e pesquisados” que emolda-se essas identidades em conexão com outros indivíduos (Holanda, 2010).

Como ressalta Esbell (2018, p. 1) “adianto que não ando só, que não falo só, que não apreço só”. A partir dessa lógica este trabalho será tecido e esculpido pelas mãos dos agentes epistêmicos, e não caminharei só nesta produção, mas eu e os colaboradores caminharemos de mãos dadas para o teçume desta pesquisa, visto que, a estética e produção deste estudo se centraliza nestas relações que envolvem subjetividades e recordações desses indivíduos que participam desta festa sociocultural.

Assim, esta pesquisa fez um sobrevoo pelas experiências e memórias individuais e coletivas dos atores epistêmicos que estão inseridos nessa dinâmica sociocultural da Festa do Divino. A etnografia proposta por Geertz (2008) denominada “descrição densa” forjou uma análise interpretativa, porque promove essa interpretação das teias repletas de sentimentos, simbologias e significados produzidos pelos sujeitos epistêmicos que estão inseridos na festa do Divino. Para Geertz decifrar esses complexos culturais é relevante essa interpretação etnográfica de “(...) manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (2008, p. 20). E essa interpretação densa torna a pesquisa um fluxo microscópico que esmiúça o “dito ou não dito”.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como

uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (Geertz, 2008, p. 15).

O excerto acima exprime que os complexos culturais conduzem no tear da vida do ser humano que é repleta de “ações simbólicas”, sendo que, essas teias estão enxertadas de significados que permitem ao etnógrafo utilizar dessa ciência interpretativa. De acordo com Capra na obra “A Teia da Vida” entendemos que (2006, p. 35) “(...) a teia da vida consiste em redes dentro de redes(...)” em que o ser humano é um fio condutor de cultura que está emaranhado entre essas redes de trocas culturais. Dessa maneira seguimos trilhando um “teçume rizomático”, pois se envereda pelos caminhos científicos, artísticos e poéticos do fenômeno em tela que ganhou textura e estética através desses relatos, recordações e pontos de vista acerca da festividade do Divino Espírito Santo.

O caminho por uma epistemologia complexa e rizomática nos permite refletir sobre diferentes olhares dos sujeitos que vivenciam e sensibilizam com essa festa regional. De fato, as festas culturais na Amazônia são tecidas por redes rizomáticas que envolve o sentido de identidade cultural fluída. Deleuze e Guattari (2012) reconstituem este conceito de rizoma para dar conta da complexidade contemporânea permitindo ser instituído como um fenômeno que se corresponde toda uma discursão filosófica “pensamento raiz” que “inventam conexões que saltam de árvore em árvore e que desenraizam” (Holanda, 2019, p. 24), entendemos assim, que voejar pelo o campo rizomático se configura na tecitura do saber científico aberto e líquido.

E esse pensamento rizomático se instituí em um modo de organização que se desenvolve no processo sistemático e diferenciado, pontuando o conhecimento como gramas, galhos e raízes que se expandem e deixam suas marcas. Deleuze e Guattari (2012, p. 3) ressaltam que “a árvore já é a imagem do mundo, ou a raiz é a imagem da árvore-mundo”, então tornar-se essencial que o pesquisador interprete essas conexões que se prendem nos caminhos dos múltiplos saberes e conhecimentos que constantemente dialogam com o mundo.

Esse tecer se volta para uma cartografia sentimental das múltiplas faces fenomenológicas de uma Amazônia líquida e pulsante cercada por uma complexidade que remete a esta sensibilidade do olhar para este território submerso de culturas populares conectadas com a natureza que as envolvem em uma trama simbólica de trocas culturais e sentimentais.

(...) cada indivíduo, cada grupo social, veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade (...) uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões (Guatarri, 2012, p. 21).

Este olhar sensível permite identificar fenômenos que coexistem além do concreto e real. Sendo que, esse (in)real se faz presente no imaginário das populações amazônidas que remodela este tear poético do pensamento e da identidade desses indivíduos. Desta forma, metaforicamente a cartografia sentimental é como as talas do cauçu¹ que são habilmente tecidas e moldadas subjetivamente pelas mãos das teçumeiras. E esta pesquisa ganhou forma sendo construída a partir da subjetividade da pesquisadora e de seus colaboradores que compõem esse teçume através das recordações vividas e sentidas neste evento que asperge aspectos religiosos e dionisiacos. Bauman (2012) escreve que a subjetividade se reflete a partir das produções culturais de coexistência das múltiplas realidades caracterizadas no “universo natural”, e o complexo cultural não é somente intersubjetivo, mas é submersa subjetivamente por “representações” e “validade atemporal”.

E nesta Amazônia fluída repleta de bifurcações socioculturais que detém no seu enredo influência ancestral cercada pela beleza natural de grandes recantos de águas doces e que abriga uma grande densidade da biodiversidade para muitos um “paraíso terrestre” já para outros um “inferno verde” (Rangel, 1927). Diante do exposto, esse pensar dicotômico se faz presente na Amazônia que possui indivíduos moradores da várzea, igapós e terra firme, que vivem de acordo com as cheias e secas dos rios, e essa dinâmica cultural submerge e se hibridiza metaforicamente como a liquidez dos rios e igarapés.

Galvão (1955, p.1) nos fala de um fluxo da vida desses indivíduos que estão inseridos nesta Amazônia profunda, pois “o ritmo de vida oscila entre as grandes enchentes da estação chuvosa, o “inverno”, e a vazante do “verão” (...)”. Loureiro (1995) expõem que a Amazônia é um território que acolhe as populações indígenas, ribeirinhas, caboclas, afro-descentes e estrangeiros que se envolvem nessa trama de trocas simbólicas

¹ **Cauçu** denominada cientificamente pelo termo *Calathea lutea*, é utilizada pelas artesãs amazônicas para construir artesanato através de seus talos como vasos, paneiros, cestos e entre outros.

e culturais que se evidenciam nesta região.

Mergulho na profundidade das coisas por via das aparências, esse é o modo da percepção, do reconhecimento e da criação pela via do imaginário estético-poetizante da cultura amazônica. Modo singular de criação e recriação da vida cultural que se foi desenvolvendo emoldurado por uma espécie de *sfumato* que se instaura como uma zona indistinta entre o real e o surreal. (...) E é num ambiente pleno de situações como essa que caminha o bachelardiano homem noturno, da Amazônia. Depara-se este homem noturno com situações de imprecisos limites, de variadas circunstâncias geográficas, que vão motivando a criação de uma surrealidade real, à semelhança do efeito provocado pelo maravilhoso épico, que é um recurso de poetização da história, nas epopeias. Uma surrealidade cotidiana, instigadora do devaneio, na qual os sentimentos permanecem atentos e atuantes, porque é próprio desse estado manter a consciência atuante. (Loureiro, 1995, p. 58).

Ao alçar sobrevoos pelas culturas populares da Amazônia devemos entender que nela se acomoda modos de vidas que vivem em constatação com a natureza que interfere na criação dos imaginários que exprimem um olhar “estético-poetizante” envolvendo o “real e o surreal”. E na cultura dos povos amazônidas existem este “imaginário estetizante” que floresce pela a viagem do devaneio que se materializa na “(...) passagem do banal para o poético” (Loureiro, 1995, p. 63).

Desse modo, essa nossa pesquisa se concentra em analisar um evento que faz parte da cultura popular carregada de fatores estéticos e artísticos, e devemos levar em consideração que durante muito tempo a ciência cartesiana e metódica centrava-se nos grandes personagens, dados quantificáveis e objetividade, principalmente, os de natureza política ou bélica, obliterando assim povos subalternizados da cena científica, a saber: negros, populações indígenas, mulheres e eventos festivos não tinham espaço no campo da pesquisa. Spivak (2010, p. 44) pondera que “(...) os oprimidos podem saber e falar por si mesmo”, a partir deste exceto refletimos que o “sujeito subalterno” é um ser epistêmico que desterritorializa e reterritorializa esses novos saberes e conhecimentos sobre esta Amazônia profunda que emerge por esses olhares acerca deste espetáculo que envolve a cultura popular.

Santos (2006) lança um olhar para uma epistemologia do Sul, nascendo um saber epistemológico que desterritorializa e reterritorializa o pensar científico e da “Ecologia dos Saberes” que buscam refletir sobre essa pluralidade de conhecimentos que podem se articular para construir novos olhares e perspectivas. Entendemos que estes saberes construídos por esse viés se tornam produções que lançam o pesquisador a observar o complexo que inclui autorreflexão e autocrítica acerca do que está sendo produzido.

Morin (2008, p. 30) pontua que o “(...) conhecimento científico exige que o observador se inclua em sua observação, o que concebe em sua concepção; em suma, que o sujeito se reintroduza de forma autocrítica e autorreflexiva em seu conhecimento dos objetos”.

Neste panorama construímos uma narrativa do evento cultural da Festa do Divino de Alvarães que é carregado por bifurcações religiosas e dionisiacas, que para muitos torna-se irrelevante para ser elaborado como escutei nestes questionamentos: “Você vai mesmo produzir um trabalho sobre a Festa do Divino? ” Ou na própria universidade “Os alunos de História só querem produzir trabalhos que envolvam a Festa do Divino com tanta temática a ser pesquisada?”, observamos por meio dessas indagações se apropriando de uma alusão metafórica viajamos por um furo², assim, este trajeto epistêmico seguira através da fluidez caudalosa dos igarapés que conduzirá a pesquisadora a chegar agilmente em seu destino, visto que, está festividade do Divino Espírito Santo possibilita cientificamente navegar por outros furos, reiteramos a importância dessas produções sobre essa temática que afeta a dinâmica popular da cidade de Alvarães. Em suma, refletimos sobre a relevância da constituição de trabalhos que para muitos tem pouca significância científica, contudo essas produções trazem traços da nossa cultura popular brasileira e amazônica.

E esses olhares e memórias modelaram o corpo desta pesquisa, e que cada sujeito epistêmico esculpiu e doou seus sentimentos, recordações e opiniões sobre a festa do Divino Espírito Santo. Então produzimos um estudo utilizando como fundamento a “história vista de baixo” que dá conta de pesquisar e modelar trabalhos que colocam a população considerada “simples” no seu lugar de fala. Diante disso, fundamentaremos o olhar para as pessoas consideradas “simples” que se envolvem ou são envolvidas pela festa, como perscrutamos que “A festa é para o povo e feita pelo povo”, por isso levantemos vôo utilizando vários pontos de vistas.

No livro do historiador Carlo Ginzburg (2006), intitulado “O queijo e os vermes” percebemos explicitamente a “história vista de baixo” em que este escritor elaborou sua pesquisa inserido como agente principal Menocchio que era narrado como o sujeito comum para a sociedade de sua época, nisto compreendemos que nesta obra o autor traz discursões e explora ideologias sob diversas lentes da cultura camponesa daquela época.

² Este termo é bastante utilizado pelos ribeirinhos para identificar um trajeto, onde se navega pelos rios que se conectam levando o sujeito a chegar mais rápido ao seu destino.

Sendo assim, entendemos a relevância de colocar esses sujeitos como sujeitos de fala, pois a cultura popular traz elementos importantes para analisar e entender a nossa sociedade.

Assim, discorrer sobre estes temas e sujeitos que durante muito tempo foram emudecidos pela a “história vista de cima”. Então, por meio desta percepção esquadrihamos a significância desses sujeitos considerados “subalternizados” para o conhecimento científico e social, em que coloca como protagonista, esses indivíduos que antes não tinham espaço de fala e de escuta.

E essa pesquisa permite com que os olhares se sobressaiam desde os promesseiros, os foliões, os devotos, os comerciantes, os turistas e aquelas pessoas que somente vêm para curtir os três últimos dias de festa, no qual, há patrocínio da prefeitura acerca de bandas locais e nacionais, e essas várias percepções desenharam a escrita desde trabalho.

Um novo paradigma, ou melhor, uma nova epistemologia está emergindo, em meio à crise e mesmo ainda em construção, ela nos ajuda a desvelar a complexão dos processos socioculturais na Amazônia profunda, pois entendemos que “dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas” (Santos, 2008, p. 88). E essa nova perspectiva nos permite enveredar por outros caminhos epistêmicos, outras formas de fazer ciência, agora dialogando com os saberes tradicionais, os sentimentos, as agruras e memórias.

O Festejo do Divino Espírito Santo é realizado anualmente na cidade de Alvarães/ AM e se caracteriza como uma manifestação cultural que atrai a atenção e o fascínio de milhares de pessoas durante a sua vigência. Além do mais, este evento se torna um dos mais esperados pela população alvaraense, tendo em vista sua complexidade que modifica a dinâmica da cidade e contribui para impulsionar a economia local, além de muitos outros aspectos.

As grandes festas amazônicas possuem certa natureza de espetáculo, algumas articuladas com a religião católica e com aspectos dionisíacos, nesse assunto associamos que as festas que acontecem no território amazônico estão carregadas da cultura local que se hibridiza com outros remanescentes culturais, se modelando tornando-se única, atribuindo na sua essência de natureza do espetáculo, recaindo sobre essas festas uma aura ritual e produtora de códigos e signos.

Assim, percebemos que o espetacular carrega uma bagagem de imensa

rivalidade como no festival dos Bois-Bumbás que acontece em Parintins/AM, como também, contribui para uma construção poética e artísticas que se correlacionam com produção de memórias coletivas e individuais dos que participam desses eventos que estão em constante relação com a cultura amazônica e com o olhar sensível para a natureza levando ao artista realizar um devaneio pelas ideias. E a Festa do Divino é fulcral em aspectos ritualísticos, performáticos, musical e dança, sendo assim, agrega valores lúdicos e estetizantes.

Marcel Mauss (2003, p, 19) destaca que “toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”, posto isto, a cultura se modela e remodelar a partir de símbolos, códigos e linguagem que um determinado povo está inserido, e pode ser afetada e transformada pela as mudanças no decorrer do tempo.

Segundo Torres *et al* (2021) a cultura interfere no modo de agir de acordo com o meio ambiente. Bachelard (2008) entende que a ordenação da sociedade não se objetiva na racionalidade moderna, no entanto a organização do mundo se define por essas constantes relações subjetivas que se concebe a partir da afeição e sentimentos com essa conexão com a natureza em que o rodeia. Garrad (2006, p. 154) exprime que “habitar não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho”.

Ressaltamos que as festas religiosas socioculturais que acontecem na Amazônia encarnam elementos ibéricos, negros e ameríndios que se articulam com a religião e a fé dos caboclos, o que faz com que assumam características híbridas e complexas. Galvão (1955) destaca que os cultos aos santos e a organização dessas irmandades religiosas assimila características de outras regiões do Brasil que se adiciona elementos da cultura regional que se influencia nas práticas e crenças nesta Amazônia cercada de imaginários e superstições.

Essas festas que ocorrem no interior do Amazonas movimentam o fluxo da cidade com circulação de pessoas, saberes, sociabilidades e o comercio local. Dessa forma, compreendemos que os eventos religiosos nas cidades dos interiores assumem uma energia que é envolta por uma trama sinérgica em honra aos santos carregam alegrias, emoções, fé e relações sociais.

A Festa do Divino se torna importante para a cidade de Alvarães, pois como

entendemos, as cidades do interior são pacatas durante quase todo o ano, e tais festividades em honra aos Santos trazem uma aura de movimento e circularidade de socializações culturais, o que nos permite entender essas produções simbólicas e ritualistas que fazem conexão com a fé e elementos profanos.

Diante do exposto, esta pesquisa atravessou uma ponte entre o devaneio e significações das festas amazônicas, principalmente a Festa do Divino em Alvarães, visto que, fora o lócus, onde a pesquisadora decodificou esses símbolos e significados produzidos neste evento, e seguiu um vôo pelas memórias dos sujeitos epistêmicos dessa pesquisa. E essas memórias individuais e coletivas possibilitam em uma construção interpretativa densa e rizomática desta festa que é a mais esperada pela população alvaraense.

1.2 O Divino Espírito Santo, uma festa que não tem fim

Um dos relevantes enredos para compreender as complexas dinâmicas da Festa do Divino Espírito Santo, no município de Alvarães/ AM, é por meio de uma retrospectiva tendo como propósito desenhar o processo histórico que está imbrincado nessa festa tradicional. Então, recorrendo ao estudo historiográfico que nos apresenta substâncias constituintes e inerentes da identidade popular da festividade do Divino Espírito Santo.

A festa em honra à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade é uma das importantes manifestações de representatividade devocional e popular que no Brasil fora inserida no período colonial pelos portugueses. A celebração popular alvaraense guarda a dialogia com esta herança cultural que se desencadeia entre o presente e o passado, sendo que a festa do Divino mobiliza de forma direta e indiretamente na sociabilidade do município de Alvarães, ou seja, conforme Xavier (2018, p. 13) exprime que “a cidade faz a festa e a festa faz a cidade. Por meio dela, marca-se o tempo, reproduzem-se estruturas sociais e configuram-se identidades coletivas e individuais”. Deste modo, como se evidencia neste excerto o festejo do Divino cumpre uma função nuclear de construção da identidade cultural das pessoas, bem como também possui uma faceta dogmática entrelaçada ao sincretismo religioso.

A festividade do Divino Espírito Santo é instituída como uma celebração que fora inserida no calendário litúrgico pelo Catolicismo que partiu da premissa de firmar uma postura de autoridade do cristianismo sobre as festas pagãs. Assim, de acordo com

Moraes (2003) a festa do Divino tem sua gênese histórica e religiosa na Alemanha, como deliberação de adequação das celebrações pagãs que especificamente festejavam a primavera. Desta maneira, um dos registros históricos relevantes da festa do Divino Espírito Santo surge em Portugal pela Rainha D. Isabel, consorte de Rei D. Diniz no século XIV. Conforme Moraes (2003, p. 42):

Da Alemanha, a Festa do Divino Espírito Santo foi levada a Portugal, pela rainha dona Isabel e pelo rei d. Diniz, e incorporada à Igreja como festa religiosa no início do século XIV. Conta o folclorista português Luis Chaves (apud FERREIRA, 1978:16) que dona Isabel estava de passagem pela Vila de Alenquer, onde, em sonho, Deus lhe pede que construa no local uma igreja dedicada ao Divino Espírito Santo. Atendido o pedido, o culto é instituído e, ao longo dos séculos, popularizado em diversas outras localidades do solo português, com funções caritativas, como distribuição de alimentos e solturas de presos, e de invocação contra doenças. Foi durante o século XVII, indicou Moraes Filho (1979: 43), que a Festa do Divino foi difundida por todas as colônias portuguesas.

Neste sentido, pela perspectiva histórica, a origem desta festa popular possui duas variantes: a primeira versão narrada sobre esta festividade menciona que se iniciou na Alemanha, aproximadamente no período medieval, e por conseguinte, a segunda versão empregada historicamente aborda que essa solenidade teve seu surgimento em Portugal no século XIV pela Rainha Dona Isabel.

A festa do Divino Espírito Santo está imbuída na nossa herança brasileira deste o período colonial, eles tentaram introduzir a cultura lusitana para as populações indígenas, que para os ocidentais eram populações que “viviam segundo a natureza, isto é, sem rei, sem império, e cada um se manda, é senhor (...)” (Gondim, 2007, p. 53). E esta chegada trouxe dizimação dos povos originários desta terra e bem como o extermínio de diversas culturas.

Foi com essa mentalidade que os portugueses instalaram no Brasil uma sociedade cristã. O português considerava-se cristão por direito e por nascimento; o indígena era visto como pagão e infiel. Os costumes do primeiro eram civilizados e cristãos; os dos nativos, selvagens e bestiais. Os nomes portugueses eram cristãos, os nomes indígenas, pagãos. O combate contra os indígenas assumia o caráter de uma guerra santa, de uma cruzada; cristãos lutavam contra selvagens perigosos e incrédulos pagãos. (Del priore, 1994, p. 9).

Observamos que no decorrer dos tempos a religião católica foi se difundindo no Brasil o que possibilitou um “hibridismo cultural” entre os povos, principalmente envolvendo as populações indígenas e africanas. Tais identidades étnicas permitiram com

que as festas católicas tornassem uma ampliação diferente dos ritos católicos celebrados no continente europeu. Vale mencionar que Canclini (2006) esclarece que essas festas populares religiosas são cercadas harmoniosamente de culturas populares carregadas de auto representações e significados.

Compreendemos que o catolicismo popular se torna revertido de adaptação e reinvenção dessas ações culturais que eram impostas pelos dogmas da Igreja Católica. Segundo Denys Cuché (1999, p.149), “as culturas populares são, por definição, culturas de grupos sociais subalternos”, sendo que, as culturas populares se presentificam principalmente em grupos que vivem nas periferias que são considerados “subalternos”.

E este estudo de viés interdisciplinar está voltado para a compreensão da complexidade do evento de Alvarães, que aponta que se torna impossível a dissociação desta festa com o catolicismo, e essa comemoração mantém práticas pagãs ou “profanas” desde sua gênese que possui elementos de permanência até a atualidade através da articulação com os aspectos religiosos. A solenidade de Pentecostes se propagou desde o período da colonização no território brasileiro, e no decorrer das épocas ocorreu uma transmutação cultural assumindo particularidades próprias e únicas encarnadas do povo brasileiro. Canclini (2006, p. 27) exprime que:

(...) o conceito de hibridação é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes as fusões raciais ou étnica denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas.

O conceito postulado por Canclini (2006) permite a compreensão desse hibridismo cultural entre as festas religiosas brasileiras assumindo processos tradicionais e contribuindo para sobrevivência dessas crenças e costumes, colocando em dualidade entre o tradicional e o moderno. Então, a festa do Divino Espírito Santo faz essa articulação entre o passado e o presente permitindo englobar em seu âmago questões pagãs e religiosas.

A autora Rita Amaral (1998) evidencia em sua tese de doutorado “A festa à Brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério””, questões sobre as festas religiosas que acontecem no Brasil e podemos visualizar que as festas brasileiras têm um caráter religiosa e profano desde de sua instituição.

As festas parecem oscilar mesmo entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo). Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e de mero divertimento pela densidade. Na verdade os dois elementos têm afinidades. Durkheim já observava o aspecto recreativo da religião e a cerimônia religiosa é, em parte, um espetáculo (representação dramática, no caso, de um mito ou aspecto dele ou de um evento histórico). Este caráter misto poderia ser tomado com um primeiro termo da definição de festa, pois ela parece ser fundamentada ambiguidade: toda refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado e tem necessidades de comportamentos. (Amaral, 1998, p. 38).

Diante disso, percebemos que a festa do Divino no Brasil assume segundo Amaral (1998) um fato social cultural que se modela nos ritos do cotidiano assumindo uma aura mística e sentimento de alegria das pessoas que participam. Sendo assim, essas festas religiosas são repletas do universo simbólico transportando tradições populares permitindo esse confronto decorrente dessa difusão entre as culturas.

Vale salientar que na Amazônia a Festa do Divino Espírito Santo atravessa a cultura popular e por peculiaridades envolvendo o imaginário, a fé e a cultura dos povos tradicionais dessa região, então esta festividade é comemorada em toda a Amazônia, em que assume particularidades culturais que se interconectaram a este evento.

Entendemos, de acordo com Braga e Rodrigues (2009), que as festas amazônicas consistem em manifestações culturais envolvendo populações “caboclas e mestiças” que tiveram influência das populações indígenas, africanas e portuguesas. Holanda (2010) escreve que a cultura faz uma trilha permeada por constantes interações estabelecidas pelos contextos históricos e culturais em que se atribuem na sua estrutura valores socioculturais dinâmicos que caracterizam as populações amazônicas.

Ao falar das vivências interioranas na preparação e apresentação da festa popular, vislumbramos a possibilidade de compreensão de um complexo sistema simbólico enquanto fator fundamental na construção de uma identidade regional pautada no orgulho de si mesmo, de suas coisas e de sua celebração festiva, esta um canal por excelência para seus anseios, alegrias, arte e representação. (Holanda, 2010, p. 34).

Fica evidente que a cultura amazônica de acordo com Loureiro (1995) está repleta de saberes tradicionais, poéticos, religiosos e do imaginário que habita essa região, e essa cultura esta entrelaçada com a transmissão oral que passam de geração à geração. E essas celebrações festivas dedicadas a homenagear os santos padroeiros se configuram

em eventos que intrinsecamente fomentam a mobilização ativa de pessoas, promesseiros, devotos e foliões que participam com intensidade dessas festas, sendo que, estes festejos promovem encontros com indivíduos que advêm de diversas localidades amazônidas, eis o motivo pelo qual os residentes desses lugares esperam ansiosamente pelo tempo de festejar.

Torres *et al* (2021, p. 44) escreve que “(...) a igreja tomou para si, no decorrer do tempo, o controle sobre essas festas, principalmente aquelas em homenagem aos santos padroeiros”. Neste sentido, percebemos que o catolicismo popular no território da Amazônia floresce a partir de adaptações e reinvenções advindos das heranças culturais que se entrelaçam com os dogmas da igreja católica. Sendo assim, nesses eventos religiosos são impregnados pelo teor simbólico e ritualístico.

A pesquisa está delimitada na celebração do festejo em honra a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade que acontece anualmente no município de Alvarães³, interior do estado do Amazonas. Destacamos que essa referida cidade interiorana era conhecida por Caiçara que de acordo com os relatos de viajantes e moradores mais antigos da cidade denominava-a de “curral”, pois esta localidade regional era utilizada para aprisionar populações indígenas rebeldes e estrangeiras.



Figura 2: Localização do campo de pesquisa.

Fonte 2: site do IBGE, 2022.

³ O município de Alvarães/AM se estende por 5 911,8 km², e pela contagem do último censo possui acerca de 16 396 habitantes. Contendo uma densidade demográfica de 2,7 habitantes por km² no território do município. Tendo como municípios vizinhos de [Uarini](#) e [Tefé](#).

Assim, compreendemos que durante o perpassar do tempo essa cidade passou de um distrito, uma comunidade pequena pertencente ao município de Tefé para um município, visto que, os desmembramentos foram realizados pela emenda constitucional nº. 12 no dia 10 de dezembro de 1981.

Figura 3: Imagem de drone sobrevoando a cidade de Alvarães/AM.



Fonte 3: @drone-Prefeitura Municipal de Alvarães/AM, 2023.

Figura 4: Imagem de drone sobrevoando a cidade de Alvarães/AM.



Fonte 4: @drone-Prefeitura Municipal de Alvarães/AM, 2023.

Alvarães, terra dos caiçaras cercada pela floresta amazônica, e acariciada pelos rios e afluentes deste território, que é cobiçado por muitos, essa terra constituída principalmente por populações indígenas, ribeirinhas e caboclas se tornaria durante muitos anos distrito de Tefé e que com o passar do tempo se emanciparia do município de Tefé e se alteraria em uma cidade pacata e pequena que habitam pessoas que vivenciam vidas simplórias onde suas principais fontes de rendas estão voltadas a partir da agricultura, pesca e a caça de animais silvestres da Amazônia.

Nota-se que houve uma ressignificação cultural dessa festa que se iniciou com uma promessa a ser cumprida, assim se tornando um dos eventos mais significativos que o povo alvaraense considera. A tradicional festa do Divino Espírito Santo realizada na cidade de Alvarães/AM tem sua gênese no igarapé denominado Miriti, visto que, neste lugar residia o Sr. Francisco Pôncio da Silva considerado o primeiro festeiro a elaborar essa festa na respectiva cidade, em 1939. O motivo fora uma promessa realizada quando sua esposa adoeceu, em que o Sr. Francisco Pôncio não tinha condições financeiras para enviá-la para Manaus, nisto ele fez uma promessa para o Divino Espírito Santo que se fosse atendido iria realizar este evento nos anos seguintes. Desde 1940, Francisco Pôncio e sua família começaram a festejar em honra ao Divino na comunidade do Miriti.

A celebração alcançou grandes proporções na sua organização, pois para a elaboração deste evento requer uma alta participação popular. De fato, a celebração festiva do Divino Espírito Santo a partir da sua gênese atribuiu significância e valorização no perpassar das décadas por meio de memórias afetivas e por perspectivas culturais, ritualísticas e simbólicas do povo de Alvarães. No decorrer do trabalho etnográfico as primeiras entrevistas foram com a Dona Nazul Brasil da Silva, de 77 anos, professora aposentada e Dona Ivanilde Silva Brito, de 84 anos, doméstica aposentada, filhas do senhor Francisco Pôncio, em que elas com os sorrisos e lágrimas nos rostos se emocionaram ao recordarem dos seus pais e também da realização da festa do Divino Espírito Santo na comunidade do Miriti.

O papai mandou fazer essa coroa, que ele tinha feito uma promessa para a mamãe, que a mamãe tinha uma dor, não tinha remédio que desse jeito, já tinha ido pelo curador em todo canto e nada, tinha uma dor assim na barriga dela, aí ele já tinha andado com ela por todo o canto e não conseguia a saúde dela, aí ele fez essa promessa que se ela ficasse boa ele mandaria fazer uma coroa do Divino Espírito Santo e começava a fazer o festejo. Nessa época a gente morava lá para dentro no igarapé no lugar chamado Miriti e lá ele iniciou essa festa, mamãe ficou boa e aí ele começou a fazer esse festejo levantava o mastro, fazia as novenas todas as noites, eram poucas casas uma distante da outra, mas

eles viam lá pra casa para rezar e pra fazer as novenas, fazia toda aquela cerimônia da novena e dava café, aí foi crescendo foi ficando mais popular, as pessoas iam daqui, começamos a fazer o festejo naquela época tinha muita caça, os meus irmãos caçavam: anta, porco, queixada, faziam o almoço e davam para o pessoal que iam. E dançavam a noite todinha. Aí ele continuou fazendo lá, pagando a promessa dele todos os anos ele fazia. (Entrevista realizada com Dona Nazul Brasil da Silva, 2023).

Posteriormente, ao entrevistar Dona Ivanilde Silva Brito, de 84 anos apreendemos que a partir de suas recordações sobre a Festividade do Divino que fora deixada como herança de seu pai para a sua família, como podemos perceber na sua fala:

Minha filha, quando começou a festa, eu estava bem novinha, estava com os 15 anos por aí, quando o papai fez a promessa estava com 12 anos. A festa ficou como uma herança pra nós, papai deixou isso como herança pra gente. Estava com 12 anos quando o papai fez a promessa e recebeu a graça, e aí ele custeou o santo, mandou benzer. É assim minha família toda é do Divino. (Entrevista realizada com Dona Ivanilde Silva Brito, 2023).

Assim, refletimos através dessas memórias afetivas dessas irmãs em que visualizamos que a Festa do Divino se iniciara a partir de uma proporção pequena, e ganhou com o perpassar das décadas uma difusão significativa, que se emaranha com a tecitura da cultura local, tradição e herança, formando assim, o evento como um espetáculo cênico no coração da Amazônia, permitindo o nascimento da contemplação das memórias. Como podemos elucidar por meio do relato da neta do Sr. Francisco Pôncio, Jacira Brito da Silva, de 53 anos:

Eu participo da festa desde quando nasci! Porque é uma festa que é da família. Nasci e cresci dentro dessa festa. Conheci essa festa através do meu avô paterno, conhecido como Francisco Pôncio, e lembro-me que a minha família contava que a minha avó ficou muito doente.

Antigamente, quando as pessoas eram desenganadas pelo médico viam morrer em casa. Minha avó foi para Manaus com toda a dificuldade, mas ela voltou para morrer em casa. E meu avô sempre foi uma pessoa mais temente a Deus, tinha uma fé inabalável!

Então, ele tinha uma devoção muito grande no Espírito Santo, assim ele fez uma promessa que enquanto vida ele tivesse se o Divino estabelecesse a saúde da vovó, ele iria mandar fazer uma coroa e iria festejar em honra ao Divino. Com isso minha avó ficou boa e o vovô remou dias, e ele contava essa história para nós, assim ele foi na comunidade chamada Coraci mandar fazer a coroa do Divino.

Meu avô começou a festejar no Miriti, ele contava que na primeira festa. Ele levantou o mastro e no outro dia ele derrubava, e o tempo foi passando e ele foi se organizando. Sendo assim, ele fabricavam junto com os filhos canoas grandes, e eles viam aqui em Alvarães buscar as pessoas, e eles davam o café, almoço e janta.

E eu tenho a imagem do meu avô que tudo para ele era metade, se ele fizesse uma roça meio era dele e outra metade para o Divino, se ele criasse um porco meio era dele e outra do Divino, se a galinha chocava se tinha dez ovos cinco

era do Divino cinco era dele. E umas das coisas que me recordo que no sítio tem cobra e ela morde o porco, o jacuraru⁴ comia a galinha e os ovos e era incrível que sempre o que era dedicado ao Divino escapava, o vovô contou que uma vez ele tinha vários porcos amanheceu vários porcos mortos, mas todos que eram para o Divino ficaram vivos.

Então, tudo que o meu avô fazia era dedicado ao Divino. E quando eu já era mocinha entre 14 e 15 anos me lembro muito que ele tinha já problema de audição, e nós mudamos para o sítio de laranjal, mas próximo a Alvarães, e ele passava o tempo no sítio, ele escutava bem pouquinho com o aparelho de auditivo e era bem precária a audição dele, e a gente tinha medo porque ele ia ajuntar castanha, e tínhamos medo da castanha caísse na cabeça dele por ele não escutar, e ele dizia assim cai não Gegê só cai se o Divino quiser (choro!). Era uma fé tão grande e só quem sabe quem o conheceu, então o vovô foi um presente para família e para todos quem o conheceram, mas o presente maior foi ele ter deixado essa riqueza que é a festa do Divino para toda a população de Alvarães. E meu avô contava muitas histórias do Divino, então eu cresci conhecendo essa história, e tudo na vida dele quem dirigia era o Divino, e quando ele ia para roça e ficávamos com medo e ele repetia essa frase só se o Divino quiser.

E assim, vários amigos começaram a fazer promessas e aí o vovô emprestava a coroa para fazer aqui em Alvarães, aí a cidade foi crescendo os amigos foram festejando e ele trazia para fazer aqui. E eu lembro quando menina, festejamos em Alvarães primeiro em casa de família, mas sempre era dado tacacá, biscoito e amoço, e essa tradição que veio do início mesmo.

E a festa do Divino foi crescendo e crescendo e com o tempo a minha mãe conhecida por muitos como Joaquina Brito se prontificou a fazer a comissão do Divino, e formalizaram uma comissão e isso possibilitou dar o início de tudo, pois quando festejavam não tinha uma organização para construir uma igreja, e por incrível que pareça construíram primeiro o salão do Divino em vez de construir primeiro a capela para o Divino, então o Divino passava as nove noites naquele salão de festa, as pessoas faziam um altar, e me recordo da minha tia Brasilici em frente do altar e a festa rolando, e quando terminava não sabiam para onde iam os donativos. E através da comissão gerenciada pela minha mãe eles conseguiram construir a capela com a ajuda de muitas pessoas principalmente dos devotos. (Entrevista realizada com Jacira Brito da Silva, 2024).

Na dissertação intitulada “Por uma poética Amazônica da fé: promesseiros, ambulantes e in(fieis) no festejo de Santa Teresa D’Avila em Tefé (AM)” produzido pela autora Silva (2023) exprime que a devoção e cultos aos santos no território amazônico, floresce como uma “ponte” entre os devotos que estão em constante conexão com o “sacro”, em que os devotos quando se deparam com os percalços da vida envolvendo doenças ou males se apegam aos santos católicos na expectativa da cura de uma doença, benefícios ou salvação.

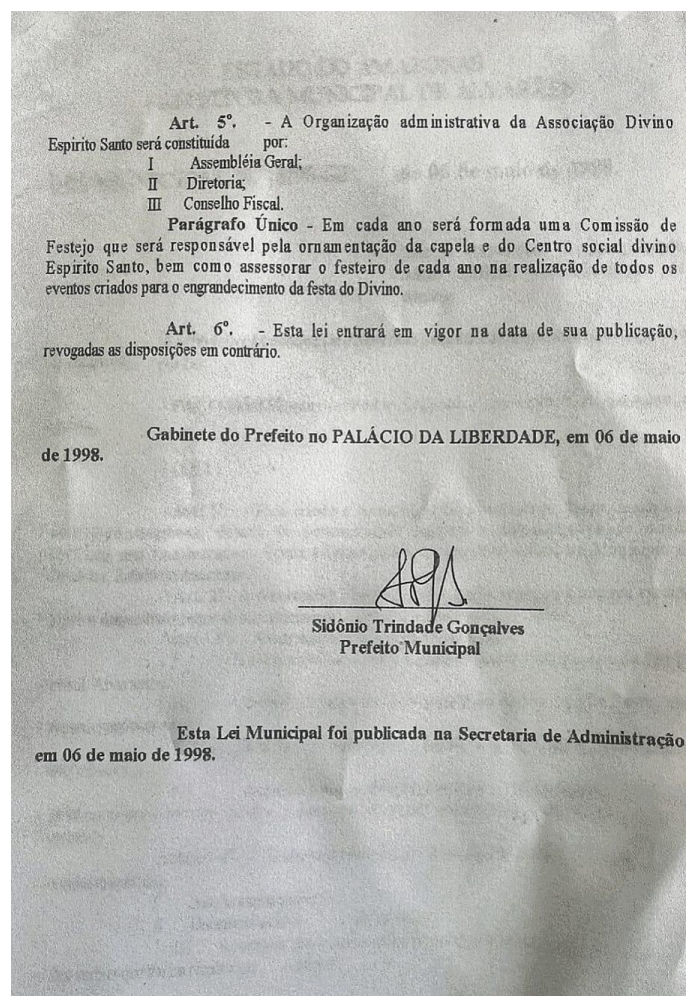
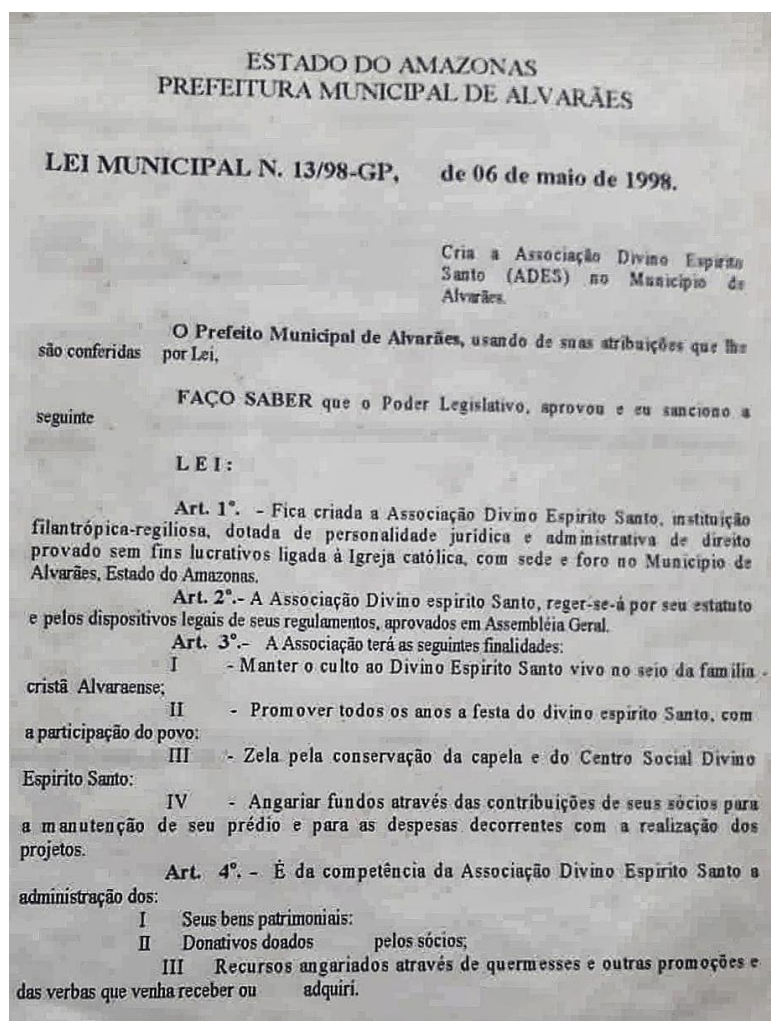
Dentro do exposto, refletimos que através das riquezas de detalhes mencionados na entrevista com Jacira Brito da Silva neta do Sr. Francisco Pôncio visualizamos esse

⁴ Expressão advinda da língua indígena para remeter ao animal réptil ou lagarto, em que geralmente é falada na região do estado do Amazonas.

caráter devocional de seu avô com o Divino Espírito Santo em que possibilitara a elaboração de uma festa religiosa para solidificar a promessa agraciada, assim por intermédio da fé ao Divino se criou um festejo em uma comunidade ribeirinha chamada Miriti, passando posteriormente, a uma festividade regional da cidade de Alvarães. Desse modo, as memórias afetivas presentes desta festa estão vivas na população que participa e deixa suas marcas através das sacralizadas recordações.

Em face do fora exposto, é necessário a apresentação comprobatória de documentos disponibilizados pela Câmara Municipal de Alvarães em que evidencia na Lei Municipal Nº 13/98-GP que teve propósito a criação da instituição filantrópica-religiosa como personalidade jurídica e administrativa tornando a festa do Divino uma festa cultural, como podemos identificar nesta imagem deste respectivo documento.

Figura 5: Imagem sobre a lei regente promulgando a festa do Divino como uma festa cultural na cidade de Alvarães/AM.



Assim, em entrevista realizada com o comunicador radialista Pedro Gomes Pereira, com 42 anos de idade, discorre que:

Conheci a Festa do Divino muitos anos atrás, é um festejo tradicional, muito bem preparado pela população alvaraense, no qual, acolhe as pessoas que vêm de fora, que envolve a parte cultural, religiosa, e também é a forma como município festejar a sua festa. Em que acontece todos os anos dependendo do calendário católico, especificamente no mês maio ou junho. E cada ano que se passa ganha mais proporção. Vale ressaltar que o grande diferencial deste evento se centraliza na religiosidade. E a festa cultural do Divino começou no mandato do ex-prefeito Sidônio Trindade Gonçalves em 1998, assim deu o impulso para a festa do Divino. (Entrevista realizada com Pedro Gomes Pereira, 2024).

A partir do documento e da fala descrita acima, entendemos que a festa do Divino iniciou com uma proporção pequena, assim, em 1998 o festejo ganhou um novo olhar, pois concretizou-se como uma festa oficial e cultural, onde a prefeitura é responsável pela ornamentação do festejo, como também ao contratar cantores nacionais. Comentamos que a população se adentra em momentos de êxtases e expectativas acerca dos artistas nacionais que atraem os olhares dos participantes nesse período. Desnudamos que a festividade apresenta assim a construção feita para a população que mora na cidade e turistas.

Conforme Merleau-Ponty (1999) as construções das imagens se espelham diante do sujeito, no qual, radiam nas percepções das tradições e heranças, e essas percepções são passadas de geração a geração. Então, refletimos que a festa do Divino Espírito Santo que acontecem todos os anos no município de Alvarães/AM é modelada pela liquidez das narrativas que são impregnadas de tradições e heranças que são enxertadas na cultura dos povos que vivem no âmago da floresta.

Na perspectiva de Bachelard (2008), essa “imensidão da floresta” permite a constituição de uma “poética do espaço” que são imprimidos nos imaginários e nas identidades culturais que configuram o espaço amazônico. Dessa maneira, Durand (1988) pontua que esses sujeitos epistêmicos são protagonistas ativos dessa dinâmica cultural que se opera principalmente através da produção dos símbolos se tornando uma cultura cabocla.

Inspirados nessas rotas teóricas, pensamos que o Carnaval, a Festa do Boi-

bumbá e a festa do Divino assumem características diferentes dependendo das regiões que são produzidas. Dessa forma, a Festa do Divino no município de Alvarães se diferencia das demais festas em honra a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, pois assume e incorpora essa cultura cabocla da região amazônica tornando essa festividade híbrida e única.

Para Eagleton (2011, p. 167) “não vivemos apenas da cultura. Também vivemos para a cultura”, compreendemos que a cultura se tornar fundamental para a construção da identidade de cada sujeito, pois a cultura permeia as práticas sociais, assim, produzindo com que a sociedade construa sua história por intermédio das interações sociais entre as poéticas, ritos, símbolos e códigos, visto que, percebemos que somente o ser humano é capaz de decodificar a cultura. Conforme Hall (1999, p. 136) afirma que:

A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de emergência humana que podem ser descobertas como reveladoras em si mesmas – “dentro de identidades e correspondências inesperadas” – assim como em “descontinuidades de tipos inesperados” dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. A análise da cultura é, portanto, a “tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos”.

O complexo cultural está intimamente interligado com a instituição e preservação de identidades individuais e coletivas, conforme postula Claude Lévi-Strauss (1982, p.19), em todo sistema cultural persiste uma essência simbólica que são invocados “nas linguagens, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião”. Então entendemos que esses sistemas culturais afetam as realidades sociais, físicas e emocionais da sociedade.

Assim, pensamos que a cultura é o motor pulsante que não há fronteira, centro ou limite, daí que está manifestação cultural que faz referência a Festa do Divino Espírito Santo é repleta de expressões artísticas e simbólicas, sendo assim, é carregada por símbolos e significados. Segundo Geertz (2008) a cultura está alicerçada por uma “teia de significado” (2008, p. 4), então o ser humano faz este tecer simbólico por intermédio de códigos.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou

econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. (Bourdieu, 2001, p. 14-15.)

Sob a faceta simbólica relacionada à Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM encontram-se valores sociais, religiosos, formais e históricos. Tais aspectos simbólicos em honra ao Divino estão representados nos objetos considerados sagrados como a Coroa, a Pomba, o Mastro e as Bandeiras cujos objetos estão sob a tutela da paróquia de São Joaquim da referida cidade. Esses objetos exprimem uma conexão com o sagrado e desta forma é requerido uma atitude respeitosa e de veneração.

Está festividade alvaraense floresce por meio desta energia popular, pois abarca religiosidade popular, memória, identidade coletiva, reciprocidade e resistência. A festa ocorre de acordo com o ano litúrgico da religião católica, sendo uma data móvel comemorada há cinquenta dias após a Páscoa. O período litúrgico para a preparação da festa, envolve elementos que seguem rituais presentes na Igreja Católica.

Figura 6: Calendário católico com os tempos litúrgicos.



Fonte 6: Pesquisa de Campo, 2023.

A partir deste calendário acima entendemos que os dias em que se comemora o evento do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM se constituem por um tempo cíclico, vsendo que, todo o ano se repete este calendário litúrgico formulado pela a Igreja Católica. Ademais, a festa do Divino tem sua preparação meses antes de acontecer o evento, pois se inicia com a derrubação do mastro do festejo anterior, a maneira de que, quem obtém a bandeira se tornar o juiz do mastro, e juntamente com a família se comprometem em organizar o festejo do ano seguinte, sendo assim, esse evento conta com o apoio da paróquia local, da prefeitura e dos patrocinadores. Ela se organiza em dez noites, sendo que, no decorrer dessas noites ocorre novenas e festas sociais.

Na primeira noite ocorre a alvorada⁵ em honra ao Divino, que se inicia geralmente às 05h:00 da manhã, contendo a procissão pelas as ruas da cidade. Após, a procissão há distribuição do café da manhã para as pessoas que participaram deste rito e som ao vivo com cantores locais. A partir das 12h:00 há distribuição do almoço, e às 17h:00 ocorre outra procissão pelas ruas da cidade de Alvarães que têm como o intuito a levantação do mastro e do Mastrinho⁶, percebemos que com a levantação dos dois mastros que dar a abertura do festejo em honra ao Divino Espírito Santo, e em seguida, é partilhado tacacá entre as pessoas presentes.

Figura 7: Imagem da alvorada que 05h:00 da manhã.



⁵ Alvorada é um rito que ocorre de madrugada, onde é acompanhada pela procissão pelas ruas e vielas.

⁶ Mastrinho como o próprio nome diz é o mastro que é levantado que tem como propósito a inserção das crianças do município no festejo.

Fonte 7: Pesquisa de Campo, 2023.

Figura 8: Imagem da procissão terrestre pelas ruas da cidade de Alvarães/AM.



Fonte 8: Pesquisa de Campo, 2023.

Esses ritos religiosos que acontecem pelas ruas da cidade de Alvarães permitem com que os fiéis professem sua fé com cantos, rezas e orações em honra a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, e esta alvorada significa uma peregrinação cristã que acontece de madrugada, que se inicia primeiramente com responsável do Mastro soltando fogos de artifícios e carros com caixas de som cantando músicas do Divino que têm como objetivo acordarem a população alvaraense para participarem deste rito tão significativo da religião católica alvaraense.

Tais rituais religiosos, segundo Durkheim (1989), reativa esses “laços sociais” que levam os indivíduos a reativarem sua fé e devoção, assim, esses ritos permitem com que esses agentes participantes a restabelecerem laços de energia coletiva. Essa peregrinação que ocorre na alvorada é conhecida pela a população alvaraense como procissão, conforme Rosendahl (2018) revela que a procissão se converte em dinamismo

cultural que se presentifica a mais bela forma de professar sua veneração aos santos ou divindades.

A procissão ultrapassa os limites de um simples desfile, posto que proporciona aos fiéis com que a figura do santo passe pelas ruas abençoando as casas, já que na festividade do Divino os setes dons⁷ são postos nas bandeiras e faixas em frente das casas enfeitadas, e a cada parada é efetivada orações e cantos que têm com sentido em abençoar as famílias que são escolhidas para cada dom. Parafraseando Terrin (2004) a procissão tornar-se um molde que expressa um sentimento externo, que aquiesce a alma dos peregrinos sendo espelhada através da devoção.

Peregrinação e Procissão aparecem como similares, pois detêm o mesmo significado simbólico que é o de caminhar, no entanto o primeiro denota uma caminhada mais distante, ida a um lugar sagrado, muitas vezes revestido de dor, penitência, o segundo já se apresenta como um sentido de cortejo, geralmente possui um santo patrono e se configura com um caminhar mais curto em relação à distância, se dá geralmente em torno/para um templo, ou pela cidade, porém ambos representam uma ida, uma caminhada que busca, seja pela devoção seja pela penitência, o diálogo com o transcendente. (Oliveira, 2012, p. 17).

A partir do que fora descrito percebemos que a procissão de fé e peregrinação têm em sua essência esse tear simbólico que a caminhada eleva os indivíduos a um plano sagrado que envolve sacrifícios, promessas e alegrias se conjugando com está trama transcendental que sobrevoa no território do sagrado. Portanto, todos esses ritos que são compartilhados no festejo do Divino Espírito Santo transmitem em seu âmago em que mesclam aspectos religiosos e lúdicos utilizando as ruas como um espaço de celebração que dialoga com o catolicismo popular e com a cultura da população amazônida.



Figura 9: Imagem da distribuição do café regional.

⁷ No catolicismo o Espírito Santo é representado pelos setes dons que são: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus.

Fonte 9: Pesquisa de Campo, 2023.

Figura 10: Imagem da valsa tradicional da Festa do Divino.



Fonte 10: Pesquisa de Campo, 2023.

Acrescentamos que após a alvorada acompanhada da procissão é distribuído aos participantes fiéis e (in) fiéis um café regional com biscoitos de goma de mandioca pelos juízes dos mastros e familiares. E este café da manhã regional tornar-se um dos ritos de partilha de alimentos como biscoitos moles e os quebras-queixos⁸ que é acompanhado pelo o café e Nescau, neste momento se reuni milhares de pessoas, resultando em um costume que atinge perspectivas ritualísticas “a absorção de alimentos não tem uma mera função biológica, reveste-se também de inúmeras outras dimensões simbólicas” (Fernandes, 1997, p. 7). Neste ponto, a comensalidade alcança um sortimento de significados, uma vez que, incorpora e abrange diversas classes sociais.

A refeição, em si mesma e pelo seu enquadramento, contém, através dos

⁸ Esse biscoito é conhecido pela população alvaraense por ser feito pela massa de mandioca, mas é um biscoito muito duro e de difícil mastigação.

tempos, algo de comunidade, de festivo e de religioso. Como espaço e tempo de partilha, é um particular momento de sociabilidade que as sociedades de hoje, mesmo secularizadas, não desdenha. (Fernandes, 1997, p. 16).

Esses alimentos distribuídos nos eventos festivos fazem parte da cultura culinária das populações amazônidas, onde se encontra resquícios dessas trocas culturais através dos alimentos. A vista disso, essas práticas alimentares que acontecem no festejo do Divino contribuem para uma dinâmica comunitária, porque alimentar-se replica em uma ação social.

Em seguida ocorre a tradicional valsa com músicas regionais tocadas pelos cantores locais, no qual, é um dos momentos que possibilitava sentir intensamente a alegria e interação. Ainda vale salientar que a função das canções regionais nessa festividade contagia e empolga as pessoas adultas, jovens, mas principalmente os idosos.

A dança nesta situação proporciona com que as pessoas manifestem os sentimentos e emoções. Fonseca (2008) explica que a dança mobiliza as pessoas a se expressarem seus sentimentos através de movimentos estetizantes, permitindo com que os indivíduos por meio da dança e música se situem como pertencente de um grupo social ou cultural.

Vale ressaltar que na parte da tarde ocorre outro momento de partilha em que as pessoas socializam através dos alimentos que são distribuídos pelos os juízes do Mastro. Desse modo, a distribuição do almoço permite a alimentação dos mais necessitados, bem como, promove esse sentimento altruísta e de partilha entre os participantes, pois alcançam os fiéis e (in) fiéis no período do festejo do Divino Espírito Santo.



Figura 11: Imagem da levantação do Mastro.

Fonte 11: Pesquisa de Campo, 2023.

Figura 12: Imagem da procissão para a levantação do Mastrinho.



Fonte 12: Pesquisa de Campo, 2023.

Ainda na descrição minuciosa do festejo vimos que no decorrer do dia ocorre a procissão e é à tarde que ocorre a levantação do Mastro do Divino, acresce que o mastro tem um papel importante nesta festa, porque é com a levantação se inicia e com a derrubação finaliza o festejo. Diante disso, o mastro é um tronco de árvore extraído na mata, onde é enfeitado por flores e folhagens e frutas verdes, que são inseridas verdosas para quando os mastros são derrubados essas frutas estejam maduras para a população se alimentar.

O mastro é um totem que carrega uma comoção da comunidade, e imputa em sua essência um fator simbólico, pois é atribuído a este objeto devoção e mobilização das pessoas. Amaral (1998) ressalva que o simbólico se atribui significado a partir do coletivo, como também, o reconhecimento desses símbolos somente tornar-se possível por intermédio dos ritos que envolvem esses objetos. “A ideia de ver o deslocamento como mecanismo crítico nas transformações de objetos em símbolos é básica também para entender a natureza do rito” (Amaral, 1998, p. 51). No catolicismo brasileiro a inserção do mastro é fundamental e comum nos ritos da cultura popular.

Ressalvamos que no período da noite, às 19h30, ocorre a novena, e logo após, acontece a festa social com vendas de comidas típicas, a realização de bingos e som ao

vivo que movimenta e anima a festa. No decorrer dessas dez noites de festejo ocorre a articulação entre as novenas e festas sociais.

Figura 13: Imagem do novenário na capela do Divino Espírito Santo.



Figura 14: Imagem do arraial em frente da capela do Divino Espírito Santo.



Fontes 13 e 14: Pesquisa de Campo, 2023.

Segundo Galvão (1995) com as diversas paisagens que impõem adaptações diferentes que estão imprimidas nas origens que envolvem “tradições e hábitos” que são tecidas através da cultura e região em que as pessoas estão inseridas. Como Loureiro aborda que “a cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, trabalho acumulado, de beleza, utopias (...)” (1995, p. 77). Obviamente que a produção deste Festejo popular requer planejamento e dedicação, como também exige compromisso e sacrifício em forma de trabalho e entrega, além de que este comprometimento esta correlacionado ao cumprimento de uma determinada promessa, realizada para à cura de doenças e outras graças concedidas pelo Divino Espírito Santo.

A festa em honra ao Divino Espírito Santo é imbuída por uma diversificação de crenças milenares, que resultam em uma variabilidade de adaptações necessárias que se relativizam em cada época.

[...] os espaços festivos estão espalhados pelas cidades, possuem características específicas para seu uso em cada festa. Esses espaços são frutos de seus atores sociais e são capazes de regular a relação espaço-tempo das festas, colocam limites aos usos, comportamentos e criam novos valores para a festa. Trata-se de espaços que demonstram uma disputa entre o tradicional e o novo, ou mesmo criam novas tradições festivas no urbano. (Soares, *et al*, 2018, p. 32).

Assim, a festa se modifica conforme as mudanças da sociedade, pois muda os sentimentos e os espaços, através deste dinamismo se constituem novos valores referente aos ritos e símbolos. Pelo exposto, como já foi dito anteriormente a cultura e a sociedade é mutável, e como esta festa é um evento cultural devemos compreender que ela passar por constantes ressignificações. Então, fatores que antes eram valorizados, hoje, já não se considera tão importante para as pessoas, visto que, a festa do Divino segue o ciclo da sociedade.

1.3. Navegando pelas teias do sagrado-dionisiaco do Festejo de Alvarães

Ao levantarmos um sobrevoo pela história da humanidade percebemos que ela está repleta de mistérios e acontecimentos que impactaram e influenciaram *homo sapiens sapiens* que segundo Charles Darwin (2018) é denominado como o indivíduo moderno. Devemos voltar ao passado para entendermos o que somos e o que nos impulsiona e em que acreditamos. O que nos instiga é que a religião sendo criada pelos seres humanos para dar sentido à vida após a morte e também para dar explicações sobre a vida, milagres e concepções do meio natural que durante milênios eram explicados por meio do senso religioso e das crenças.

Eliade (1972) que mitos de criações simbolizam origens de algo ou coisa permitindo ser dominada e manipulada, se transformando em uma concepção atrelada do senso “exterior” e “abstrato”, que é “vivido” através de rituais e cerimoniais em busca de justificação da existência e explicação do sobrenatural, o que não pode ser visto mais sentido e sensibilizado.

Diante do que foi apresentado o mito é carregado pelo domínio do sagrado em que os eventos sacralizados podem ser “rememorados ou reatualizados” (Eliade, 1972, 18). O “viver” implica crer em algo e o meio social faz trajetórias por olhares complexos carregados de significados e impressões. A religiosidade em dado momento da história permitiu a explicação de assuntos controversos e dúbios, criando o mundo compenetrado

e transfigurado em um alvorecer embebedado de aspectos que ainda a ciência cartesiana e positivista não explicava.

O que nos faz refletir que a humanidade a partir da sua trajetória neste planeta durante todo o percurso de sua criação se fez necessário crer em algo e acreditar em Entes Sobrenaturais, mitos e lendas, em que a preocupação maior estava vinculada da vida após a morte, nisto entendemos que deuses foram posto no poder celestial retirados, reformulados, demonizados. Agnolin (2008, p. 20) pondera que a amplidão religiosa seguiu o caminho de elevar uma “válvula de escape” contra as angustias, insatisfações, divertimentos e graças recebidas. E compreendemos que os alicerces das religiões ou crenças se iniciaram a partir de outras denominações consideradas “profanas”, aonde percebemos que a religião católica carrega em sua essência aspectos religiosos e profanos que se mesclam tornando-se diferente e única.

A religião tornou-se um fundamento que auxilia na estruturação da sociedade diretamente ou indiretamente regendo preceitos e crenças, ela é um elemento que atrai milhares de fiéis, pois permite com que a sociedade siga em prol de algo divino e místico (GEERTZ, 2008). Como observamos pela ótica poética de Stefan Zweig sobre questões que envolvem o divino e o místico.

Tanto quanto o homem precisa do divino para não perecer, também o divino precisa do humano para verdadeiramente existir. E é por isso que o divino cria testemunhas do seu poder, cria o poeta, a boca capaz de cantá-lo e de verdadeiramente fazer dele um deus. ” (Zweig, 2004, p. 57).

As construções de símbolos que ultrapassam na religião católica se tornam coletivas que contribuem para uma organização tecida por fios de códigos e simbologias que afetam os indivíduos inseridos neste contexto religioso e cultural, isto é, os símbolos e crenças são construídas exclusivamente pelo o ser humano que é influenciado pela cultura, religião e o local em que vivem.

Amaral (1998, p. 24) ressalva que “(...) o indivíduo “desaparece” no grupo e passa a ser dominado pelo coletivo. Nesses momentos, apesar ou por causa das transgressões, são reafirmadas as crenças grupais e as regras que tornam possível a vida em sociedade”. Parece-nos que crer em algo possibilita ao indivíduo ter fé em algo e edifica o indivíduo a interpretar fatos que não podem serem vistos ao olho nu e palpável e sim sentidos, sonhados e imaginados. O sociólogo Emile Durkheim (1989) em seu livro

“As formas elementares da vida religiosa” enunciam que a religião exprime um modo de explicar o misterioso que foge do alcance do pensamento científico.

Mircea Eliade (1992) destaca que as ações religiosas são alicerçadas por ritos e doutrinas que estruturam os valores da sociedade, o sagrado acompanha as religiões monoteístas e politeístas. E essas práticas sagradas instituem o ser humano a caminhar na direção a experiência transcendental. O profano é o contrário do sagrado está introduzido no plano dionisíaco. Neste sentido, compreendemos que o sagrado se opõe ao profano, mas na verdade percebemos que as festas religiosas são acompanhadas por ações religiosas e dionisíacas.

Na festividade do Divino em Alvarães desde o início de sua realização carregou esses dois fatores na sua essência o sagrado e dionisíaco que permite com que a festa siga trilhando esses dois caminhos e esses dois elementos seguem se completando e se articulando. A festa carrega em seu âmago a análise proposta por Marques e Brandão (2015) onde a estrutura da festa é seguida por macro e a micro-escala.

Dessa maneira, os elementos macro envolvem, segundo Marques e Brandão (2015), “vendedores ambulantes; baile; demanda em geral não devota ao mito da festa; som mecânico; ilegalidade, drogas; cobertura midiática” (p. 20). Em virtude disso, a micro-escala engloba “folias, grupo de cantores; rezas; equipe de voluntários/ devotos; procissões; estabelecimentos de vínculos afetivos; mutirões de trabalho comunitário” a (Marques & Brandão, 2015, p. 20). Como observamos na imagem desenvolvida por Marques e Brandão (2015, p. 19):



Figura 15: Imagem estrutural da festa: a Micro e a Macro-escala.

A imagem acima que aborda sobre a macro-escala consiste-se no vórtice profano que ocupa maior espaço nesses eventos, quanto a micro-escala é identificada como o sagrado que preenche um pequeno espaço nas festividades religiosas. Ao analisarmos o festejo do Divino em Alvarães percebemos que ela assume essas duas estruturas que são inerentes para sua elaboração.

A **micro-escala** é composta pelos sujeitos que preparam a festa. Considerando que boa parte deles é relativamente “fixa”, isto é, desempenha as mesmas funções e serviços anualmente, pode-se afirmar que a micro-escala é mais resistente ou menos maleável que o restante do corpo da festa. (...) Na **macro-escala** é possível observar tendências de espetacularização da festa. O espetáculo/simulacro, neste contexto, é caracterizado pela reprodução do patrimônio cultural imaterial voltado a um público que não mantém laços identitários com a manifestação em questão. Esse tipo de prática é muito comum em atividades econômicas como o turismo. (...) A festa se torna espetáculo quando a comunidade perde sua autonomia. A partir de então a manifestação passa a ser produzida por outros sujeitos e instituições que aliam o evento a aspirações próprias, de cunho político, social, religioso, entre outros. (Marques & Brandão, 2015, p. 20-21).

Observamos que a proporção da festa do Divino assume espetacularização através da comunicação e transmissão midiática, sendo que, com a adesão das novas tecnologias e mídias, um evento desse assume uma alta proporção onde a festa tornar-se um espetáculo, cercado pela beleza elementos sacralizados e profanos.

Figura 16: Panfleto do convite da Festa do Divino/2013.



Fonte 16: Arquivo pessoal, 2023.

Figura 17: Panfleto do convite da Festa do Divino/2022.



Fonte 17: Facebook Portal Alvarães, 2022.

Figura 18: Panfleto do convite da Festa do Divino/2023.



Fonte 18: Facebook Portal Alvarães, 2023.

Figura 19: Panfleto do convite da Festa do Divino/2024.



Fonte 19: Facebook Portal Alvarães, 2024.

Essa festividade exterioriza como se fosse um produto que se guia pelas massas, por isso multiplicação dos passivos, pois esses espectadores são chamados para esses eventos festivos por intermédio do lazer, da sedução e da estética desses eventos. (Certeau, 1995).

Instalada nos lares onde representa como um todo a compensação do trabalho, a cultura de consumo desenvolve nos espectadores a passividade da qual ela já é o efeito. Ela representa o setor onde se acelera, mais do que em qualquer outro lugar da nação, o movimento que reduz o número dos atuantes e multiplica o dos passivos. (Certeau, 1995, p. 201-2).

Segundo Marques e Brandão (2015, p. 21), “a festa se torna espetáculo quando a comunidade perde sua autonomia”, nisto compreendemos através da pesquisa etnográfica com os fiéis, refletimos que a comunidade religiosa contribui para elaboração religiosa da festa, visto que, muitos desaprovam a proporção que a festividade se tornou mais voltada para o lado dionisíaco. Assim, como percebemos nas falas da Dona Ivanilde Silva Brito “Antes a festejo do Divino não era desse jeito, agora o pessoal só pensa na festa, e aparece mais gente durante as últimas três noites, já nas outras noites na igreja aparece poucas pessoas durante as noites religiosas”. Nisso, entendemos que esses dois contrastes, entre o sagrado e profano entram em conflitos e se confundem para os que

participam. Em entrevista realizada com Genilza Pereira Bezerra, estudante de 23 anos, ressalta que:

A festa do Divino movimenta a cidade, gosto muito, porque durante quase todo o ano a cidade é parada não tem movimentação. E quando é o período da festa vêm várias pessoas de fora e também os alvaraenses que moram fora para prestigiar o evento. E é na festa que a gente também conhece novos artistas que só conseguimos ver pela televisão ou internet. E quando é as três últimas noites que vêm os cantores locais e nacionais aparece muitas pessoas e podemos conhecer gente nova, se divertir, beber e dançar. (Entrevista realizada com Genilza Pereira Bezerra, 2023).

De acordo com a fala da Genilza podemos perceber que o respectivo festejo permite essas interações sociais entre os alvaraenses com pessoas de outros municípios, no qual, a celebração do Divino Espírito Santo mobiliza o município de Alvarães a partir de panoramas profanos, em que podemos evidenciar no excerto de Mircea retrata que “o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos” (1992, p. 98).

Canclini (2003) afirma que essas mudanças da festa acontecem por meio dessa adaptação do capital, e essa “celebração comunitária” ganha visibilidade através das mídias sociais, e esse espetáculo ganha grande visibilidade trazendo milhares de turistas gerando a espetacularização da festa. Marques e Brandão (2015, p. 23) “Este processo faz com que a micro-escala se reduza e a macro-escala ganhe densidade, tamanho e força.” Em entrevista realizada com Vania Marinho dos Santos, profissão de agricultora de 37 anos expõem que:

Desde de sempre participo da festa do Divino é porque nasci aqui em Alvarães, e nunca deixei de participar de nenhuma festa. E eu só vou para o dia da festa, agora não participo de ir para a igreja todas as noites, eu só vou no dia da festa mesmo nas três últimas noites que acontecem as atrações. (Entrevista realizada com Vania Marinho dos Santos, 2023).

O dualismo entre o religioso e dionisíaco tem traços distintos nos ritos e práticas culturais que são inseridos diretamente ao Festejo do Divino Espírito Santo. Aonde a história está correlacionada com as tradições culturais e religiosas e são ramificadas em natureza sagrada e o caráter mundano do profaníssimo. Durkheim (1989, p. 368) “Entramos em relação com uma coisa pelo simples fato de a olhar: o olhar estabelece relações. É por isso que a vista das coisas sagradas é, em alguns casos, proibida aos

profanos.”. O profano interligar-se com os elementos das tradições locais que envolvem todas esferas sociais, originando uma atmosfera festiva, danças tradicionais e comidas regionais que carregam representações de identidade e as memórias enraizada historicamente nas riquezas culturais da região.

É por isso que a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a ideia de festa. Inversamente, toda festa quando, por suas origens é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes, observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito; o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam como que uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas (Durkheim, 1989, p. 456).

As manifestações religiosas são narrativas da humanidade que buscar vivenciar ao sagrado, divino e dionisíaco. Em geral a espiritualidade refere-se à peregrinação pessoal ou coletivo que apreciam as concepções de Deus são aspectos importantes para elevar os princípios como cultivar o amor, a graça a remissão, a compaixão, a lealdade e o respeito com a vida. Ao contrário do profano e o dionisíaco proporciona o que é conhecido como as coisas mundanas ou hereges do mundo.

CAPÍTULO II

A ESPETACULARIZAÇÃO DA RELIGIOSIDADE POPULAR NO FESTEJO DO DIVINO

Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho.
(Bachelard, 1997, p. 05).

A dádiva do espetacular da Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães carrega fragmentos simbólicos, trazendo renovação através do tempo que se perpassa. A grandiosidade desta festa em Alvarães está repleta de significados identitários de patrimônio cultural. Assim, dessa forma iremos abrir fronteiras de visões e de experiências dos diálogos que se perseveram através dos saberes contemplados de profundos sentimentos preservados que fazem o coração pulsar de tanto prazer.

Nessa trajetória buscaremos horizontes do processo de espetacularização, da fé, da devoção que advém desta festividade do Divino. O espetáculo é os olhares de todos devotos e não devotos que brilham como candeias admirando cada detalhe mágico e estetizante deste festejo que tem relevância para a população alvaraense. E ao adentrar nessas canoas culturais, remaremos para uma visão panorâmica que mostra os cenários espetaculares e emotivos do Festejo do Divino Espírito Santo. E nos embalos da rede embarcamos em horizontes de belezuras, poéticas e emoções desses sujeitos epistêmicos, no qual, engrandecem esses momentos transcendentais em busca de erudição das interpretações amazonenses.

2.1 – A espetacularização das festas amazônicas

Ao contemplarmos a Amazônia embalados por devaneios verdejantes singrando por cenas e cenários majestosos repletos de belezas naturais exuberantes, um lugar cercado pela fluidez de grandes rios caudalosos que se assemelham ao uma grande cobra, águas que espelham sabedoria milenar e tradicional que traçam cursos sinuosos de delírios místicos que se desnudam sobre as belezas sobrenaturais fazem-nos mergulhar

no encantamento profundo, submergindo desses caminhos poéticos e criativos que se tornam origens epistemológicas que são seladas por histórias e experiências vivenciadas na singeleza dos afluentes. E esses rios envolvem cidades e comunidades ribeirinhas trazendo o sustento e locomoção para populações amazônidas.

Liricamente, a teima da vida é vivermos em um lugar que floresce a imaginação e em convicções como o “panema”, castigos, superstições. Concomitantemente, Acosta (2016) impetra em seu livro “O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos” reflete que viver está em constante aprendizado e coexistência com a natureza. O autor ressalta que “fazendo-nos reconhecer que somos “parte” dela e que não podemos continuar vivendo “à parte” (...)” (Acosta, 2016, p. 15). Então analisamos que vivemos em correlação com esta natureza que se amodela o viver e a percepção de entender este meio permeado por mistérios e curiosidades tornando a cultura amazônica viva e líquida.

Primordialmente, antes de embarcarmos nessa canoa epistêmica acerca das festas religiosas remaremos por uma jornada pelas ideias da constituição cultural e identitária da população amazônida. Temos que nos remontar ao período da colonização, onde os europeus se denominavam “donos” dos rios e florestas, causando a usurpação das terras e riquezas deste território, com a utopia de descortinar os limites amazônicos. Um ambiente que se consagrava em ser sagrado e místico, o “inferno verde” cobiçado pelos colonizadores. Os primeiros viajantes, cronistas e religiosos vieram para a Amazônia imersos pelo imaginário europeu onde se encontrariam as Amazonas, o onírico delírio do paraíso terrestre “Éden” e o “Eldorado”.

Os séculos podem variar e os cronistas serem originários das mais diferentes nacionalidades, no entanto, diante do rio e da mata amazônicos, quase genericamente, nenhum se isentou de externalizar sentimentos que variam do primitivismo pré-edênico ou infernismo primordial. Ainda que familiarizados com a região ou mantendo o tom frio e distanciado do pesquisador, esse objeto móvel, essa natureza grandiosamente avassaladora, em algum momento fez com que esses homens parassem e a escutassem e a sentissem, muitas vezes deixando para trás olhares já estruturados, visões já vividas, para pousarem os olhos renascidos na contemplação extasiada da grandiloquência natural. (Gondim, 2007, p. 77).

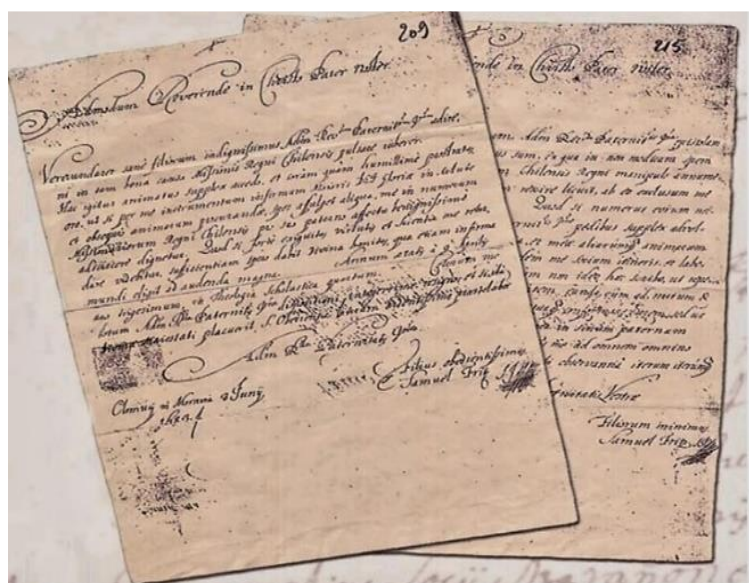
Desta forma, abarcamos em “viagens pelas ideias” de um lugar encoberto de grandes árvores e alagado por enormes rios, à maneira de que captamos as pegadas dos europeus por territórios nunca antes caminhador por eles, produzindo narrativas enludadas de imaginário que os fizeram devanear com as Amazonas e ressurgindo a

procura do *Éden* terrestre. Entretanto, aos poucos houveram percepções deste “inferno verde” lugar que abriga animais ferozes, pragas e mistérios, ressurgindo profusas narrativas sobre a Amazônia. Segundo Gondim (2007) remonta que o primeiro documento descrito por Frei Gaspar de Carvajal datado entre 1541-2, “expedicionário às ordens de Francisco Orellana, governador da cidade de Santiago de Guayaquil” (p. 78) que demonstra a penetração europeia no rio Amazônia.

Desta maneira, os olhares e as narrativas dos europeus sobre as populações indígenas se remontaram em identifica-los por seres “inferiores” e “bárbaros” que precisavam serem primeiramente “escravizados” e posteriormente “catequizados”. Diante disso, esse pensar eurocêntrico e etnocêntrico se caracterizou no Diretório dos Índios aceito por D. José por volta século XVIII, e neste processo de colonização e em “portugalizar” o território amazônico as populações indígenas foram mortas fisicamente, espiritualmente e culturalmente, visto que, foram proibidos de falar sua língua materna utilizando a língua portuguesa como a oficial “sobretudo nas escolas e nos sobrenomes; construção de moradias no estilo da casa dos europeus, com divisões internas; proibição dos ritos e crenças indígenas consideradas práticas condenáveis (...)” (Holanda, 2010, p. 128).

É relevante exprimir que no diário do missionário Samuel Fritz que fizera anotações de sua viagem pela Amazônia, em que estava comprometido na evangelização e catequização trabalho efetuado pela Companhia de Jesus espanhola. Esses escritos podemos visualizar utilizavam esses argumentos de “civilização” e de tornar os povos indígenas em “bons e convertidos cristãos” para angariar diversos aldeamentos indígenas.

Figura 19: Registros do diário do missionário jesuíta Samuel Fritz.



Fonte 19: (Pinto *apud* Fritz, 2008, p. 107).

Segundo Pinto (2008) os ideais de Fritz se propagaram e impregnaram-se em todo o vale amazônico, e através de sua ingerência fundou vilas e cidades constituindo lugares que se tornaram organizações missionárias modificando o espaço natural e cultural da Amazônia portuguesa. Vale salientar que surgiram vozes que fora emudecidos pela colonização europeia e o catolicismo, protagonistas de sua própria história que utilizavam os rituais simbólicos contidos na religião católica como uma forma de resistência das ressignificações culturais como o totemismo e a pajelança e entre outros ritos realizados que mesclam a cultura indígena com o catolicismo, permitindo com que esses aspectos socioculturais sobrevivam aos tempos modernos.

Figura 20: Paisagem do lago de Tefé.



Fonte 20: Silva, 2023.

Figura 21: Paisagem do lago de Tefé.



Fonte 21: Silva, 2023.

Amazônia: terra do devaneio

Amazônia líquida por muito tempo esquecida
Onírico Éden ambicionado pelo ladrilhador e sementeiro
Sombras das Florestas silenciadas
Cosmos originários ensanguentados pelos colonos
Fios tecidos para a sobrevivência
De um povo de resistência.

Terra do devaneio

E vista como inferno verde exuberante
Beijados pelos mitos e lendas
Abrigando nos seus rios sinuosos e caudais.

Nas curvas dos rios dispersos
Flutuam a liquidez das culturas híbridas
Recônditos furos epistêmicos
E míticos coexistem os povos amazônidas.
(Estefany Pereira da Silva, 2023).

Salientamos que durante muito tempo fora retratado que existiu pouquíssima presença da população negra na Amazônia, porém ao lermos documento e o livro intitulado “Os negros na Amazônia” de Patrícia Melo Sampaio, refletimos que como a população indígena, os afrodescendentes influenciaram culturalmente e socialmente essa região amazônica tecendo suas “teimas da vida” em um cenário repressivo e agrilhado, onde resistiram e lutaram para não serem silenciados da sua cultura e crenças.

Canclini (2006) apresenta que esse choque cultural ocasionou pela hibridação cultural entre os europeus, indígenas e afrodescendentes, pois esses dispositivos culturais foram ativados a partir dos encontros desses sujeitos e se amalgamaram e se moldaram tornando cultura e identidade amazônica em viva e maleável. Neste sentido, floresceu o catolicismo popular amazônico embebecidos de adaptações e reinvenções florescido das heranças culturais que se entrelaçaram com os dogmas da Igreja Católica. Sendo assim, os eventos festivos desta região têm um teor simbólico e ritualístico.

Algo semelhante ocorre com a passagem das misturas religiosas a fusões mais complexas de crenças. Sem dúvida, é apropriado falar de sincretismo para referir-se à combinação de práticas religiosas tradicionais. A intensificação das migrações, assim como a difusão transcontinental de crenças e rituais no século passado acentuaram essas hibridações (...). (Canclini, 2006, p. 28).

A fluidez da cultura amazônica se hibridizou carregando traços fortes dessas matrizes tornando-se em única e humanizada. Metamorfosar as festas amazônicas no cenário do espetacular que se misturam no panorama da natureza e cultura. Diante disso, a Amazônia em se própria transmite um espetáculo tanto natural quanto cultural, sendo que, indivíduos que vivem nesta região de acordo com as mudanças dos rios secas e as enchentes (verão e inverno). E visualizamos que a maioria das festas interioranas ou de comunidades ribeirinhas acontecem geralmente na cheia dos rios onde fica mais fácil a locomoção das pessoas, então nos rios levam esses indivíduos pela a liquidez do espetacular das festas amazônicas.

Essas manifestações socioculturais se transformam em um evento público amalgamando ritos cerimoniais e promiscuidade social, portanto as festas é um instante de viver momentos que efervesce de alegria e diversão. E nestes espaços dinamizam a presença de danças, cantorias, músicas atingindo o domínio espetacular das festas amazônicas, acresce que o espetáculo emerge os participantes produzindo emoções, este termo da espetacularização das festas religiosas está voltado para eventos públicos de

cunho local ou regional.

Santos (2005) afirma que espetáculo é um termo advindo do latim *spectaculum* que é denominada “Representação teatral. Tudo o que atrai a atenção e desperta a curiosidade visual” (Santos apud Bueno, 2005, p. 16). E esta palavra deflui do “espetacular e espetaculoso” que fazem parte das representações culturais e sociais presentes vividamente no cotidiano do ser humano. Entendemos que os ritos religiosos sempre serão tecidos alinhados na produção de espetáculo. Os espetáculos “são fatos culturais condicionados pelo contexto social dentro do qual se produzem” (Fortes, 1997, p. 156).

Levamos em consideração que viver em sociedade é floreira conjunturas para fluir uma enorme aglomeração de espetáculos, permitindo com que os participantes destes eventos se esmiuçarem e se debruçarem, emanando-se pelas representações experienciadas que faz sobrevoo sobre as imagens compartilhadas pelos os sujeitos epistêmicos.

O autor Debord (1997) descreve que as imagens são como fumaças representativas que liga com espetáculo vívido e fluído como modo de contemplar a realidade em que vivemos e as relações que construímos. Essas relações sociais entre indivíduos são disseminadas por imagens que contribuíram para disseminação do espetacular.

O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu instrumento de unificação. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo separado, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada. (Debord, 1997, p. 14).

Neste formato, as festividades religiosas amazônicas correspondem em serem locais que criam teçumes estéticos, dramáticos e lúdicos permitindo o desvelamento das espetacularizações desses conjuntos de ritos que compõem neste tear simbólico. Essa demonstração constituída carreganda elementos simbólicos estetizantes, lúdicos e religiosos são presentificados nas festas do Santos católicos onde se tornar uma ponte que transita crenças advindas pela hibridação dos povos amazônicos. E essa feição pelos Santos perpassa interações das dimensões sobrenaturais com o do ser humano. (Galvão, 1955; Lima-Ayres, 1992; Loureiro, 2019).

Esses eventos estão submersos em uma aura de efervescente da coletividade, (de) encontros de pessoas e criando um espaço que permite com que os participantes devaneiam e reconstroem memórias que serão lembradas a partir de conversas e ida ao local do evento. Na Amazônia essas crenças e ritos religiosos estão presentes nas festas, desatando com informa Lima-Ayres (1992) essas festas realizadas para os Santos católicos tornam-se um rito de extrema importância para as cidades e comunidades ribeirinhas e rurais da Amazônia.

Os santos padroeiros se revertem em pontos de devoção coletiva, em que esse Santo é escolhido como patrono da cidade (Loureiro, 2019). Ademais, observamos que em toda Amazônia brasileira é esperada ansiosamente a data para a realização dessas festividades, onde nas cidades rurais cria-se um clima de êxtase e expectativa entre a população.

Diante disso, recriar anualmente um espaço que contribuem para serem realizadas conexões sociais e vindas de conterrâneos ao aguardo desses eventos. Loureiro (2019, p. 53-54) demonstra que “Os festejos de santos podem ser, então, tanto meios para reunir os que se encontram distantes quanto oportunidades para dissolver diferenças ou reafirmar o sentimento de coletividade”. Em entrevista realizada com Marinildes Frazão Pereira de 68 anos, conhecida como Dona Bibita relatou que:

Participo da festa do Divino há 38 anos, desde nova, eu nunca deixei de ter essa fé no Divino. E incrível quando chega próximo a data da realização da festa que sai agora pela internet fica mais fácil para saber a data agora, porque antigamente a gente não tinha isso sabíamos da festa pelo o telefone orelhão, e ficávamos sabendo o dia que ia ser a levantação do mastro e eu vinha muito de barco do Capitão Nunes, e agora fica mais fácil para se deslocar. E eu nunca deixei de participar desta festa, porque tenho muita gratidão sou chamada a participar, temos uma comissão e ficamos até terminar a festa. Quando venho para Alvarães reencontro meus amigos e parentes então a festa do Divino percebo que é um lugar de reencontros, por isso só tenho muita gratidão de participar deste festejo. (Entrevista realizada com Dona Bibita, 2023).

Como percebemos as festas religiosas nas cidades interioranas no Amazonas tornam-se um espaço de (re) encontros permitindo com que os indivíduos se encontrem, refazendo conexões perdidas com o tempo. Então, a Festa contribui para construir instantes eternos e encontros que seguirão como fumaças nas memórias dos participantes, em que a partir de acendimento de pequenas centelhas se recordarão dessas memórias compartilhadas. Lima (2000) expressa que as festas é um território construtor de memórias, no qual, segue como um ponto de encontros e interações entre as pessoas.

Figura 22: Saída para procissão da coroa do Divino da capela.



Figura 23: Saída para procissão da coroa do Divino da capela.



Figura 24: À esquerda está a Dona Bibita carregando o andor do Divino.



Figura 25: Procissão pelas ruas do município de Alvarães.

Fontes 22, 23, 24 e 25: Pesquisa de Campo, 2023.

Nessas multidões se reúnem aspectos da espetacularização da fé, fazendo com que os participantes se alternem entre protagonistas ou coadjuvantes desses eventos de caráter religioso e espetacular. Bourdieu (1998) demonstra que determinados momentos a religião transmite uma função social, em que o lugar e espaço onde ocorre essas festividades são sobrecarregadas de significados e exprime sentimentos e lembranças aos indivíduos.

Debord (1997) profere que o espetáculo dissemina mensagens de algo grandioso que se aparenta ser bom ou satisfatório, por isso ocasiona uma sensação de êxtase provocando uma devoção e aceitação entre as massas. Assim, ao realizar uma entrevista com Vania Marinho dos Santos compreendemos que no evento do Divino Espírito Santo sobressaltam sentimentos individuais.

A festa do Divino é importante para população alvaraense porque vem gente de fora e leva a cultura daqui de Alvarães para fora, os fiéis vêm para pagar promessas, e vem muita gente de fora e pessoas que são de Alvarães para festejar ao Divino. Tenho um sentimento maravilhoso ao participar, porque é muito emocionante, é uma coisa extraordinária ver aquela multidão gente que nunca tínhamos visto de vários cantos, é muito legal isso! E quando acaba a festa a cidade fica um pouco triste, sem movimento. Então festa movimenta a cidade e quando é o período da festa do Divino vemos Alvarães mais movimentada e alegre. (Entrevista realizada com Vania Marinho dos Santos, 2023).

As festas urbanas sobrevivem por intermédio das satisfações das pessoas, que modificam tornando-se produtoras de suas regras e crenças. Desse modo, Torres *et al* (2021) aborda que festas religiosas elucidam dois aspectos remontando um lado religioso e social, no qual, no viés religioso acontecem orações, ladainhas, cânticos e devoção ao santo, no outro momento ocorre essa socialização envolvendo lazer e danças. Dessa maneira, compreendemos que esses momentos são essenciais e dissociáveis para a realização desses festejos na Amazônia, pois esses espetáculos trazem prazeres momentâneos para os moradores da cidade e viajantes e turistas que vêm apreciar as festividades amazônicas.

Ao olharmos para a Amazônia de modo contemplativo entendemos que é uma região que transborda de ressignificações culturais permitindo a constituição de relações socioculturais de quem participa destas festas que concebe alegria, emoções e (re)criações de memórias, percebemos que são espaços públicos que se amalgama dimensões das espetacularizações da fé, visto que, atinge diversos setores da sociedade, possibilitando com que os habitantes participam diretamente ou indiretamente da elaboração do evento.

As percepções e a sensações das coisas projetam-se na inconsciência e consciência do ser humano permitindo a criação de hábitos e cultura, assim o pensamento e as memórias tornam conscientes referente a aquisição cultural, em que o corpo se comportar a partir de um hábito adquirido.

O autor Maurice Merleau-Ponty (1999) escreve no livro “Fenomenologia da percepção” expressa que o espetáculo visual sobrevoa pela percepção sensível aos olhares

dos sujeitos epistêmicos, sendo que, a espetacularização dessas festas é como pulmões fazendo com que os participantes sempre anseiem em respirar esses ares trazidos por esses eventos que movimentam o mundo.

Debord (1997, p.20) revela que “À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, sonho torna-se necessário. O espetáculo é o mau sonho da sociedade moderna acorrentada, que ao cabo não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono.” Na entrevista feita com Raimunda da Silva de 31 anos percebemos a sua visão sobre esse espetáculo sobreposto na festa do Divino Espírito Santo em Alvarães.

Venho todos os anos prestigiar a festa do Divino Espírito Santo em Alvarães, venho principalmente para curtir a festa e as bandas que cantam durante o festejo, quando chega próximo a data que fico sabendo principalmente pelas as redes sociais me animo para vim prestigiar essa festa que tornou tão grande com o passar dos anos, percebo com o passar dos anos a festa ficou maior com a vinda das pessoas de outros municípios. Acho muito interessante que esse festejo tem pessoas que vem para pagar promessas e vem outras somente para curtir a festa social. Percebo também que é na festa social que vem mais gente é um lugar de fuga das pessoas para se divertirem e tirarem o estresse do dia a dia, por isso me divirto muito nesta festa danço muito e bebo para tirar o estresse porque não somos de ferro né? Precisamos de um pouco de diversão (risos!). (Entrevista realizada com Raimunda da Silva, 2023).

A festa do Divino é um evento espetáculo que arrasta multidões, Maffesoli (1998) reflete os shows públicos e festas religiosas tem como viés e é permeada por essa identificação sociocultural aos participantes, em que permite com a reunião de muitas pessoas para apreciar essas manifestações. Marcellino (2002) o fator motivador das pessoas é essa quebra da rotina, onde as pessoas procuram encontrar novas paisagens e indivíduos, permitindo com que os participantes de outras cidades conheçam costumes e novos modos de vida.

Adorno e Horkheimer (2000) exprime que as festividades populares se solidificam como reproduções da indústria sociocultural, a qual, incluem todas os movimentos artísticos, culturais, religiosos e poético, em que essas performances ou celebrações populares estão ligadas aos moldes do sistema midiático massivo, por isso atrai multidões de espectadores.

Figura 26: Os devotos aguardando a procissão fluvial para dar seguimento a procissão terrestre.



Figura 27: Público aguardando a entrada do cantor principal da Festa do Divino.

Figura 28: Telespectadores curtindo os shows.



Fontes 26, 27 e 28: Prefeitura de Alvarães, portal no *Instagram* PMA Alvarães, 2023.

Canclini expressa que “(...) A arte popular, que tinha ganhado difusão e legitimidade social graças ao rádio e ao cinema, reelabora-se em virtude dos públicos que agora tomam conhecimento do folclore através de programas televisivos.” (2003, p. 257). Marques e Brandão (2015) discorre que o espetáculo desperta a ampliação do público através da utilização de instrumentos da mídia como redes sociais, em que promulga o desenvolvimento econômico da cidade, como também, o aumento do comércio local,

permitindo os comércios de barraqueiros e ambulantes.

Pensemos em uma festa popular, como podem ser a festa do dia dos mortos ou o Carnaval em vários países latino-americanos. Nasceram como celebrações comunitárias, mas num ano começaram a chegar turistas, logo depois fotógrafos de jornais, o rádio, a televisão e mais turistas. Os organizadores locais montam barracas para a venda de bebidas, do artesanato que sempre produziram, suvenires que inventam para aproveitar a visita de tanta gente. Além disso, cobram da mídia para permitir que fotografem e filmem. Onde reside o poder: nos meios massivos, nos organizadores das festas, nos vendedores de bebidas, artesanatos ou suvenires, nos turistas e espectadores dos meios de comunicação que se deixassem de se interessar desmoronariam todo o processo? Claro que as relações não costumam ser igualitárias, mas é evidente que o poder e a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam. (Canclini, 2003, p. 262).

Diante do exposto, refletir sobre essas festas popular e cultural tornar-se um confronto desafiador e prazeroso, sendo que, essas festividades navegam em rios de fluidez, sonoridade e estéticas promovendo movimentos dicotômicos entre o tradicional e o moderno possibilitando o enriquecimento várias dimensões envolvendo a subjetividade dos participantes. Portanto, esses elementos promovem a coexistência de múltiplos espaços e temporalidades, bem como, proporciona formatos únicos e singulares na festa do Divino em Alvarães.

2.2 – O embate simbólico entre a tradição e a modernidade no festejo

Apreendemos que no Brasil, as festividades de santos padroeiros advindas de preceitos do Catolicismo possuem particularidades essenciais que se divergem de região para região. Neste sentido, a nuance simbólica no “universo do festejo”, no qual, aclara os *lócus* de complexidades transversais culturais. No Amazonas, esses festejos estão simbolicamente concatenados com as raízes tradicionais dos povos originários, sendo que, nas configurações simbólicas inferem na espetacularização que se incorpora numa cenoplastia do tradicional e moderno.

Experiênciamos que as nossas vivências e socializações adentram-se nas interfaces da modernidade líquida. Em vista disso, entendemos esta perspectiva alicerçar-se na letra da canção de Raul Seixas que defini que “nós somos uma metamorfose ambulante”, em que nessa composição musical retrata que somos expostos as modificações culturais, por sermos sujeitos pensantes.

Ressalvamos que as temporalidades e espaços diacrônicos se transformam, entretanto, essas mudanças proporcionam resquícios de permanência, pois como vimos que no decorrer da historiografia da humanidade, as transformações socioculturais não aconteceram de forma subitânea, ainda há resquícios de lembranças e da conservação do passado. Apreendemos que mantemos essas relações entre mudanças e permanências dentro de complexas faces culturais, religiosas, espaciais, lúdicas e sociais.

Neste formato narrativo, a festa do Divino corresponde em ser por natureza dicotômica, a maneira de que essas modificações são tecidas pelos fios condutores do pretérito. Nessa história, observamos no transcorrer do tempo os seres humanos fazem infinitas viagens para que concebem essa passagem do “novo” para o “velho”. Estas rupturas desses elementos apresentados acontecem no seio da cultura social. Todavia, meditamos lógicas racionais de difíceis compreensões, visto que, o passado não é ceifado, mas transformado.

Assim, como o sagrado e o profano, tradicional e moderno, mudanças e permanências tornam-se o motor essencial que pulsa na preservação dessa festividade que se interconectam nas facetas da cultura e da religiosidade popular. Mediante disso, essas transformações são inevitáveis para resistência identitária cultural. Essas alterações e percepções são vistas através dos diálogos e entrevistas. Aonde sondamos estas edificações de valores culturais enclausuradas nas paixões e sentimentos, sendo que, não podemos repudiar as mudanças que ocorrem no *locus* social.

Pelas paisagens da Amazônia retratamos essas transformações naturais, principalmente, nos períodos de cheia e estiagem dos rios, transportamos liricamente esta festividade de Pentecoste que segue este fluxo líquido de transmutações culturais. As artes e a poesia dão luz a estas mudanças culturais que acompanham a identidade sociocultural. Aspiramos que os indivíduos sociais remetem essas metamorfoses cernem aspectos positivos e negativos. Sendo que, positivamos nessas oscilações emergem inovações e ressignificações. Enquanto, de forma negativa há sujeitos que não se engajam nessas novas inerentes mudanças em que optam pela permanência dos resquícios da interface do tradicional.

Esses eventos religiosos inseridos no campus da criticidade seguem fluxos dinâmicos de reinvenção e afirmação da tradicionalidade. Nesta perspectiva, a festa do Divino com aproximadamente mais de oito décadas desde sua constituição sobrecarrega marcas de identidade regional em que mantém conglomerados de interações sociais que

são modificadas e retêm esses conflitos constantes ocasionados pelas oscilações da sociedade. Nas referências imagéticas encontramos sujeitos que se abstêm dessas mudanças, com também ensejam esta reconstrução das origens deste festejo, ou seja, retroceder ao pretérito, eloquentemente para as raízes tradicionais da festa do Divino.

Segundo Bosi (1992) essas memórias da cultura popular têm por sua gênese vincular-se ao povo que a modela em que essas manutenções dessa cultura popular permite continuidade de elementos tecidos pela religiosidade, as festas e as etiologias históricas, oferecendo uma antologia de reproduções tradicionais.

Salientamos que ao engendrar a respeito da festividade do Divino consiste-se no evento da tradição que se inova e é irrefutável e que está relevantemente congeminado na religiosidade popular, sendo que, há protagonistas epistêmicos que inoculam experiências vivenciadas e práticas. Em conformidade com Braga (2007, p. 70) essencialmente explana que:

A problemática clássica de separar religião e magia ou festa católica e popular, quando, na verdade, os limites dessas práticas históricas ou contemporâneas não comportam separação. Nesses termos, pode-se considerar que as festas amazônicas têm influência considerável do catolicismo, embora de alguma maneira tenham sido marcadas pela cultura popular da época, urbana, mestiça, tributária de heranças indígenas e negras.

O festejo do Divino é uma manifestação sociocultural humana que permanece incontestavelmente no caráter indissolúvel e mutável que se corrobora elementos inerentes que são englobados que se divergem de outras festas populares em conformidade a localidade e a região em que reencarnam.

De facto, até mesmo as festas populares que a tradição transporta de geração em geração, com frequência coladas à crença de que “sempre foram assim” e que assim têm de continuar a ser, até essas, se não mesmo sobretudo essas, se transformam, não apenas nas suas práticas e materialidades como também nos seus sentidos, graus e formas de adesão e entusiasmo. Difícil aceitar que seja de outro modo, se mudam as pessoas e as comunidades que em cada tempo e lugar as fazem suas e as alimentam e recriam. (Ribeiro *et al*, 2019, p. 9–10)

Desse modo, as festas católicas originam-se desta inerência híbrida que se aglutina de raízes culturais que estão enredadas nos heterogêneos teçumes derivados por ininterruptas experiências vivenciadas, bem como alicerçadas no processo de interação sociocultural que se esculpem pela interface do hibridismo cultural. De acordo com Canclini (2008) que elucida acerca das indagações a respeito do enredo do hibridismo

cultural, o qual, as encarnações étnicas tradicionais são persuadidas pelas intervenções culturais exteriores, que possibilita ressignificações mutáveis de culturas tradicionais. Então, a partir deste corpus híbrido sociocultural constituindo um mosaico de expressões representativas que se interconectam.

Sendo assim, a interface simbólica entrelace-se de maneira abalroada em relação tradição e modernidade no festejo do Divino. Vale exprimir que o adágio da tradição em festejar o Divino Espírito Santo desabrocha-se neste bardo de resistência popular. Assim, a tradição localmente constituída vincula-se visceralmente na resistência da identidade cultural, bem como implica-se numa peculiar configuração social e atemporal que se inter-relacionam na “maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes”. (Giddens, 1991, p. 38).

Entendemos que essa percepção da performance do tradicionalismo se sobrevoa na festa do Divino, à proporção de que se insere na práxis dialética que engaja e institui inter-relações que se imergem na comunidade de forma espacial e temporal que (re)inventa e se ressignifica a cada novo florescimento das gerações. Em concordância com Giddens (1991, p. 38):

A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa.

Ao discernimos acerca desta antologia da tradicionalidade periférica do “festejar” o Divino Espírito Santo são como “obras literárias e deveriam ser estudadas como tal, assim como é necessário estudar o meio social que as cria e transmite e a visão de mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de determinada cultura”. (Vansina, 1982, p. 142).

Diante disso, as raízes culturais e religiosas estão fundidas nas tradições e o simbolismo, transcorre nas linhas da modernidade vai se encaminhando em direção as heranças de um povo que carrega no peito de valores com a fé, crenças e devoção enraizado constantemente na vivência dos fiéis, assim entendemos as vozes e memórias que proclamam as histórias reunidas de saberes selados patrimônio cultural material e imaterial. Neste sentido, na modernidade, a tradição é evocada sinfonicamente que se

transmuta na sua resignificação e discernimento legitimador:

Sobre uma miríade de manifestações culturais de matriz popular que, por não se enquadrar nos cânones da racionalidade moderna, são justificadas reflexivamente. Tendo mudado o sistema tecnológico, económico, social e axiológico, a práxis tradicional já só tem lugar como contraponto simbólico da modernidade, como vestígio de uma “autenticidade” em vias de extinção ou de contaminação. (Ribeiro *et al*, 2019, p. 8).

Do mesmo modo, o festejo do Divino Espírito Santo tem essa essência do tradicionalismo sólido, também englobar nos elementos modernos, como aplicação das tecnologias para divulgação nas redes sociais no sentido de impulsionar a festividade, os fenômenos religiosos estão interligados na restauração da vida, modificação na sociedade que geram vários impactos sociais e comunitários isso podemos incluir fortificação da identidade cultural.

Então, no que postula Catenacci (2001) ressalta que a cultura é analisada como um acontecimento fenomenológico que contem complexidades e expressões polissêmicas com estigmas heterogêneos que simultaneamente adunar-se concepções acerca da tradição e as modificações outorgadas pelo moderno. Em princípio, a práxis de espetacularizar as tradicionalidades populares adentram-se na modernidade.

Ademais, a modernidade insurge-se como interface do pós-tradicional que abarca uma esfera ontológica que aufere um *status* em (re) inventar tradições, concomitantemente, a festa do Divino imbui-se na “manutenção de uma tradição por meio do tempo não implica em “congelamento”, em um “engessamento”, mesmo porque tradição como história humana, é processo” (Santos e Kinn, 2013, p. 227). Por conseguinte, o festejo do Divino Espírito Santo floresce nessa ontologia dicotômica entre o tradicional e o moderno. Na entrevista realizada com pároco Pe. Mellom Atama Mahhoba Waibena, com a idade de 52 anos profere:

A festa do Divino cresceu bastante desde o aspecto cultural, religioso e tradicional. A igreja é que organiza todo esse evento, não se tem a festa do Divino Espírito Santo sem a igreja. É Pentecostes! E quem organiza, quem faz a programação, porque é nós que fazemos e concedemos a programação toda do festejo. Nisso, a festa carrega ainda traços tradicionais. E ao falarmos em tradição remetemos como por exemplo: a levantação do mastro, a questão de oferecer a comida, o café, o tacacá, a alvorada, tudo também depende da gente. E com os responsáveis do tradicional como: cacheiro que é uma figura muito importante na levantação do mastro. Então, a parte tradicional ainda está viva nos corações da população alvaraense. (Entrevista realizada com Pe. Mellom Atama Mahhoba Waibena, 2023).

Dessa maneira, compreendemos que esta festividade se encontra relativamente articulada com a tradição advinda das identidades culturais construídas no interior do Amazonas, em que a tradição é conservada e armazenada nas memórias e constituições que moldam os comportamentos dos participantes deste evento espetacular. E esses ritos tradicionais são atribuídos e aderem significados para os praticantes de determinados ritos, sendo em pauta que esses comportamentos são passados de geração a geração. Salientamos que este tradicional não se enclausura de forma unilateral, no qual, sujeita-se à mudanças e reinvenções, mas mantém sua essência. Diante disso, na entrevista com Raimundo Clarindo Nunes de 74 anos, atua como cacheiro:

Faço um trabalho tradicional, canto em latim em homenagem ao Divino Espírito Santo, me sinto muito bem fazendo esse papel que emociona as pessoas que vão para adorar esse Santo poderosíssimo, tem um papel fundamental para abertura do festejo, aprendi esse ofício com meu pai, fui chamado pelo Espírito Santo e até hoje realizo essas cantorias e espero se Deus quiser realizar este ofício tradicional por muitos anos. Irei contar uma coisa que aconteceu no ano que não me chamaram para ser cacheiro, sabe o que aconteceu? Na hora da levantação do mastro, o rapaz que tava tocando o tambor, eles não conseguiram de jeito nenhum levantar o mastro, ficaram muito tempo tentando levantar e não conseguiram, aí eles não conseguiram levantar vieram aqui em casa e me chamaram e informaram o que estava acontecendo, aí aprontei rápido e fui, então, quando cheguei lá e vi situação comecei a cantar, porque quando é na levantação do mastro fazemos toda uma volta ao redor dele e ao completar esta volta, é porque estamos abençoando o mastro e as pessoas que acompanham. (Entrevista realizada com o cacheiro Raimundo Clarindo Nunes, 2023).

Assim, a partir do relato acima entendemos que os comportamentos e crenças são modelados pelas ações humanas. Esses processos tradicionais seguem padrões estabelecidos pela cultura e sociedade. Diante disso, quando essas normas e comportamentos que não são realizados se agregam numa ótica da anormalidade, quando não é executado esses ritos em que gera cenografia pautada pela estranheza. Geertz (2008) discorre que esses paradigmas demarcados pela cultura estão mergulhados no lago semiótico e semântico dos ritos tradicionais. De acordo com Émile Durkheim (1989) ressalva que esses fatos sociais acompanham as ações humanas. Então, as festas religiosas sendo humanizadas trilham caminhos que envolvem crenças simbólicas e ritualísticas submergem a tradicionalidade local.

Sendo assim, o tradicional deve acompanhar as transformações trazidas pela sociedade moderna, em face desta premissa, refletimos que o tradicional é presente na atualidade e deve ser mantido porque esses conhecimentos são transmitidos de geração a geração que sofrem reformulações no decorrer do tempo e espaço onde é celebrado. Na

entrevista realizada com a jornalista Ana Claudia Pereira Leocadio Gioia, com a idade de 45 anos:

Participo desta festa cultural desde criança, e raríssimas as exceções eu não participei, quando eu era adolescente participava da liturgia, com o objetivo de ter mais contato com o Divino Espírito Santo. Quando era criança com 05 anos de idade, recordo-me que a festa do Divino era muito comunitária, em que pediam donativos nas casas e as pessoas davam galinhas e porcos. Esses preparativos que temos até hoje de fazer roça, tirar goma para fazer os biscoitos, tucupi. Todas essas coisas sempre tiveram presente no festejo do Divino. Lembro também da minha avó na cozinha fazendo café e chocolate. Tenho guardado na memória filas tanto de crianças quanto de adultos e a vovó fazia umas barras de chocolate, tudo para ser dado na festa do Divino. Essas memórias que me dominam muito são esses sabores e cheiros dos biscoitos, do chocolate, do café que se mantém até hoje. Então, fico feliz dessas feitura tradicionais em resistirem até os dias de hoje. (Na entrevista realizada com a jornalista Ana Claudia Pereira Leocadio Gioia, 2023).

Em conformidade do que fora descrito acima entendemos que o tradicional segue e se delimitar por interesses individuais e coletivos. Essa tradicionalidade tornar-se uma estrutura sociocultural plural e dinâmico, sendo assim está face do tradicional contorna “um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que oferece, na prática, é um senso de continuidade predisposta” (Williams, 1979, p.119).

À vista disso, a tradição se conjuntura em ser seletiva e essa dinamicidade é fundamental para coexistência e manutenção desses ritos simbólicos. Além disso, a tradição tem na sua essência e carrega interpretações densas que devem ser decodificadas pelo o pesquisador. Nesta direção essa interpretação densa realizada contribui para uma análise microscópica desses ritos tradicionais que acontecem nessa festividade de Pentecoste.

A tradicionalidade designa um estilo formal de encadeamento que garante a continuidade da recepção do passado; nesse sentido, designa a reciprocidade entre a eficiência da história e nosso ser-afetado-pelo-passado; 2) *as tradições* consistem nos conteúdos transmitidos na qualidade de portadores de sentido; situam todas as heranças recebidas na ordem do simbólico e, virtualmente, numa dimensão linguageira e textual; nesse sentido, as tradições são *proposições de sentido*; 3) a *tradição*, enquanto instância de legitimidade, designa a *pretensão à verdade* (o ter-por-verdadeiro) oferecida à argumentação no espaço público da discussão. (Ricoeur, 2010, p.386-387).

Os tradicionais se constituem dinamicamente obtendo consciência social e

histórica florescida pelo transcorrer dos tempos. E nessa dialética seguimos esse percurso que é atravessado por significados e segue horizontes das tradições e da contemporaneidade. O autor Ricoeur (2010, p. 377) descreveu que a tradicionalidade se denomina “a distância temporal que nos separa do passado não é um intervalo morto, mas uma *transmissão geradora de sentido*. Antes de ser um depósito inerte, a tradição é uma operação que só pode ser entendida dialeticamente na troca entre o passado interpretado e o presente interpretante”. Em que refletimos que as tradições tecidas pelos seres humanos está englobada de dialética imaterial e material promovendo um sobressalto nas interpretações ressignificadas pelos indivíduos que participam desse ciclo espacial e temporal.

Vale explicar que segundo Giddens (1991) retrata que o moderno é inteiramente interligado com o mundo globalizante, sendo que essas modificações modernas reconstituem a tradição e possibilita essa adaptação influenciada pela cultura local e regional.

Dessa forma podemos acompanhar, ou sofrer, ou viver, eventos em quaisquer lugares do mundo a qualquer tempo. A vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global. Percebemos ainda que caminhamos cada vez mais rápido em direção à interdependência global, onde os códigos culturais estão se tornando cada vez mais fragmentados oferecendo uma vasta multiplicidade de estilos (Giddens, 2002, p.11).

Consoante Giddens (2002) analisamos que o tradicional com o passar do tempo vai perdendo sua dominância pela modernidade, por isso é de relevância trabalhos acadêmicos e coloca como pauta reflexões sobre a tradicionalidade e conhecimentos tradicionais para que as pessoas tenham conhecimentos desses saberes que são transmitidos através das gerações. Como percebemos ser tradicional é também ser moderno.

Diante disso, esse “novo” não se fragmenta com a tradição, em que esses dois elementos não se excluem, ao invés disso o tradicional se funde com o moderno. Dicotomicamente a tradição realiza esse ciclo entre a modernidade contemporânea. Pelo o exposto, o tradicionalismo tornar o indivíduo a participar de espetáculos e performances, em que esses colaboradores tem um papel de suma relevância para a elaboração desses eventos religiosos.

Desse modo, a arte tradicional está em movimento que transita entre o estado que acalenta a alma dos participantes. Sendo assim, essas manifestações poéticas são

herdadas pelas pessoas como Albert Einstein exprime em uma frase “Além das aptidões e das qualidades herdadas, é a tradição que faz de nós aquilo que somos”. A festa do Divino como sendo uma festa tradicional se propõem em carregar e manipular ritos e crenças alicerçados pela tradição e modernidade. A colaboradora Dona Nazul Brasil da Silva expõe que o tradicional não morreu neste festejo de Pentecostes.

Desde do tempo do meu pai, a festa do Divino carrega essa tradição na sua elaboração. Vejo que atualmente essas tradições não foram perdidas, mas eu vejo que o festejo também não é do mesmo jeito feito como era antigamente, mudou muito! Percebo que ainda temos a sobrevivência das coisas tradicionais que eram realizados nos meus tempos de menina. (Entrevista realizada com Dona Nazul Brasil da Silva, 2023).

Observamos a partir da entrevista da colaboradora acima que a tradição acompanha essa modernidade líquida. Ressaltamos que essas tradições culturais trazem essências das identidades de um povo, pois a tradicionalidade não realiza essa fragmentação com o passado mais adere o “novo” para sua manutenção. Desse formato a modernidade líquida derrete tudo o que é sólido “tradição”.

Vale explicar que essas tradições são inventadas ou ocorre a hibridação através do tempo, sendo assim, o ser humano reemerge tradições para elaborações desses ritos sociais, acrescentamos que a Festa do Divino é submergida dessas tradições em transformações desde a sua organização. O tradicional é mantido por intermédio da oralidade e das memórias coletivas dos participantes que se envolvem nesses ritos religiosos e culturais. É o povo que dar popularidade para um evento ou ritos simbólicos.

Em suma a tradição faz parte de modernidade líquida que estamos inseridos, e a festa em Honra a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade está atrelada com a cultura tradicional local e regional, sendo que, carrega aspectos da hibridação cultural advindas pelas múltiplas identidades dos povos.

2.3 – Cenas, cenários e protagonistas do festejo espetáculo

Primeiramente, analisamos que o território amazônico se tornou um palco atravessado de imensidão da diversidade natural e cultural, assim proporciona um cenário rico para o debate acadêmico para pesquisas do cunho interdisciplinar. Neste sentido, essas cenas e cenários que se desmitificam a partir de um estudo social, político, religioso, cultural, estético e lúdico. Desde o início da construção dessa dissertação venho inserir

como ponto de partida os olhares e as memórias dos protagonistas deste estudo, sendo assim, essa Amazônia dos rios lugar da morada dos caboclos, dos ribeirinhos e das populações indígenas submersas pelas tradições e recordações.

Ressaltamos que os indivíduos que vivem neste lugar estão em constante contato com a natureza, além disso, refletimos essa dicotomia entre o antigo e moderno. Vale salientar que os conhecimentos produzidos na Amazônia durante muito tempo foram fragmentados e colocados à margem do conhecimento científico. Desta forma, refletimos que esses novos trabalhos produzidos inserindo como principais protagonistas esses indivíduos epistêmicos, permite com que compreendemos essas Amazônias e suas subjetividades.

Essas teias tecidas são repletas de sensibilidades e significações que proporciona olhares sobrecarregados de linguagens que circulam pelas enunciadas expressões de ideológicas, simbólicas, “*poiesis*” dos povos que convivem no contexto da floresta. Rangel (1927) visualizamos que as cidades adquirem contornos e silhuetas em plena selva. Entretanto, as percepções construídas durante muito tempo desta Amazônia profunda seguiram o modelo civilizatório e dos colonizadores.

Diante disso, ressaltamos que é significativo esses diferentes olhares atrelados de cultura local, tradicional e de identidade cultural. Essas tessituras tecidas preenches espaços que antes eram brancos, colocando mais cores e vida e preenchendo lacunas que antes eram esquecidas.

A percepção mais imediata do que nomeamos Amazônia é quase sempre derivada da inigualável e sublime expressão natural que lhe é tão peculiar. Mescla de águas e matas, o propriamente amazônico não se esgota, é claro, na beleza da sua paisagem natural – porque o físico e o humano performam evidentemente a Amazônia em um espaço cultural riquíssimo – mas é essa paisagem a porta principal e também a guia mestra neste imenso labirinto de águas. (Conceição, 2020, p. 03).

Enfatizamos que atravessamos uma fronteira culturais que interligam com memórias individuais e coletivas de sujeitos que convivem nessa liquidez amazônica. Santos afirma que “cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais” (1987, p.7). Demonstramos que somos lapidados pela a cultura, pois seguimos esses processos socioculturais modelando nossa identidade e memórias.

Do mesmo modo, essas lembranças que são recordadas a partir de conversas e entrevistas, iremos inserir essas cenas e cenários vividos neste festejo dos espetáculos

pelos colaboradores e participantes desta festividade religiosa e lúdica. As festas religiosas são estruturas sociais que seguem arquétipos dos complexos da cultura local reforçando a constituição das identidades coletivas.

[...] uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e nos espaços sociais (Guarinello, 2001, p. 972).

As festas religiosas são espaços culturais que contribuem para construção de cenários que atravessam uma dimensão de afeto e memória coletiva. Meyer (2019) os participantes da Festa do Divino em Alvarães se correlacionam pelas construções formadoras estéticas e religiosas, em que modelam ações, valores emoções e também o “senso comum” dos indivíduos que são partilhados pelos os hábitos e percepções corporais e espirituais.

Vale expressar que os cenários que ocorrem nessa festividade estão repletos de significado que é importante para a realização do evento, por isso com no perpassar dos tempos, essas cenas e cenários se modificam e se atribuem relevância para esses sujeitos epistêmicos. Ao entrevistar Raimundo Clarindo Nunes de 74 anos conhecido com cacheiro⁹ exprime os cenas e cenários convividos na festa em Honra a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade:

Estou completando 28 anos que participo da festa do Divino. Eu fui chamado pelo Espírito Santo para cantar a folia ao Divino. Sou folião! e quando se aproxima a festa nos preparamos e somos chamados para a Alvorada que ocorre de madrugada ao redor das ruas principais do centro da cidade. E canto as cantorias em Honra ao Divino, porque fui chamado para isso. Nós foliões cantamos e levantamos as bandeiras pelas as ruas das cidades de Alvarães. (Entrevista realizada com Raimundo Clarindo Nunes, 2023).

Desta forma, a partir do que foi descrito na entrevista, compreendemos por onde

⁹ Cacheiro é conhecido como tocador que cantar a música do Divino em Latim no momento da levantação do mastro e da adoração ao Santo todo final da missa na capela do Divino.

essas cenas e cenários da festa do Divino e o espaço que esse evento espetacular ocupa. Em que todo esse espaço é esteticamente enfeitado para a festividade para receber viajantes e turistas no evento. Souza (2013) explana que aconteceu a fragmentação desses espaços envolvendo as manifestações litúrgicas religiosas e das festas públicas de ruas. Então, entendemos que o espaço religioso é restrito pela igreja, já as festividades sociais públicas que envolve danças e coisas profanas acontecem distante da igreja ou da onde ocorre o evento religioso.

Bernand (2004) destaca que os cenários instituídos para as festas religiosas se remetem a um espaço político e social “O plano em tabuleiro de xadrez, as perspectivas retilíneas valorizavam os espetáculos: cortejos, procissões, representações teatrais, danças” (Bernand, 2004, p. 182). Dessa maneira, permitimos a discernir que essas relações de poder são estabelecidas por modelos políticos e religiosos onde tornar-se o espaço aonde acontecem o evento um palco de disputas hierárquicas de manutenção de controle ou autopromoção.

Também o sentido político das festas católicas deve ser ressaltado em relação ao período, embora não apenas em relação a ele. Isso porque tais festas foram manifestações religiosas, mas foram, também, manifestações de poder. As relações de poder e as estruturas hierárquicas as definiram, moldaram suas formas e configuraram seus rituais. Controlar as festas religiosas num momento histórico em que poder político e religioso mantiveram-se entrelaçados foi uma maneira de controlar, ao mesmo tempo, o súdito e o fiel. De impor-se sobre ambos e enquadrá-los dentro de uma celebração na qual as linhas de poder deveriam estar bem definidas. (Souza, 2013, p. 21).

As relações mantidas entre os políticos e os cleros permitem com que ocorram investimentos financeiros nessas festas religiosas, mas por outro lado da balança acontece divulgações desses governantes e políticos no discorrer desses eventos. Diante disso, compreendemos que esse método acontece desde o período colonial e se mantém até hoje. Segundo o entrevistado Joaquim Gomes Pereira de 63 anos diácono da Paróquia de São Joaquim afirma que:

A minha ligação que tenho com a Festa do Divino é nas reuniões e nas celebrações, outra ligação de outros movimentos não faço parte, porque ela é uma igreja sob muito custo vinculado ao movimento social e político, tem a parte religiosa, mas o político ingressa muito na festa do Divino e eu acho que isso nunca deve acontecer dentro da igreja. Para nós como igreja isso não fica bom, porque hoje recebemos muitas críticas, e porque a festa do Divino é vista como não sendo religiosa, o pessoal comenta isso, pois não é uma festa religiosa! Conversando com padre que veio cantar neste ano ele informou que a festa do Divino mudou porque tudo é muita politicagem. Então eu acho que

independentemente do modo que acontece, mas devemos nos afastar um pouco ou então cortar isso de uma vez por todos esses laços! Porque eles podem ajudar na festa cultural tudo bem, mas quem manda na parte do centro da igreja somos nós. Não sei se ninguém percebeu mais na última noite foi preciso eu chamar a missionária e pedir para mandar parar o som, porque estávamos na celebração, e era o bispo que estava aqui e o prefeito dando premiação dentro da igreja, porque a igreja tem o direito de 50 metros para não colocar um cartaz e bandeira de político no festejo. E esse ano ocorreu essa vinculação essa entrega de premiação quase como comisso e discursos do lado da igreja, e as lanchas estavam quase nas portas da igreja, então isso não deve acontecer, e nós da igreja não gostamos disso! (Entrevista realizada com Joaquim Gomes Pereira, 2023).

Além disso, percebemos através da fala do entrevistado, essa percepção sobre a festa do Divino se comporta no cenário religioso e político, a partir do que foi descrito acima refletimos que a essa tentativa de ruptura do festejo do viés religioso e da “politicagem”. Entretanto, averiguamos que essa relação dicotômica entre a religião e a política coexiste em vias de mão duplas, mas entendemos que tem anos que a balança cai para um lado. Nisso contribuem para a revolta de muitos religiosos, pois essas posições socioculturais dos participantes aos festejos aos santos ocorre a constituição de figuras políticas em território religioso. Essas manifestações culturais solidificam em cenários de formação de capital político.

A política é visualizada para alguns como porta de entrada prejudicial para manutenção do religioso ou evangélico, porque é necessariamente vista como algo que não se pode misturar, sendo que, carrega comportamentos não cristões. Sendo assim, os políticos filiam-se à estratégias com o intuito de arquitetar e edificar um cabedal político e social, no qual, utilizam o festejo do Divino Espírito Santo como fio vector. Conforme Lima (2007, p. 71) adjura que:

A festa enfim não pode mais ser apenas analisada como um ritual para ser vivido ou sentido, ela é instituída para ser também, e sobretudo, vista. Vista pelas lentes da indústria do turismo, da mídia, dos grupos políticos locais e nacionais, dos detentores do poder econômico, dos grupos religiosos, da criação cultural, do festeiro, partícipe da festa, etc., pois ela nada mais é que produto de uma multiplicidade discursiva e prática, ela é prática, ela é feita de fragmentos que se unem como dispersão, como conexão de práticas e discursos produzindo efeitos: efeitos de verdade, de poder, de saber, de sonho, de paixão, de riso, de devir. (Lima, 2007, p. 71).

Desse modo, a festividade do Divino não é somente desempenhada para celebrar, mas também um *locus* da política local. Assim, esse festejo coadjuva no cenário para os versados experientes políticos que emprega práticas de trocas entre políticos e eleitores.

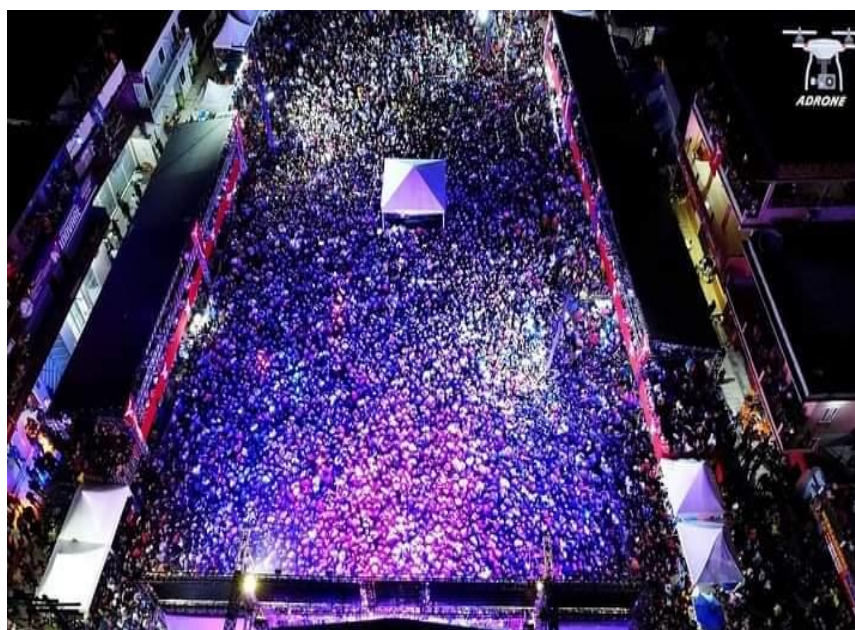
Essas festas interioranas não são realizadas somente com o intuito de celebrar um santo, mas server também para a promoção política e influenciar os cidadãos.

A festa de Pentecoste em Alvarães solidifica os usos políticos em sua organização, e essas festas aos Santos se demonstram o estabelecimento da política, acrescentando que a população alvaraense está acostumada com a participação de políticos no festejo, pois é uma festa social e cultural tem o apoio da prefeitura e do prefeito em exercício, mas é claro que esses políticos tiram proveito da festa para autopromoção política. A colaboradora Vania Marinho dos Santos ressalta que:

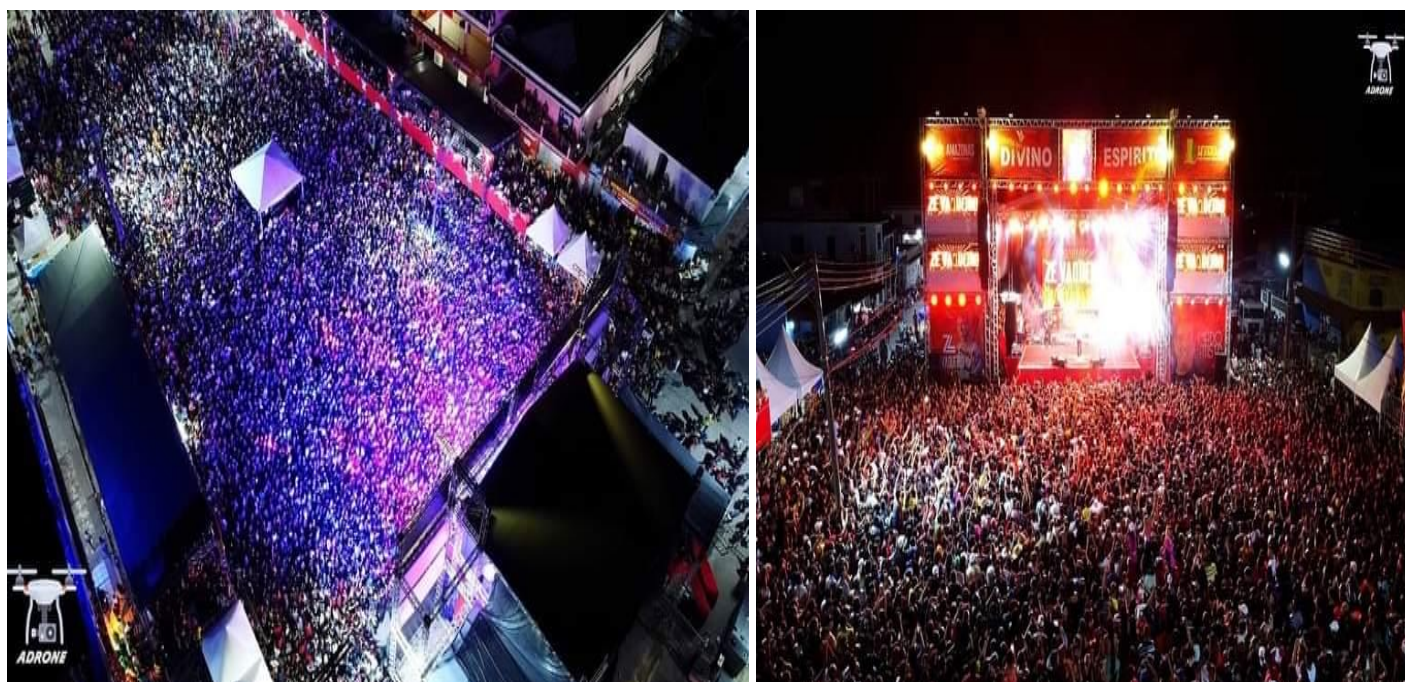
Acho engraçado que quando chega na última noite antes da banda principal tocar aparece lá no telão: as obras do prefeito, e obras que ele fez durante o ano, aparece lá todo humilde nas fotos de suas obras e ações que ele fez, e você sabia que o cantor também influencia na população? Porque quanto maior o sucesso do cantor, mas a população se anima e fica fazendo comparações com outras administrações passadas. (Risos!). (Entrevista realizada com Vania Marinho dos Santos, 2023).

Observamos que a igreja católica e a política no decorrer dos tempos seguiram caminhando em uma via de mão dupla. As festas religiosas assumem também um caráter político hoje na contemporaneidade, assim sendo, as festas constroem e favorecem as relações da população e do político. Antes de tudo, nesses lugares se concentram uma grande quantidade de pessoas e por isso tornar-se o momento de promoção política e contato maior com a população. Entretanto, ocorre também um embate com o religioso e político.

Figura 29: Imagem de *drone* da última noite da festa espetacular.



Figuras 30: Imagens de *drone* da última noite da festa espetacular.



Fontes 29 e 30: Facebook Portal Alvarães Notícias, 2023.

Traçamos um caminho que navega pelas práticas sociais humanas, mas não deixamos a margem que as atividades socioculturais humanas são patrocinadas por setores políticos, públicos e privados. E grandes espetáculos contribuem para a grande circulação de pessoas e visibilidade para esses setores, pois é nítido que essas “parcerias ou patrocínios” são relações de interesses e divulgações de algo ou de alguém. Essas relações políticas durante as festas dos Santos têm como primordial propósito em influenciar a população, e esses laços tecidos por interesses são estabelecidos no decorrer das festas religiosas.

Vale salientar que essas cenas e cenários que produzem memórias afetivas do festejo, permite com que as pessoas devaneiam sobre o que aconteceu e o que foi realizado. Diante disso, fazemos uma autorreflexão sobre essa sociedade em que coexistimos e os prazeres da vida são imputados por esse meio social de incertezas, pois vivemos em uma sociedade líquida que antologicamente é como água em nossas mãos que escorre e segue outro rumo. Assim essas incertezas ocasionam estresse, depressão e apreensão para a população, então essas festas religiosas socioculturais tornam-se um momento de fuga do real, onde os participantes entram no campo do devaneio espiritual e social.

O autor Zygmunt Bauman em seu livro intitulado “Modernidade líquida” apresenta que “(...)a “modernidade líquida” as encontrou, presas como antes a suas respectivas localidades, o poder flui bem além de seu alcance. A nossa experiência é semelhante à dos passageiros que descobrem, bem alto no céu, que a cabine do piloto está vazia.” (Bauman, 2001, p. 216).

Neste sentido, a função da festa também se direciona ao divertimento e a interação das pessoas que convivem neste mundo de incertezas. E esses espetáculos e cenas construídas eleva os indivíduos a conhecer outros cenários desconhecidos e essa ânsia de se reconectar com esses cenários que acontecem anualmente. Bauman (2001) refere-se que os espetáculos em sua natureza elevam o emocional e promove um “alívio temporário às agonias de solitárias lutas cotidianas, à cansativa condição de indivíduos de jure persuadidos ou forçados a puxar a si mesmos pelos próprios cabelos.” (p. 186). Neste formato, esses eventos festivos fragmentam essa monotonia ocasionada pela solidão social.

Entendemos que os espetáculos tomam lugar de fuga, sedução e “tentação” humana, sendo assim, reúne multidões que agem nestes lugares cercados pelos ritos simbólicos e religiosos construídos para refugiar o ser humano. Ferguson (1996) analisa que pós-moderno é mergulhado por relações fluídas que se dissolvem rapidamente, por isso que os indivíduos necessitam desses espetáculos para aliviarem suas dores dessa sociedade em ruína.

CAPÍTULO III

AS CANDEIAS DO DIVINO ILUMINAM AS MEMÓRIAS

Por uma (festa) que desaparece, reforçam-se dez, quantas novas festas surgem um pouco por toda parte! As mesmas? Ou semelhantes? Não completamente. E, se desaparecem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se nova diversificação. (Sanchis, 1983, p. 16).

As reminiscências são como candeias que navegam pelos rios dos devaneios, tecendo “teias da vida” atreladas pela cultura, o lúdico, o poético e religioso. Neste sentido, compreendemos que as memórias são como centelhas que alumiam o olvidamento, e os dispositivos criadores são os colaboradores. E essa interpretação densa sobre as memórias possibilita ao leitor singrar por devaneios inimagináveis destes sujeitos epistêmicos que participaram e construíram este estudo. Seguiremos buscando furos interpretativos para compreender essas candeias remanescentes que floreja nos devaneios individuais e coletivos.

3.1 – O festejo como dispositivo de memórias

As reminiscências são criadas pelos sujeitos a partir de pequenas centelhas de recordações, onde nossas memórias metaforicamente são uma tela a ser pintada em que os traços e delineados são relevantes para a constituição de uma imagem ou de algo. Então, o ser humano faz uma exegese ao recordar do que fora vivido. As memórias surgem como uma silenciosa brisa que se manifesta e refresca a mente dos indivíduos. Recordar faz parte da vida do ser humano, guardamos memórias: tristes, felizes e angustiantes. Assim ficamos cativos nas teias do passado.

Diante disso, o espetáculo tende a mudar a partir da ótica que é vista, acrescentamos a significância de observar o festejo do Divino por diversas interfaces, pois se obtém múltiplas interpretações. A anamnese são como pedaços soltos que o pesquisador precisa decodificar densamente, por isso este trabalho desde da sua constituição promoveu relevantes análises sobre as lembranças desses sujeitos epistêmicos que participaram na constituição deste estudo.

Ao ler cada traço desse trabalho observamos diferentes interpretações sobre esse festejo espetacular. É como encontrarmos em um barco navegando pelas lembranças

desses colaboradores, onde cada parada entra e sai pessoas diferentes, mas essas pessoas deixam suas marcas a partir do momento que concorda em fazer essa viagem pelas suas memórias. Estamos preenchendo lacunas deixadas pelo sombrio oblívio, pois cada memória conflagra e reencarna sublimes cenografias vivenciadas de nossas experiências na coletividade sociocultural.

A memória é fundada pouco a pouco na passagem contínua de um instante no outro e no encaixe de cada um, com todo o seu horizonte, na espessura do instante seguinte. (...) Assim como na "conservação das recordações" não existe discussão a instituir, mas apenas uma certa maneira de olhar o tempo que torna o passado manifesto enquanto dimensão inalienável da consciência, não existe problema da distância e a distância é imediatamente visível, sob a condição de que saibamos reencontrar o presente vivo em que ela se constitui. (Merleau-Ponty, 199, p. 358).

Assim, as recordações são marcas poéticas deixadas pelo ser humano, pois invoca sentimentos, feitos e trajetórias. A face dessa premissa, é relevante exprimir a importância de tecer fios pelas memórias dos participantes da festa do Divino, analisamos essas doces memórias deixadas por esse evento religioso e cultural. Diante disso, as lembranças eternizam momentos importantes para os colaboradores.

Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança. ” (Poulet, 1992, p. 54-5).

Lowenthal (1981) toda formulação consciente do passado florescem através da memória, por intermédio das reminiscências somos conscientes dos fatos acontecidos. Neves (1998) contextualiza que memória tornar-se essencial para cruzar essa linha tênue entre o passado e o presente. Essas memórias individuais e coletivas são (re) criadas por relações culturais e históricas.

A festa do divino me traz lembranças tão boas e felizes, dos tempos quando eu era criança e acompanhava os meus pais, aí pegava os biscoitos com Nescau, olhava as pessoas dançando na alvorada era tão animado! Venho quase todos os anos, mas quando acaba o festejo deixa lembranças boas do que aconteceu nas 10 noites. (Na entrevista realizada com a jornalista Ana Claudia Pereira Leocadio Gioia, 2023).

A partir do que foi visualizado pela fala da colaboradora as lembranças comporta fragmentos do passado vivido. Essas memórias extraímos das subjetividades e crenças. As memórias não seguem uma direção linear, e trilha o caminho para as ressignificações sociais, bem como o tempo e o espaço definem o que deve ser lembrado e esquecido. Segundo o autor Bobbio em seu livro “O Tempo da Memória” ressalva que “Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos” (Bobbio, 1997, p.30).

A festividade do Divino tornar-se tecido por memórias afetivas e constituição dos sentimentos carregados por simbologias culturais que afetam os acontecimentos que são delineados pelas as memórias. Neste sentido, lembrar é resgatar essas identidades que afetaram a vida dos seres humanos. Portanto, definimos que a memória atravessa múltiplos significados polissêmicos, como podemos explicar por meio do: recordar, rememorar e lembrar. Do mesmo modo, a instância da memória vela-se pelas circunstâncias dos acontecimentos sociais.

Em consonância com Bergson, desvela que a práxis de rememorar é um episódio fenomenológico que recria o presente e o pretérito, pois a memória “prolonga o passado no presente” (Bergson, 2006, p.247), e assim discernimos que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida”. (Bergson, 2006, p. 179).

Diante do que fora exposto, essas lembranças surgem espontaneamente ou de maneira impelida. Precisamos entender que a memória abriga percepções acerca da sociedade, e essas ações lembradas promulgam práticas que se engaja no âmbito que vivemos. Além do mais, memórias são líquidas que podem ser descartadas ou recuperadas. Para conhecer a cultura de um determinado povo precisamos traçar caminhos tecidos pelas subjetividades recordativas.

Sendo assim, a comprovação da existência do ser humano advém através do contato oral, corporal e espiritual com outras pessoas. Acrescentamos que experienciar esses eventos vividos tornam-se fundamentais para produção de memórias. Na expressão poética de Mário Quintana (1989) no trecho intitulado: *essa lembrança que nos vem*” expressar poeticamente que:

Essa lembrança... mas de onde? de quem?

Essa lembrança talvez nem seja nossa,

*mas de alguém que, pensando em nós, só possa
 mandar um eco do seu pensamento
 nessa mensagem pelos céus perdida...
 Ai! Tão perdida
 que nem se possa saber mais de quem! (Quintana, 1989).*

Diante do exposto, a temporalidade e o espaço são conectadas pelas memórias. E esses caminhos facilitam a entender histórias e modos de vidas. Estas substâncias sociais permitem-nos a comprometermos com a oralidade como fonte de pesquisa, de catalogação e observação, quando retratamos a memória de um grupo social devemos distanciar-nos do que fora proferido para interpretar estes relatos. Podemos discernir que fazemos um tour pelo passado através das memórias de cada indivíduo, e esse olhar sociocultural torna-se como uma fotografia, a partir que fotografamos se conserva este registro. Então, a memória é como uma foto que contém intrinsecamente registro do passado que:

(...) mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entre em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que quadro dentro do qual são guardados esse passado vivido, bem dadas as suas lembranças mais pessoais mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória. (Halbwachs, 1990, p.71).

Afinal, somos reféns deste pretérito, e a transmissão das memórias nos assegura a nossa existência social. Tecemos análises sentimentais estruturadas pela trama simbólica das recordações, assim, a festa do Divino Espírito Santo em Alvarães é produtora voluntária dessas memórias coletivas e individuais. Ao realizar as entrevistas sentimos em nosso âmago: os sentimentos e emoções que os sujeitos epistêmicos se rememoram. E ao fazer esta etnografia sentimental adentramos no campus de memória deste colaborador. Desta maneira, nos fazemos responsáveis de investigar os dados obtidos por intermédio do trabalho de campo. Ao entrarmos no *lócus* da cultura devemos inserir as narrativas e modos de vidas que estão enxertados nesta cultura, sendo que, essa festividade de Pentecoste carrega em sua essência em produzir memórias afetivas.

Figura 31: Os foliões do Divino Espírito Santo.



Fontes: Pesquisa de Campo, 2023.

E esses teçumes construídos produzem conhecimentos multifacetados dessa manifestação cultural que se desentoca desta Amazônia líquida. Desse modo, revelamos fios condutores pela história e experiências desses colaboradores pelos fragmentos das memórias. Recuperamos através das lembranças de ações sociais que se solidificaram na festa do Divino. Em que este festejo carrega fios tecidos pela a cultura popular que se submerge nas relações coletivas afirmadas ao longo do festejo.

Dessa maneira, construímos análises do sagrado e dionisiaco, do tradicional e moderno e entre outros aspectos que se consagram a festa do Divino. A partir disso instituímos pontes afetivas com o passado das pessoas que participam deste evento, pois a memória é um acontecimento social que incorpora elementos de socialização. Em conformidade com Bosi (1979, p. 02) em sua obra: *Memória e sociedade: lembranças de velhos* postula que “este registro alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal”. Nesta configuração, a anamnese irradia os recantos esquecidos.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afluíam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (Bosi, 1979,

p. 03).

Como fora visto, essas recordações sociais são como raízes que estendem, assim sendo, no perpassar de cada ano esse festejo desenha novas memórias, em que delineamos fronteiras com as mudanças sociais identitárias. Navegamos por uma festividade que permite analisar diversas falas e pontos de vistas do referido evento, pois as representações simbólicas, artísticas, dionisiacas, ritualísticas possibilitam o devaneio pelas paisagens recordativas.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 1990, p. 26).

Percebemos que as falas carregam um cabedal narrativo no ato de contar uma história, e que estas histórias nos remontam facetas semânticas interculturais. Aonde entendemos essa relação do ser humano com o espaço e temporalidade que é vivida, visto que, são as festividades que carregam multidões e promovem produções infinitas de memórias. E esses dispositivos das memórias são disponibilizados genuinamente através do contato do pesquisador com o colaborador.

a memória pura, aquela que opera no sonho e na poesia, está situada no reino privilegiado do espírito livre, ao passo que a memória transformada em hábito, assim como a percepção "pura", só voltava para ação iminente, funcionam como limites redutores da vida psicológica. A vida activa aproveita-se da vida contemplativa, e esse aproveitar-se é, muitas vezes, um ato de espoliação. (Bosi, 1979, p. 13)

Em suma, esses informes não seguem caminhos lineares em que essas memórias sociais são testemunhas de fenômenos culturais, sociais e naturais. Ainda vale exprimir a importância de preservar essas lembranças afetivas. Diante disso, concluímos este enredo da anamnese com o poema encontrado no livro *Lembranças: poemas organizado por Katia Aparecida Oliveira (2022) intitulado: “A ânsia de memorar”*, de autoria Kerolayne Souza Wiesniewski expressa que:

*É nos recônditos da mente
Que há muitas histórias vividas*

*Com elas eu me reencontro,
E seleciono as passagens preferidas.*

*Por meio das minhas lembranças
Passo a buscar algo encoberto,
E num embalo de pseudestesia
Eu sinto o passado de perto.*

*Procuro o meu dia desejado,
Apego-me às visões serenas
Esqueço do que vivo agora,
Entregando-me às cenas.*

*Nesse mundo de recordações,
Ouço o eco de palavras lisonjeiras
Palavras proferidas por quem amei
E hoje, renovadas de várias maneiras.*

*Assim resgato as boas memórias
Como quem sorri para o entardecer
Noto a relevância das mudanças,
Presentes do tempo para comover.*

3.2. Procissões: passagens sacralizadas do Divino em Alvarães

A procissão religiosa expressa o êxodo dos fiéis para com o espaço considerado popular que são as ruas e vielas, onde tornam-se a espacialidade deste cortejo, o lugar de visibilidade que capturamos a presença sensível de devotos peregrinando no professar da fé. Diante disso, esse desfile reúne multidões em que há folguedos, as bandeiras, cânticos, ladainhas, preces, rezas, orações individuais que sacralizam esta religiosidade popular.

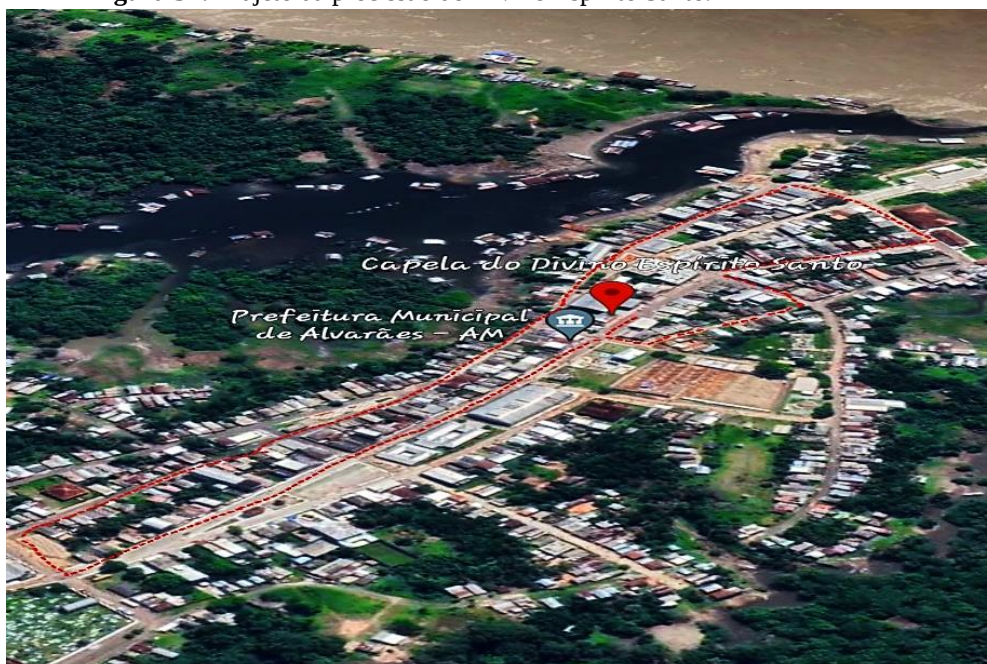
Neste sentido, a procissão torna-se um ritual que transmite a estética religiosa em que observamos o culto visível a esta afetividade religiosa. Em que evidencia a dimensão da sociabilidade presente nas festividades que contempla os santos católicos no interior do estado do Amazonas. Esses rituais são advindos dos costumes e tradições impressos desde o período colonial. Sendo que, exhibe uma interface visual e representativa.

As procissões são fenômenos religiosos que representam essas festas cristãs que

formam teias de significados que se entrelaçam com os símbolos, os quais, os fiéis manifestam sua fé visando impressionar os devotos e não-devotos. Essa peregrinação que se inicia e organiza dentro da igreja, sendo que, os peregrinos se organizam no ato de aguardar os direcionamentos do padre ou de alguma autoridade religiosa. Mediante disso, torna-se um espaço de fé e divertimento entre os participantes.

Ao descrever acerca da procissão do festejo do Divino em Alvarães/AM, compreendemos que estamos trilhando caminhos que se direcionam para essa devoção ao santo, em que as pessoas saem das suas casas para emotivamente celebrar este rito eclesial em honra à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Primeiramente, a partir do primeiro dia de festejo ocorre a procissão da Alvorada que compõe o ritual inicial. Como podemos visualizar nesta imagem a trajetória percorrida pelos devotos do Divino Espírito Santo na procissão Alvorada:

Figura 32: Trajeto da procissão do Divino Espírito Santo.



Fonte: Google Earth, 2024.

Desse modo, identificamos pela imagem apresentada acima a área demarcada do percurso em que os devotos e promesseiros percorrem através das procissões do ritual religioso celebrado ao Divino Espírito Santo. Neste acontecimento ocorre o chamado das pessoas, geralmente, pelos fogos de artifícios, caixas de som e principalmente pelo ribombar do sino, ao chegar na igreja essas pessoas são recepcionadas pela comissão organizadora litúrgica e festeira em que recebem velas, folhetos de cantos, bandeirolas

nas cores vermelho e branco com o ícone de uma pomba que imageticamente representa o Divino Espírito Santo.

A estrutura da procissão se estabelece da seguinte maneira: com os coroinhas, os foliões que são os portadores das bandeiras, andor com a coroa do Divino, bem como o carro que desloca os tocadores e por fim, os devotos. Assim, se inicia a procissão pelas ruas do centro da cidade, sendo que, é perceptível a espetacularização da fé das pessoas ao Divino e olhares de curiosos referente a este cortejo.

Figuras 33: Imagens da Procissão da Alvorada de 2022.



Fontes: Francisco F. Fogaça, pesquisa de campo,
2023.

Desse modo, é escolhido as casas que abrigam as faixas dos dons do Divino

Espírito Santo que são: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade, e temor a Deus, em que esses setes dons direcionam as casas e ruas que irá ocorrer a peregrinação, então, a cada parada entoam orações e cânticos. Podemos acrescentar que os fiéis devotos ornamentam suas residências para acolheram efetivamente a passagem do Divino. Desta forma, a procissão segue o seu fluxo seguindo como um rio de multidões de pessoas que cultuam e se divertem neste trajeto, além disso, esses passos conduzem aos participantes a terem a sensação de estarem mais perto de sua divindade. Portanto, a procissão da Alvorada se inicia e termina na frente da capela do Divino Espírito Santo.

No turno vespertino, precisamente às 17h ocorre outra procissão que inicia em frente da igreja de Nossa Senhora de Fátima, onde encontram-se os mastros. E nessa procissão são realizadas preces, cânticos em que as pessoas seguem em direção ao campo do Caiçaráo para o levantamento do mastro principal, e o segundo mastro é erguido atrás da capela, sendo que, se concentra pessoas principalmente homens em que tem a função de erguer os mastros. Em suma, neste momento há compartilhamentos de sentimentos e alegrias entre os devotos.

Seguiremos para o espetáculo da terceira procissão que acontece na penúltima noite da festa, que inicia também aproximadamente as 17 horas da tarde, nesta procissão se reúnem uma quantidade maior de pessoas, visto que, é visível a vinda de turistas e devotos para curtir os últimos dias de festejo, e nestas últimas três noites a cidade recebe uma grande circulação de pessoas, que vem para pagar as promessas e também curtir a festa dionisíaca que este evento proporciona.

Nesta procissão analisamos que a sua organização se apresenta similarmente como na Alvorada, entretanto tornar-se mais enfeitada, acresce que nas ruas da cidade a prefeitura ornamenta esteticamente, em que percebemos que a cidade ganha um ar de celebração e animação. Voltando para a peregrinação observamos participantes levantados suas bandeiras e velas, cantando com alegria as músicas religiosas passando pelas frentes das casas abençoando as pessoas por onde perpassam, sendo assim, as bandeiras são balançadas no ar representando a fé e crenças dos indivíduos.

Logo em seguida, nesta mesma tarde ocorre a procissão fluvial, onde acontece no lago de Alvarães, assim muitas pessoas ficam aguardando esse momento, e os barcos ficam superlotados para participarem desta procissão. Ressaltamos que o barco principal é o que transporta a coroa do Divino, os foliões e os cantores e demais pessoas, os demais barcos vão em direção ao barco principal que seguem a procissão fluvial navegando pelas

águas que se emanam a espetacularização de emoções.

Vale ressaltar que muitos participantes consideram esse momento o mais emocionante, em que o rio é refletido pelas as candeias e essas luzes conduzem a procissão fluvial parecendo estrelas nas águas brilhando e acendendo os olhares em busca dos devaneios e imagens marcantes. Revelamos a partir das imagens que navegam pela estética produzida pela procissão fluvial.

Figuras 33: Imagens da Procissão



Fontes: Pesquisa de Campo, 2023.

Diante disso, essas quatro procissões seguem os padrões sociais da religião popular católica, mas percebemos que carregam aspectos únicos e diversificados das outras peregrinações do Brasil. Salientamos que essas procissões passam por transmutações religiosas e culturais, permitindo que a cada ano dependendo da organização se transforma e segue em um formato diferente, por isso a significância

desses protagonistas epistêmicos que deixam registrados imagens e memórias das procissões de fé. Então através da entrevista realizada com a Dona Ivanilde Silva Brito:

Quando participo da procissão me sinto tão bem, a gente ver aquelas multidões de pessoas peregrinando e se conectando com Deus, mas me sinto emocionada na procissão fluvial, onde o Divino é levado no barco e dá uma volta no lago. A gente ver o rio todo brilhoso! Com as barquinhas iluminando, com os fogos palmilhando os rios e os fogos de artifícios iluminando o céu. É tão bonito de se ver! (Entrevista realizada com Dona Ivanilde Silva Brito, 2023)

Diante do exposto, a procissão constitui-se na elevação da fé que se delinea fortemente nas ruas de Alvarães com a presença dos fiéis religiosos que prosseguem em romaria nos entoados dos cânticos e as rezas, unindo em cada detalhe que refletem a veneração do Divino Espírito Santo. Assim são demonstração de uma identidade cultural e histórica enraizada nas memórias dos alvaraenses. Ademais, concluímos este tópico como o poema intitulado: “Rimas e procissões”, com a autoria da mestrande Estefany Pereira da Silva (2023):

*Ritmos e procissões nas ruas de Alvarães
Sob manto do Divino
Alma engradece no percurso da fé
Em momento nenhum será desfeita.*

*A fé e a Esperança sintonizada aos devotos
Que sustentam a vida como propósito
Conexão profunda com a graça Divina
Procissão uma missão do peregrinar.*

*Somos guiados e fortalecidos
Pelo o sinal de amor ao Divino Espírito Santo.
Na luz radiante no céu a brilhar
Encontramos forças para vencer as adversidades.*

*Nos singelos ribombares da esfera sagrada
Buscamos motivação para o caminho de devoção.
Nas ruas da cidade vão acendendo
Candeias de memórias inesquecíveis da fé.*

3.3 – As promessas e graças nas memórias afetivas

Primordialmente, a festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/ AM perpetra por meio da cultura popular que se entrelaça no véis religioso. E essas festas religiosas tradicionais dedicam-se suas crenças e devoções aos santos populares que estão inseridos

no contexto teológico e comunitário. Pois, a religiosidade popular não aparta-se da textura secularista, mas se institui a partir da existência real e concreta das experiências vivenciadas das pessoas nas suas comunidades.

Neste sentido, as religiões populares aquiescem nas crenças dos sujeitos como uma antologia inoculada de ritos e ações que estão encarnadas na faceta patrimonial da coletividade que se entrelaçam nos adágios socioculturais e religiosos. Sendo que, para o ser humano “a crença é a possibilidade de alterar o curso dos acontecimentos para receber favores mediante os milagres e a utilização simultânea ou alternativa da religião e da magia para resolver as necessidades primárias” (Becerra, 2000, p. 63).

As promessas consistem-se em práticas associadas à exibição da fé, da elevação da fidelidade profunda com o Divino Espírito Santo. A essência natural das palavras que contorna com uma analogia da renovação espiritual que transcende a esperança de conquistas atribuídas à veneração afirmada nos diálogos dos devotos que se mantém nas promessas e donativos aos santos católicos que contextualizam os significados de laços espirituais. A jornada de peregrinação ao agradecimento da graça alcançada tem um percurso ritualístico enriquecido nas culturas tradicionais.

Os atos de devoção embasam-se no compromisso firmado pelas peregrinações aprofundadas, e na religiosidade popular, as promessas tornam-se uma expressão de fé que refletem nas peregrinações, nas orações e no pagamento das mesmas, visto que, são cultivadas pelas crenças e dádivas dos devotos ao Divino Espírito Santo.

Sendo assim, as promessas que têm o intuito: recuperação da saúde, proteção divina, superações de dificuldades, realização de sonhos e desejos para serem realizados, e quando as graças são alcançadas devem serem pagas pelos os indivíduos que as fizeram. Bem como abrange esta percepção que para “muitas pessoas, a promessa exprime uma ideia de relação de “patrão-cliente” e, como nada é gratuito, é necessário pagar o dom recebido”. (Gonçalves, 2019, p. 25). Ressaltamos que quando não ocorre o pagamento da promessa “podia originar sanções sobrenaturais sobre quem não cumpre o que prometeu, quer sejam penas temporais ou espirituais”. (Becerra, 2000, p. 72). Realçamos que as promessas sucedem como:

Como um ato propiciatório, como expressão de uma convicção interior que a pessoa se dispõe a oferecer ou a realizar, algo como um pedido ou uma intercessão para agradar à divindade. A prática das promessas é tão variada que é difícil a construção de uma tipologia aprofundada, porque muitas delas são realizadas na intimidade da pessoa. (Gonçalves, 2019, p. 26)

Nessa mesma lógica, as manifestações religiosas inserem as promessas como uma construção relacional entre os santos e as pessoas. E essas relações de trocas são feitas ao receber uma graça. Então, deve serem pagas por sacrifícios, ofertas, doações e feitos pelo “pagador”. Contextualizando com o festejo do Divino, as promessas podem ser efetuadas de diferentes formas como: andar descalço na procissão, vestir crianças ou adultos de anjos, carregar tijolos na cabeça, andar na procissão com a coroa do Divino, pagar donativos, ser festeiro ou notário, comprar fitas para introduzir na coroa do Divino, citamos algumas promissões, mas elas são pagas de divergente maneira. Ademais, “A prática das promessas é tão variada que é difícil a construção de uma tipologia aprofundada, porque muitas delas são realizadas na intimidade da pessoa”. (Gonçalves, 2019, p. 25). Para Mauss (2003) as festas ocorrem engajadas relações de troca entre os participantes, as divindades, e é o sobrenatural que floresce essas trocas simbólicas e ritualísticas com os indivíduos e as divindades religiosas

Vale retratar que a festa do Divino em Alvarães/AM se iniciou com uma promessa a ser cumprida, conseqüentemente, fora se disseminando esta devoção ao Divino Espírito Santo através das graças e promessas. De acordo com Pereira (2011, p. 99) que “trata-se de entender uma promessa como que mantendo relações de homologia com as posições correspondentes ocupadas pelos santos e os fiéis”.

A promessa é uma forma de oração. A promessa é feita no momento apertado e de extrema necessidade, quando acontece alguma coisa, você pode apelar a promessa como em caso de doença, porque é no momento que você coloca toda a sua confiança em Deus, e quem recebe uma graça pode fazer uma obra de caridade. Então, a boa promessa é aquela que é fundamentada na caridade, no sacrifício, e quando falamos de caridade, também falamos de amor e sacrifício. Se não seguir esses preceitos da pessoa que faz a promessa, não se é vista como uma boa promessa. Vou dar exemplos de promessas que pessoas fazem: – “Padre! Eu fiz uma promessa de andar no barco com o Divino”. Isso não é uma promessa! É um privilégio. Porque todo o mundo quer andar na procissão fluvial com o Divino, e cadê o lado do sacrifício? Da caridade? Do amor? Tem que possuir estes elementos inerentes para se dispor em realizar uma determinada promessa. (Entrevista realizada com Pe. Mellom Atama Mahhoba Waibena, 2023).

Desse modo, a diligência processual que involucra as promessas que estão enxertados de significados que precisam serem cumpridos. Conforme Mauss (2003) a promessa se conecta neste vínculo afetivo e espiritual entre o promesseiro e a dádiva divina. Nesta faceta, a promessa é vista pelos praticantes do catolicismo popular como

rito de conexão com o mundo sagrado.

Eu devo muito ao Divino, quando saí daqui com dezessete anos, para fazer o vestibular, e a minha mãe não tinha dinheiro para nada, éramos muito humildes. E contei com muitas ajudas em Manaus, morei com uma freira e aí quando fui fazer a prova e estava muito nervosa. Aí comecei a rezar, e falei com o Divino assim: “Olha meu Divino, queria que o Senhor me ajudasse, que caísse na prova, só o que eu sei”. Pois não acredito nesse negócio que vai descer o Espírito Santo em mim e vai me iluminar e vou fazer a prova e tirar uma nota dez. Pois acho que devemos fazer a nossa parte de estudar. Menina foi impressionante! Eu abri a minha prova e caiu somente perguntas que eu sabia. Para o curso que queria era apenas 20 vagas, e aí deu certo e passei. Demorei muito para pagar esta promessa, passei em 1996 e só paguei minha promessa em 2008, foi quando eu tive condições, já era jornalista, editora. Então tive condições e fiz uma festa muito linda. (Na entrevista realizada com a jornalista Ana Claudia Pereira Leocadio Gioia, 2023).

Compreendemos que essas promissões são como barganhas que são realizadas com o propósito de obter algo, como vimos na fala de Ana Claudia (2023), que fizera uma promessa com o ensejo em adquirir a dádiva que propusera ao Divino para que fosse selecionada no vestibular. Posto isto, o comprometimento de cumprir essas graças perfilhadas depende do que for prometido. Em sintonia com Galvão (1995) entrevistamos que as promessas são geradas para lograr algo pedido. E as pessoas que fazem assumem o dever de pagar com práticas de sacrifícios.

Entendemos que vivemos em uma sociedade cética, no que concerne ao ser humano escrutinar resoluções para suas indagações e inquietudes arraigadas, pois a promessa está incrustada de “relação entre os homens que buscam proteção e a resolução para as suas necessidades diante dos seres e forças sobrenaturais”. (Becerra, 2000, p. 163). Em face do exposto, as pessoas que se imiscui em cumprir essas promessas, e que simultaneamente são agraciadas com as dádivas concedidas.

A promessa é uma relação estabelecida entre a condição humana concreta de um invólucro de santidade que a rodeia, faz parte de uma visão de mundo dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo em que se insere no quadro de uma economia de troca. Graças a essa troca recorrente, estabelece-se uma solidariedade entre duas sociedades, a humana e a divina. Em troca ganha-se uma certeza de proteção, uma presença do sagrado que acompanhará no desenrolar do cotidiano de sua existência. (Sanchis, 1992, p. 54-55).

Em consideração a isso, as promessas são coletivas, pois são partilhadas para outros indivíduos. E essas pessoas que veem essas graças que são cumpridas e disseminadas para outras pessoas com o intuito de que suas dádivas sejam conectadas

neste elo transcendental do Divino, no que desvela as pessoas pagam as promissões. Essas pessoas se tornam faróis por causa das bênçãos outorgadas para outras pessoas, pois a função da promessa está estruturada nesta práxis da coletividade em que o indivíduo compromete-se a compartilhar essas graças com outras pessoas. Portanto, a festa do Divino atravessa essa concepção de ser um evento que promulga milagres. A colaboradora Nazira Pereira Leolcadio, de 68 anos de idade aborda que:

Já consegui muitas graças com o Divino, eu peguei uma trombose aí me apeguei com ele, e recebi essa graça que me curou, não fiquei com o problema de aleijamento me curei e não fiquei com sequelas nenhuma. Outra graça que tive é que peguei uma sequela que eu esquecia assim o mundo, se fosse agora iam me dizer que estava com mal de Alzheimer ficava toda lesa e quando as pessoas conversavam comigo e eu não sabia aonde eu estava, então eu fiz outra promessa com o Divino para me curar e depois disso a mancha sumiu da minha cabeça no exame de tomografia e paguei novamente a minha promessa. Faço também promessas para outras pessoas como para os evangélicos, e faço da seguinte maneira se a pessoa ficar boa ela pode pagar donativos para a igreja ou acompanhar a procissão do Divino. Faço as promessas para outros, mas eles que tem que pagar porque foram eles que receberam as graças. (Entrevista com Nazira Pereira Leolcadio, 2024)

Essas promessas tornaram-se força motriz social da festa. Aonde as pessoas apresentam suas súplicas para as suas manifestações religiosas na qual eles participam. Estamos falando que a festa do Divino é uma festa que coloca o ser humano como protagonista, por que ela é realizada a partir da comunhão e da união de outras pessoas, então é uma festa para a coletividade seguimos e discutimos que as promessas de uma certa maneira afetam a interface da coletividade. E esse coletivo floreja sentimentos em que essas pessoas se comovem e demonstram admiração venerável aos santos.

As próprias festas de santo podem ser consideradas promessas coletivas com o objetivo do bem estar da comunidade. Acredita-se firmemente que se o povo não cumprir com sua obrigação ao santo, isto é, festejá-lo na época apropriada, ele abandonará a proteção que dispensa. Aqueles que custeiam com seu dinheiro as despesas das festas tem a convicção que o santo. retribuirá esse sacrifício. Feita a promessa seu cumprimento é mandatário, sob pena do santo retaliar com castigos ao que foge à obrigação assumida. O tema mais comum dos relatos de milagres é o da punição de um faltoso pelo santo a quem fizera uma promessa e deixará de pagar. (Galvão, 1955, p. 42).

Segundo Galvão (1955) esses paradigmas culturais e religiosos se repetem a partir das relações de respeito mútuo e o senso de obrigação a partir de milagres recebidos. O autor também ressalva que os santos ou divindades são como protetores e salvadores contra males e desafios enfrentados pelo ser humano. E nesse espetáculo ocorre a

produção de aspectos sensoriais que se interligam com atividades visuais e afetivas. No entanto, os religiosos vivem conexões de diálogos espirituais a partir do momento que solicitam uma promessa.

Os devotos constroem sensibilidades representativas por intermédio dos ritos, e essas simbologias consagradas no festejo são revestidas de olhares visíveis e invisíveis. Diante disso, esta festividade espetacular atrai a atenção de diversos turistas, visto que, esta festa depende dos devotos fieis e visitantes.

Figura 34: Imagem que retrata pagadores de promessa, onde crianças são vestidas de anjinhos



Figura 35: Imagem da procissão terrestre onde ocorre as peregrinações e pagamentos de promessas.



Fontes: Pesquisa de campo, 2023.

Visualizamos nesta primeira imagem, a criança vestida de anjo no colo do seu avô, que pertence a comunidade Caboriní que vieram cumprir a promessa, pois esta criança se encontrava muito doente, sendo que, seus familiares fizeram a promessa que se essa criança ficasse em boas condições de saúde, iriam vesti-lo de anjo. Enquanto, a segunda figura torna o mesmo contexto similar.

A festa do Divino carrega multidões em busca de obtenção das graças. Essa festa local desloca pessoas para retornarem à cidade para pagar suas promessas, em que podem ser conhecidos como: pagadores de promessas ou promesseiros, assim esses indivíduos ficam aguardando ansiosamente o festejo do Divino para pagar suas promessas.

Fiz outra promessa para o meu marido! Quando morávamos na Nigéria, aí ele sofreu um acidente muito grave, em que o carro bateu neles e capotaram na estrada e nisso a cabeça dele bateu várias vezes no vidro, neste acidente ele fez uma cirurgia muito séria de abrir o cérebro, e lá onde nós estávamos não tinha muitas condições, e graças a Deus foi colocado um cirurgião indiano no meu caminho e fez uma cirurgia maravilhosa que hoje o meu marido não tem nenhuma sequela. Eu não estava nem lá, estava em São Paulo! E quando eu estava indo lembro-me que chorava muito porque estava muito preocupada, eu já tinha autorizado a cirurgia, mas na minha viagem ele ia está em cirurgia! E não sabia se essa operação ia dar certo ou não! E quando eu descobrir pelo médico quando ele estava indo para o centro cirúrgico ele teve uma parada cardíaca tiveram que reanimar ele, para fazer a cirurgia. Então ele enfrentou muitas coisas, e passou vários dias internados em coma, eu fiz a minha promessa lá em Loner que era uma parada para chegar na Nigéria, e estava muito nervosa e comecei a rezar para o Divino, e assim mudei o meu formato de rezar e pedi ao Divino Espírito Santo conduzir as mãos de cada médico dessa cirurgia, e que o dom da ciência seja muito forte nessa operação e proteja o meu marido para que ele ficasse bem. E assim se ele sáisse bem disso nós iríamos ser juízes do mastro. E eu não tenho dúvidas que quem curou o meu marido foi o Divino, eu vejo que tem coisas que não se explica pela medicina, o meu marido se curou graças ao Divino Espírito Santo! (Na entrevista realizada com a jornalista Ana Claudia Pereira Leocadio Gioia, 2023).

Nesta entrevista podemos observar os sentimentos fé em que a colaboradora Ana Claudia depositou ao Divino Espírito Santo, em que passou por uma situação de extremar necessidade colocando sua fé e devoção. Neste sentido, as promessas emergem a procura de uma cura ou desejo levando os indivíduos a terem contato com o transcendental e o sobrenatural das coisas. Portanto, como a colaboradora ressaltou tem coisas que o ser humano não explica, e esses fenômenos que não tem explicações são empregadas as soluções advindas de elementos sobrenaturais.

Consoante Gonçalves (2019) as crenças de um povo são atribuídas ações que está divindade ou santo tem com esses indivíduos, pois a religiosidade popular são como manifestações gerenciadas por sacrifícios que engloba: orações, rezar e promessas. Assim, meditamos que essas ações e oferecimentos aos Santos tecem teias de significados atribuídos dessas manutenções consideradas mágicas par o campo religioso.

Galvão (1995) expõem que os santos dispõem dos seus poderes de cura aos mais necessitados. O catolicismo amazônico permite com que os participantes se submetam a devanear pelas crenças da região. Por consequência a devoção e a promessa necessita de um Santo ou entidade, e essa festa em questão do Divino Espírito Santo assume a posição de entidade que predispõem de graças e curas aos promesseiros.

Desse modo, atravessamos nessas compreensões poéticas e religiosas que o ser

humano atribui aos Santos, pois esses devotos devaneiam que nunca estão sozinhos ao enfrentar alguma dificuldade, em que através das devoções e adorações aos Santos, ele irá retribuí-lo por intermédio de relações de trocas a partir de uma graça concedida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou averiguar densamente a cultura refletida na religiosidade popular no interior do Amazonas. A linguagem poética que muitas vezes nos ajudou a tecermos diálogos por meio do devaneio dos protagonistas do festejo do Divino foi proposital. Compreendemos que a religiosidade popular ganha aspectos simbólicos e ritualísticos hibridizados pela cultura de um determinado povo.

Ao construirmos um quadro sobre tal religiosidade tivemos que atentar para a chamada “vigilância epistêmica”, ou seja, estranhar o familiar, posto que o fato de pertencermos ao cenário do objeto pesquisado nos coloca na posição de realizar este afastamento necessário para refletir e interpretar todos os ângulos da festa de Pentecoste. Ao realizarmos a pesquisa de campo pudemos observar que as imagens e as falas dos sujeitos epistêmicos conversam com as leituras, e esses colaboradores demonstram sentimentos e recordações do festejo permeado de significados que são tecidos pelas suas mãos e memórias.

A nossa “viagem pelas ideias” dos sujeitos epistêmicos devaneios que contribuem para a interpretação do processo de construção do evento. Vale salientar que a festa do Divino apresenta estruturas moldadas pelos valores religiosos e dionisíacos que concebem aspectos bem singulares, sendo que, esses dois campos se misturam permitindo com que os participantes transitam por essas duas dimensões. Desta forma, esta festividade exprime na sua essência de transmutações de espaços e sentimentos, e esse dinamismo social carretam novos valores socioculturais tecidos pelos ritos e símbolos que acompanham o ciclo da sociedade.

Perante ao exposto, este itinerário a respeito da interface do espetacularizar expande-se a disseminação de acessibilidade das mídias e meios de comunicação que outorga ao festejo do Divino Espírito Santo uma epifania de visibilidade e de reconhecimentos dos devotos e não-devotos envolvem-se. Sendo que, a espetacularização de fé encarna nesta tecelagem da ontologia da cultura e religiosidade popular dos povos amazônidas.

Neste sentido, o âmago desta pesquisa versa sobre tradições amazônicas que realizam verdadeira sutura ritualística, social, étnica e cultural no sentido de que esta religiosidade popular ocorre e é realizada em uma cidade periférica do Amazonas, mas que conserva essas práticas devocionais e lúdicas que são constantemente ressignificadas.

A nossa cartografia sentimental, inspirada em Deleuze e Guattari (2012) percorre as espacialidades, temporalidades e memórias afetivas que estão incorporadas na festa. Os teçumes desta dissertação aponta para percepções interdisciplinares que se entretecem nos fios da sociologia, literatura, linguística, antropologia e história. Então, nos foi possível viajar por alguns devaneios dos colaboradores deste estudo. Destarte, a Amazônia durante muito tempo foi alocada na periferia do conhecimento científico. Assim, esse olhar panorâmico interdisciplinar contribui para aquisição constitutiva da decolonialidade intercultural.

Assim, o capítulo I se propulsou em averiguar os sentimentos repletos de devaneios poéticos dos participantes e da pesquisadora referente a este evento sociocultural, assim refletimos que a arte de festejar é incorporada nessa Amazônia profunda, em que a população deste local depende dessa cultura festiva religiosa para descontar os seus estresses, males, devoção, fé e promessas. Desse modo, compreendemos que os povos que vivem na Amazônia respiram cultura e se mergulham sobre ela.

O capítulo II discutimos esse trançado espetacular desta festividade que é submersa em elementos modernos e tradicionais, em que permite o florescimento de ressignificações socioculturais dos símbolos e códigos produzidos no decorrer do evento. As espetacularizações remetidas nas festas amazônicas contemporâneas ganham destaques pelas mídias sociais, então as festas se transformam em um produto de troca e investimento tanto no turismo e financeiro.

No capítulo III almejamos em refletir sobre essas recordações produzidas pelos fiéis e participantes, em que essas memórias são compartilhadas, assim entendemos que as memórias coordenam as paixões e a fé desses sujeitos epistêmicos. Ressaltamos que essas memórias me levaram ao entrar no mundo das ideias sobre o festejo. E a partir disso construir uma cópia dessa festividade por intermédio das lembranças perfeitas de uma sociedade imperfeita.

Trilhamos um caminho através do panorama para essa festa repleta de espetacularização que atrai milhares de pessoas para participar deste evento cultural e religioso, visto que, a festividade produz um clima de ascensões de sentimentos diversos e emotivos. Desse modo, seguimos percorrendo através de um fio, mas compreendemos que este festejo produz diversos fios culturais e religiosos, então fica em aberto para outros pesquisadores tecerem suas pesquisas por esses demais fios.

Concluindo esse trabalho fora enriquecedor e emocionante conhecer as felicidades e sentimentos dos colaboradores, e esse fio condutor de paixões e impulsos possibilitou uma autorreflexão sobre a festa, pois uma das maiores tragédias do indivíduo social é o esquecimento, e essas recordações afetivas são chamas que dão vida a esses colaboradores, acresce que vivemos em uma sociedade de dor e sofrimento, por isso essas festas sociais permitem com que as pessoas aliviam suas dores e angústias. Portanto, o corpo se define e a memória também, por isso a pesquisa etnográfica tornar-se uma candeia iluminando a alma memorial. E esse artesanato escrito reencarna as lembranças dos sujeitos epistêmicos que participam da Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Elefante; Autonomia Literária 2016.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massa. In: Luiz Costa (org.) Teoria da cultura de Massa. RJ: Paz e Terra, 2000, p. 169-214.

AGNOLIN, Adone. **O debate entre história e religião em uma breve história da história das religiões**: origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. Projeto de História, São Paulo, n. 37, 2008.

AMARAL, Rita. **Festa à brasileira**: “os sentidos do festejar no país que não é sério”. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani. 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de Cultura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BECERRA, Salvador. Religión y fiesta. Antropología de las creencias y rituales de Andalucía. Sevilla: Signatura Ediciones de Andalucía, 2000.

BERNARD, C. Imperialismos ibéricos. In: FERRO, M. (Org.). O livro negro do colonialismo. São Paulo: Ediouro, 2004.

BOBBIO, Norberto. O Tempo da memória. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo, EDUSP, 1987, v. 1.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. RODRIGUES, Rodrigo Pollari. **Santo Antônio de Borja**: devoção e festa. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2006.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CATENACCI, V. Cultura Popular: entre a tradição e a transformação. *Revsita eletrônica São Paulo em perspectiva*. São Paulo. V. 15, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CONCEIÇÃO. Douglas Rodrigues da. UMA CENA RELIGIOSA NA PAISAGEM AMAZÔNICA: A NARRATIVA DE TAMAR E AMON NA POESIA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO. *Organon*, Porto Alegre, v. 35, n. 70, p. 1-16, 2020. E-ISSN: 22388915 DOI: 10.22456/2238-8915.103262.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999. 258 p.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Hemus – Livraria Editora LTDA, 2018.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**, 1997, in: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf>

DEL PRIORI, Mary. **Religião e Religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. 2. ed. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DURKHEIM, Émile; NEVES, Paulo. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução: Candra Castello Branco. São Paulo. Ed. UNIFESP, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESBELL, Jaider. **Makunaima, o meu avô em mim! Iluminuras**. Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11- 39, jan/jul, 2018.

FERNANDES, António Teixeira. **“Ritualização da Comensalidade”**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1995. In Separata da Revista da Faculdade de Letras. Sociologia, Porto, I Série, vol. 7, 1997.

FREITAS PINTO, Ernesto Renan. A Viagem das ideias. In. *Estudos Avançados* 19 (53) 2008.

FONSECA, C.C. **Esquema Corporal, Imagem Corporal e Aspectos Motivacionais na Dança de Salão**. Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação Física – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas, Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1955.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Viver para contar**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GIDDENS. A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa**: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2 ed. Manaus: Valer, 2007.

GONÇALVES, Artur Jorge Ramalho Rocha. As promessas e o sofrimento. Uma leitura Teológico-Pastoral. Dissertação Final, 2019.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I. & KANTOR, I (Orgs). Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. V. II, São Paulo: Ed. Hucitec./Edusp, 2001.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DPA Editora, 1999.

HALBWACHS, M. **La mémoire**. collec;/ve, Paris, PUF, 1990.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **A festa na cidade que o barranco levou**: dinâmicas culturais e políticas do brincar de boi em Fonte Boa (AM). - Manaus: UFAM, 2010.

HOLANDA, Yomarley Lopes. **O artista-andarilho da Amazônia e o florejar de sua práxis-poiesis na festa popular**, 2019.

<https://www.pensador.com/frase/MTMyMDE/> Acesso em: 30 abr. 2023.

IBGE. (2022). **Município de Alvarães**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/alvaraes/panorama>. Acesso em 19 nov.2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 2003.

LÉVI-STRAUSS, **Claude**. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Tradução Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. *A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano*. Editora Idéia, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. Projeto História (17). São Paulo: EDUC, 1981.

MAFESSOLI, Michel. *O tempo das Tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Tradução: Rogério de Almeida. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005 (a).

MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e Educação*. Campinas. Papirus. 1987. _____, Nelson C. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas. Autores Associados. 2002.

MARQUES, L. M.; BRANDÃO, C. R. **As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar** - DOI 10.5216/ag.v9i3.33822. *Ateliê Geográfico, Goiânia*, v. 9, n. 3, p. 7–26, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/33822>. Acesso em: 23 mar. 2023

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. (1999). **Fenomenologia da percepção** (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1945).

MEYER, L. B. **The Music and Arts and Ideas**, London, Peter Nevill, 2019.

MORAES, Fernando Oliveira de. **A festa do Divino em Mogi das Cruzes: folclore e**

massificação na sociedade contemporânea. São Paulo: Annablume/ Fapesp, 2003.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

NEVES, Margarida de Souza. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

OLIVEIRA, Katia Aparecida org. **Lembranças: Poemas** – Alfenas MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2022.

OLIVEIRA, R. G. A antropologia de grupos urbanos. Petrópolis, Vozes, 2012.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro – Zahar, 2003.

PEREIRA. Luzimar Paulo. Promessa, consideração e trato nas festas de folia em urucuia – MG. 2011.

POULET, G. **O Espaço Proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

QUINTANA. **Essa lembrança que nos vem**. Acesso em: 02 jul. 2023.
<https://poesiaspreferidas.wordpress.com/2014/07/25/essa-lembranca-que-nos-vem-as-vezes-mario-quintana/>

RANGEL, Alberto. **Inferno verde** (scenas e cenários do Amazonas). 4. ed. Tours: Typographia Arrault, 1927.

RICOEUR, P. **L'idéologie et l'utopie** Paris: Seuil, 2010.

RIBEIRO, R., Pinto, M., & Lima, M. (2019). **Nota introdutória: Ressignificações da**

festa e dentidades co-munitárias. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), 7–14. <https://doi.org/10.21814/rlec.2365>.

RODENBACH, Georges. **Le miroir du ciel natal: poème**. Hachette Livre Bnf. Èd 1898.

SANCHIS, Pierre. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura Sousa. **“Ecologia de Saberes”** In: *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SANTOS, Rosselvelt José Santos; KINN, Marli Graniel. **O Lugar Da Festa Camponesa No Cerrado (Re)Ocupado**. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (ORG.). *Maneiras de ler: geografia e cultura [recurso eletrônico]*. – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, p. 220 – 232, 2013.

SANTOS, Ruth Rodrigues. **A festa que é a mesma, sendo continuada outra: a ressignificação da Festa (do pau da bandeira) de Santo Antônio de Barbalha, Ceará através das mudanças e continuidades**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, 2015.

SILVA, Andreane do Nascimento. **Por uma poética amazônica da fé: promesseiros, ambulantes e in(fieis) no festejo de santa Teresa D’ávila em Tefé (AM)** / Andreane do Nascimento Silva. Manaus: [s.n], 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOARES, Maria Elisabeth Alves Mesquita, TUMA, Raquel Lage, MAIA, Carlos Eduardo dos antos. **Das ruas para os espaços fechados: reflexões sobre festas**. In:

ALMEIDA, Maria Geralda de org.).Territórios de tradição e de festas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018. p. 13-35.

SOUZA, Ricardo Luiz de.Festas, procissões, romarias, milagres : aspectos do catolicismo popular / Ricardo Luiz de Souza. – Natal : IFRN, 2013.

TERRIN, Aldo Natale. “**Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões**”. [tradução Euclides Luiz Calloni]. São Paulo: Paulus, 2004.

TORRES, Iraildes Caldas. **Poéticas Amazônicas**: gênero, religiosidade e sonoridades cartográficas, Iraildes Caldas Torres (org.). Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2021.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Revista Internacional De Folkcomunicação. Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR. Ano III, Número 5 - Junho/2005.

VANSINA, Jan. **História Geral da África**: metodologia e pré-história da África. V.1. São Paulo: Ática,1982.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 121/132.

WILLIAMS, R. Culture and Materialism: Selected Essays. London: Verso, 1979.

ZALUAR, Alba. “**Promessas e Milagres dos Santos**”. In: Os homens de deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de janeiro, Zahar Editores, 1983.

ZWEIG, Stefan. **O Combate com o demônio – Hölderlin, Kleist e Nietzsche**. Trad. de José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2004.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DO AMAZONAS - UEA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A luz das candeias do Divino: A espetacularização da fé e as memórias afetivas em Alvarães/AM.

Pesquisador: ESTEFANY PEREIRA DA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69932923.0.0000.5016

Instituição Proponente: Escola Superior de Artes e Turismo

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.209.414

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: A luz das candeias do Divino: A espetacularização da fé e as memórias afetivas em Alvarães/AM.

Pesquisador Responsável: ESTEFANY PEREIRA DA SILVA

Este trabalho científico descreve-se em desvelar esses processos socioculturais presentes na Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM, no qual, terão como sujeitos epistêmicos da pesquisa, as pessoas que estão vinculadas nesta festa que ocorre no coração da Amazônia.

Assim, a pesquisadora irá analisar e decodificar os relatos orais dos participantes e colaboradores que fazem parte desta festividade do Divino Espírito Santo. Diante disso, as entrevistas serão semiestruturadas com perguntas desenvolvidas pela pesquisadora deste estudo. Portanto, essa pesquisa florescerá a partir dos olhares, recordações e

Endereço: Av. Carvalho Leal, 1777

Bairro: chapada

UF: AM

Telefone: (92)3878-4368

Município: MANAUS

Fax: (92)3878-4368

CEP: 69.050-030

E-mail: cep.uea@gmail.com

sentidos desses sujeitos epistêmicos sobre este evento religioso e dionisíaco. Sendo que, as festas amazônicas vão muito além das festas sociais, e quem estuda sobre esta temática deve ir muito além, pois essas festividades na Amazônia envolvem questões simbólicas e ritualísticas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Desvelar os complexos processos socioculturais que norteiam a festa do Divino em Alvarães/AM, com ênfase na sua espetacularização e produção de memórias afetivas.

Objetivo Secundário:

Discutir a historicidade do Festejo do Divino em Alvarães, assim como as teias simbólicas e seus significados para constituição de identidade da população alvaraense; Examinar o processo de espetacularização da religiosidade na festa do Divino em Alvarães/AM; Analisar as memórias afetivas dos protagonistas e construtores do evento da festa do Divino em Alvarães/AM.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Este trabalho pode ter possibilidade de constrangimento ou desconforto no decorrer das perguntas, mas a pesquisadora explicará aos entrevistados o sentido da pesquisa e que este trabalho não irão prejudica-los de nenhuma maneira, visto que, tornar-se importante ao abordar os entrevistados explicar o trabalho para acalma-los antes de realizar a entrevista. Outro risco envolve a ansiedade e o nervosismo, pois como como a pesquisa irá se alicerçar pela a memória individual e coletiva desses sujeitos epistêmicos que permitirá tocar as emoções desses sujeitos, por isso será realizado em um ambiente que essas pessoas se sintam confortáveis para falar e serem ouvidas. Ressaltamos que pode ocorrer o cansaço pelas as perguntas respondidas, entretanto, o roteiro de entrevista será feito com o principal objetivo de facilitar a compreensão dos entrevistados, acresce que poderá ser realizado uma pausa nas entrevistas ou o retorno em

outro momento caso o entrevistado expresse indícios de cansaço. Em suma, esta pesquisa será realizada com o propósito de minimizar quaisquer riscos que envolvam os participantes no decorrer da coleta de dados, em que a entrevistadora irá tomar medidas que serão para prevenção dos riscos no decorrer das entrevistas.

Benefícios:

Esta pesquisa promoverá benefícios diretos e indiretos para os participantes deste trabalho, pois como os participantes serão os protagonistas principais desse estudo, as suas memórias e sentimentos sobre a Festa do Divino possibilitarão a construção da dissertação de mestrado. Diante disso, as suas falas ficarão registradas em uma dissertação aonde outras pessoas do meio científico e da sociedade terão livre acesso a esta pesquisa. Desta forma, sujeitos que até décadas atrás eram consideradas sem relevância para o conhecimento científico serão colocadas como principais agentes para a elaboração desta pesquisa, e este trabalho será de suma relevância para a população alvaraense, pois este evento que acontece anualmente conta com a contribuição de milhares de pessoas para ser realizado, em que muitos não sabem a significância social, cultural e religiosa para a cidade de Alvarães, e através deste trabalho será disseminado o conhecimento sobre a Festa do Divino. Por fim, este trabalho ficará registrado para outras gerações terem acesso e esses relatos desses sujeitos epistêmicos poderão ser revisitados futuramente por outras pessoas, visto que, como compreendemos a cultura se transmuta e conseqüentemente a Festa do Divino passará por modificações, porque é uma festividade cultural, religiosa e social, e essas ressignificações são importantes para manter esta festa que ocorre no coração da Amazônia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Método e tipo de estudo:

Esta pesquisa florescerá a partir de uma ótica da interdisciplinaridade que consiste num diálogo epistemológico tecido entre as disciplinas, e esses fios tecidos pela análise interdisciplinar irá possibilitar a apreensão de objetos e sujeitos que eram ocultos e invisibilizados do conhecimento científico ou dando um novo olhar para uma pesquisa já fora realizada.

Local do estudo:

O campo dialético da interdisciplinaridade segundo Japiassu (1976) impõem essa

transcendência da sua própria especialidade, em que o pesquisador se torna consciente dos seus limites para explorar subsídio metodológico de outras disciplinas, permitindo a interação entre conhecimentos “operantes e cooperantes”. Trata-se de um conhecimento fluído e vivido guiando o pesquisador a novas descobertas que englobam esses enigmas, símbolos e cultura material e imaterial desses agentes sociais.

Entendemos que por intermédio dessa abordagem metodológica interdisciplinar possibilita ao pesquisador em se enveredar em campos que antes não eram trabalhados pelos os pesquisadores como a questão dessa espetacularização da fé humana. Diante disso, essa percepção interdisciplinar é o que rege esta pesquisa, colocando em análise essas “visões culturais e epistemológicas” enraizadas na festa do Divino Espírito Santo em

Alvarães/AM.

Acresce que esta pesquisa se fundamentará ainda em uma análise bibliográfica e documental, visto que, será realizado a catalogação de livros, periódicos, documentos, teses e dissertações que serão de suma importância para dar sustentação para o nosso estudo, sobretudo, as atas e livros da igreja de Alvarães. E como está pesquisa irá trabalhar com experiências e memórias individuais e coletivas dos sujeitos epistêmicos que estão inseridos nessa dinâmica sociocultural da Festa do Divino. A etnografia proposta por Geertz (2008) denominada “Descrição Densa”, forjará a base da pesquisa, posto que trata-se de uma abordagem interpretativa sobre a cultura, que promove a interpretação das teias repletas de sentimentos, simbologias e significados produzidos pelos sujeitos epistêmicos na Festa do Divino em Alvarães/AM. Para Geertz decifrar esses complexos culturais é relevante essa interpretação etnográfica de “(...) manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (2008, p. 20). Nossa proposta metodológica da etnografia não deixa de ser também uma espécie de “trilha rizomática”, pois envereda pelos caminhos científico, artístico e poético do fenômeno em tela, tecendo relatos, recordações e pontos de vista acerca da festividade do Divino Espírito Santo. Vale mencionar que a jornada para a construção desta pesquisa será utilizado análises de fatores estéticos como fotografias, músicas e obras artísticas, para tanto usaremos câmera fotográfica, caderno de campo, anotações, gravador de voz, etc.

caminho por uma epistemológica complexa e rizomática nos permitirá refletir sobre diferentes olhares dos sujeitos que vivenciam e se tocam com essa festa regional. De fato, as festas culturais na Amazônia são tecidas por redes rizomáticas que envolve o sentido de identidade cultural fluída.

Deleuze e Guattari (2012) reconstituem este conceito de rizoma para dar conta da complexidade contemporânea permitindo ser instituído como um fenômeno que se corresponde toda uma discursão filosófica “pensamento raiz” que “inventam conexões que saltam de árvore em árvore e que desenraizam” (HOLANDA, 2019, p. 24), entendemos assim, voejar pelo o campo rizomático se configura na tecitura do saber científico aberto e líquido.

DESENHO DO ESTUDO

Este trabalho científico descreve-se em desvelar esses processos socioculturais presentes na Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM, no qual, terão como sujeitos epistêmicos da pesquisa, as pessoas que estão vinculadas nesta festa que ocorre no coração da Amazônia.

Assim, a pesquisadora irá analisar e decodificar os relatos orais dos participantes e colaboradores que fazem parte desta festividade do Divino Espírito Santo. Diante disso, as entrevistas serão semiestruturadas com perguntas desenvolvidas pela pesquisadora deste estudo.

Portanto, essa pesquisa florescerá a partir dos olhares, recordações e sentidos desses sujeitos epistêmicos sobre este evento religioso e dionisíaco. Sendo que, as festas amazônicas vão muito além das festas sociais, e quem estuda sobre esta temática deve ir muito além, pois essas festividades na Amazônia envolvem questões simbólicas e ritualísticas.

LOCAL E PERÍODO DO ESTUDO

O local deste estudo será centralizado no município de Alvarães que faz parte do estado do Amazonas, onde este município interiorano se localiza na margem esquerda do Rio Solimões. Vale mencionar que a pesquisadora irá realizar pesquisa de campo na capela do Divino Espírito Santo, onde ocorre as novenas e adoração em honra à

Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, localizado na Avenida Castelo Branco, nº 218 – Centro.

O período deste estudo ocorrerá em quinze dias de trabalho de campo que serão do dia 18 de junho a 02 de julho de 2023. Então, esses dias serão para a pesquisadora realizar as entrevistas e observar o local que se realiza esta festividade.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Os critérios de inclusão que serão estabelecidos visam principalmente a dignidade, liberdade e o respeito para com os participantes e colaboradores desta pesquisa. Desta forma, participarão deste estudo pessoas que estão na faixa etária entre 25 a 80 anos de idade, sendo que, esses indivíduos epistêmicos são promesseeiros, fiéis e leigos que participam da Festa do Divino Espírito Santo no âmbito religioso e sociocultural.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Nesta pesquisa serão excluídos pessoas menores de 18 anos, pois a pesquisadora irá inserir indivíduos que são maiores de idade, porque faz-se necessário selecionar criteriosamente nesta pesquisa participantes maiores de idade. Neste sentido, a pesquisadora prima em selecionar nas entrevistas indivíduos que possam responder sem autorização dos pais ou responsáveis.

INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados na coleta de dados se consistirão em roteiro de entrevista, caderno de campo, fichas, gravador, smartphone, notebook, câmera. Diante do exposto, esses instrumentos e ferramentas possibilitarão a pesquisadora desenvolver sua coleta de dados de campo sobre a Festa do Divino, em que será realizado o registro de fotos e gravações mediante a autorização dos entrevistados da pesquisa.

PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Inicialmente, será realizado a seleção das pessoas que serão entrevistadas, assim, perguntar-se-á a pessoa tem interesse de ser entrevistada, se sim, ocorrerá antecipadamente a leitura do roteiro de entrevista, e a explanação do trabalho que a

pesquisadora está investigando. Diante disso, as fontes orais serão desenvolvidas em um ambiente onde o entrevistado se sinta confortável e seguro para falar e ser escutado.

Em seguida, a entrevistadora irá perguntar se o entrevistado se sente confortável e conceda que sua fala seja gravada, bem como se sinta seguro para tirar fotos. Vale ressaltar que todas as entrevistas serão elaboradas com perguntas semiestruturadas, em que essas perguntas feitas serão de cunho subjetivo que irão facilitar o entendimento dos entrevistados. Essa pesquisa poderá ser interrompida em qualquer momento se os entrevistados sentirem-se desconfortáveis.

Neste sentido, as entrevistas procederão relevantemente por meio do respeito gerado pela pesquisadora com os seus entrevistados, o qual irá escutar suas memórias e sentimentos relacionados à Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães, então essas recordações afetivas serão fundamentais para a elaboração desta pesquisa. Sendo assim, este estudo científico envolverá pessoas, em que a pesquisadora prezar pela ética e gentileza para com os seus sujeitos epistêmicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de rosto;
2. Projeto completo;
3. TCLE;
4. Carta de anuência;
5. Cronograma;
6. Orçamento;
7. Instrumento de coleta de dados.

Recomendações:

Atualizar o cronograma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um protocolo de pesquisa com seres humanos, o mesmo atende os preceitos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, somos pela APROVAÇÃO. Salvo o melhor juízo é o parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2119159.pdf	17/05/2023 08:26:08		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_MODIFICADO.pdf	17/05/2023 08:21:04	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
Ausência	TCLE_MODIFICADO.pdf	17/05/2023 08:21:04	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA_Projeto_de_pesquisa_CEP.pdf	08/04/2023 21:22:05	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	TERMO_DE_COMPROMISSO.pdf	08/04/2023 21:21:26	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ESTEFANY_CARTA_DE_ANUENCIA.pdf	08/04/2023 21:20:59	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
Orçamento	ESTEFANYORCAMENTO.pdf	08/04/2023 21:20:20	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
Cronograma	ESTEFANYCRONOGRAMA.pdf	08/04/2023 21:20:03	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	ESTEFANY_FOLHA_DE_ROSTO.pdf	08/04/2023 21:19:42	ESTEFANY PEREIRA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 31 de Julho de 2023

Assinado por:
ELIELZA GUERREIRO MENEZES
(Coordenador(a))

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Data de Nascimento:

Idade:

Local de nascimento:

Profissão:

ENTREVISTA

1. A quanto tempo você participa desta festa cultural do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM?
2. Qual a sua ligação atualmente com a Festa do Divino Espírito Santo em Alvarães/AM?
3. Em que momento você começou a participar da festa?
4. Como você conheceu esta festa tradicionalmente cultural?
5. Como era a Festa do Divino antigamente?
6. Para você qual a importância da festa do Divino Espírito Santo para Alvarães/AM?
7. O que você sente quando participa do Festejo?
8. Você é devoto ao Divino Espírito Santo?
9. Já fez alguma promessa ao Divino Espírito Santo? Se sim, pagou como?
10. O que significa e o sentimento sobre a alvorada, a procissão, a promessa e a Fé ao Divino?
11. Você acha que a Festa do Divino Espírito Santo contribui para a circulação de pessoas e dinheiro na cidade de Alvarães/AM?
12. Tem como informar das memórias e sentimentos sobre as Festa no Divino, no qual, você vivenciou?
13. Quais são as suas recordações antigas sobre a cidade de Alvarães/AM?
14. Para você a festa do Divino contribui para construção da identidade cultural da população alvaraense?